

Julio Gabriel de Sá Pereira

**RELAÇÕES COM O SKATISMO EM FLORIANÓPOLIS-SC: um  
estudo sobre a formação do *campo* e do *habitus*.**

Dissertação de mestrado submetida ao  
programa de Pós-Graduação em  
Educação da Universidade Federal de  
Santa Catarina, para a obtenção do  
título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Machado  
Pinto.

Florianópolis  
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Pereira, Julio Gabriel de Sá  
Relações com o skatismo em Florianópolis - SC : um estudo  
sobre a relação do campo e do habitus / Julio Gabriel de Sá  
Pereira ; orientador, Fabio Machado Pinto - Florianópolis,  
SC, 2016.  
165 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós  
Graduação em Educação.

Inclui referências

1. Educação. 2. skate. 3. educação. 4. habitus. 5. campo.  
I. Machado Pinto, Fabio. II. Universidade Federal de Santa  
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.





## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao professor Fábio Machado Pinto, pela paciência e ensinamentos que extrapolam o campo acadêmico. Aos professores Jaison Bassani, Antonio Brunetta e Leonardo Brandão, pelas dicas e trabalhos inspiradores.

A todas e todos os colegas do programa de Pós-graduação em Educação da UFSC. Ao grupo de estudos de Esporte e Sociedade, do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea.

Aos(a) skatistas que gentilmente contribuíram com a pesquisa.

As amigas, amores... A minha família.



*A new skate session now you'll face it  
This will be nice and more than you need  
No rules, no way, style in your tricks  
It's just skateboard, go for it*

*My life is my skateboard, skateboard  
My style is my skateboard, skateboard  
[...]*

*Skate it is over my god, mom and dad  
They don't understand and say: move your ass  
It's discrimination inside their heads  
I think of my skateboard and go ahead*

*My life is my skateboard, skateboard  
My style is my skateboard, skateboard  
[...]*

*Walking in the streets with nothing to do  
I only see this fucking passion  
If you wanna skate, you gotta have a feeling  
Show me a feeling*

*My life is my skateboard, skateboard  
My style is my skateboard, skateboard  
[...]*

*Dead Fish. Just skate, 1997.*



## RESUMO

Nesta pesquisa buscamos refletir sobre as relações que os skatistas constroem em determinados espaços da região da Grande Florianópolis-SC, em específico na pista de skate do bairro Trindade – a *Trinda* –, e no CT SKT – Projeto SKT – projeto que oferece aulas de skate. Foi investigada a apropriação do espaço, as relações de sociabilidade entre os indivíduos, a formação do *habitus* e a construção do *campo* skatista na cidade. Para melhor desenvolver a análise foi feito um resgate histórico do desenvolvimento deste campo desde sua popularização nos Estados Unidos a partir do fim dos anos 1960; consecutivamente no Brasil, na virada da mesma década para os anos 1970, e seu desenvolvimento na cidade de Florianópolis até início dos anos 2000 e dias atuais. Como possibilidade de aprofundamento e contribuição para com a área dos estudos em Educação, discutiu-se a noção de *relação com o saber*, e seus desdobramentos diante dos saberes do skatismo. Concluímos indicando a capacidade oferecida pelo estudo desta noção, em desenvolver tensionamentos no campo científico, em especial, nas Ciências Sociais e da Educação.

Palavras-chave: Skate. Educação. *Habitus*. *Campo*. Florianópolis.



## ABSTRACT

In this research we reflect on the relationships that skateboarders build in certain areas of the Florianópolis city region, specifically in the skatepark of Trindade - the *Trinda* - and CT SKT - Projeto SKT - a project that offers skate lessons. Was investigated the appropriation of space, the relations of sociability among individuals, the formation of *habitus* and the construction of skateboarder field in the city. To better develop the analysis was made a historical research of skateboarder field since its turns popular in the United States from the late 1960s; consecutively in Brazil at the turn of the decade for the 1970s, and the development in the city of Florianópolis until the early 2000s and currently. As a possibility of deepening and contribution to the field of studies in Education, we discussed the *relation to knowledge* notion, and the consequences at the skateboarding knowledge. We conclude indicating the capacity offered by the study of that concept, developing tensions in the scientific field, in particular at the Social Sciences and Education.

Key words: Skateboard. Education. *Habitus*. *Field*. Florianopolis.



## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	15
<b>CAPÍTULO 1: ASPECTOS INTRODUTÓRIOS À FORMAÇÃO DO CAMPO SKATISTA .....</b>	<b>21</b>
Desenvolvimento do <i>campo skatista</i> nos EUA.....	21
No Brasil.....	35
Em Florianópolis .....	41
Cultura juvenil .....	44
<b>CAPÍTULO 2: A FORMAÇÃO DO CAMPO E <i>HABITUS</i> SKATISTA EM FLORIANÓPOLIS.....</b>	<b>51</b>
Anos 2000 – pista da Trindade .....	56
Elementos do campo.....	60
Contatos .....	64
<i>Trinda</i> skatepark .....	68
Na quadrinha da <i>Trinda</i> .....	74
Sociabilidade na <i>Trinda</i> .....	83
Projeto SKT .....	91
Quadro atual do skate: <i>campo skatista</i> .....	114
<b>CAPÍTULO 3: RELAÇÃO COM OS SABERES DO SKATISMO .....</b>	<b>135</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>149</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>155</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>159</b>



## APRESENTAÇÃO

Na pesquisa que segue iremos apresentar uma discussão acerca do desenvolvimento de um *campo* esportivo e da disposição do *habitus*, refletindo posteriormente, a partir destes conceitos, a noção de relação com o saber. Não abordaremos um saber qualquer, mas temos como cenário a prática do skate na região da Grande Florianópolis - SC. Esta prática será encarada aqui para além do seu aspecto mais imediato, ou seja, das suas manobras radicais, da sua oferta de risco para o corpo dos skatistas, do seu caráter transgressor, etc. Tentaremos apresentar o skate enquanto desenvolvimento engajado e comprometido com os objetivos daqueles que o praticam, embasado historicamente e desenvolvido no seio de relações sociais complexas, que possibilitaram e possibilitam a criação de uma rede cultural multiforme, da qual tentaremos nos aproximar em parte.

Em uma pesquisa (CBSK, S/D) feita pelo Instituto Datafolha encomendada pela Confederação Brasileira de Skate (CBSk) para verificar o desenvolvimento do skate no país, teve um resultado que comprova o que se vê nas ruas das grandes cidades. Segundo a CBSK, desde a última pesquisa feita em 2009, o número de domicílios que tem um praticante de skate aumentou de 5% em 2009 para 11% em 2015. Ou seja:

Levando em conta que o número de domicílios no Brasil, apurado e divulgado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD de 2013 era de 65.100.000 (sessenta e cinco milhões e cem mil) domicílios permanentes, o número de praticantes de Skate é de aproximadamente 8.449.980 (oito milhões quatrocentos e quarenta e nove mil novecentos e oitenta) pessoas (CBSK, S/D).

A estimativa é a de que o skate teve uma progressão de 100% no número de praticantes, superando as expectativas de progressão de pesquisa de outros anos, que apresentava, por exemplo, ascensão entre 11 e 20% do início dos anos 2000 até 2009. A pesquisa mostrou também que as meninas estão andando mais de skate: passaram de 10% em 2009, para 19% na última pesquisa.

Outro dado que tem uma expressividade importante para a nossa discussão aqui, é a média de idade dos skatistas, que apresenta sua maioria – 36% - entre os 11 e 15 anos de idade; seguido pelas crianças de até 10 anos – 26% -, enquanto adolescentes e jovens de 16 a 20 anos, e o público com mais de 21 anos de idade completam a lista com 21 e 17% respectivamente. Isto nos mostra, de modo geral, o comprometimento de um público majoritariamente jovem com a prática do skate no Brasil. Esta pesquisa ainda nos mostra um recorte de classe, em que a maioria dos skatistas estão concentrados nas classes B e C – 39 e 48% -, ressaltando assim que os skatistas vem das classes médias de nossa sociedade.

A preocupação da citada confederação é a de demonstrar quantitativamente a expressão do skate para a sociedade de modo geral, buscando assim maior respaldo não somente da população, mas também do poder público, com vistas principalmente a conquistas de “benefícios” para os skatistas, como coloca a matéria. Só diante desta pesquisa feita pela Confederação Brasileira de Skate, já podemos apontar alguns aspectos que são de nossa preocupação, e que remetem à reflexões que julgamos importantes para o aprofundamento da discussão sobre o skatismo, assim como daquilo que transpassa a prática do skate em si.

É dado que o skate é um objeto real. Para além da estatística, os skatistas estão cotidianamente embalando seus *carrinhos*<sup>1</sup> para cima e para baixo pelas ruas da cidade, desviando de outros corpos, procurando obstáculos, utilizando as pistas. Estão também consumindo, comprando peças para o skate, se vestindo como acham que se veste um skatista, movimentando o mercado, participando do *movimento skatista*, indo a festas e eventos, etc., porque, acima de tudo, são também jovens. Estudam, trabalham, são vistos como consumidores em potencial, como uma classe social, ao passo que, se não disciplinados, podem oferecer problemas ao que está dado como *bem comum*. E se tem uma fama que skatista leva, apontado pelo senso comum, é a de indisciplinado, transgressor, potencialmente envolvido com drogas, vândalo, etc.

Nosso intuito aqui é problematizar aquilo que o senso comum coloca, indo além também do que está dado sobre a prática do skate. Não basta somente apresentarmos o que o skate tem de real. Precisamos também entender esta realidade e o que de subjetivo tem no skate, que, de certa forma, embala o embalo dos skatistas. Para isto é preciso bastante esforço e fôlego para o necessário mergulho neste universo,

---

<sup>1</sup> Equivalente ao skate no termo nativo.

ainda que não tão profundo no nosso caso. Descrever e analisar algo que é visto popularmente como brinquedo, jogo, divertimento juvenil, necessita de redobrada atenção e empenho, justamente para tentar explicar algo que foi sempre pormenorizado; justamente para tentar entender aqueles que foram sempre negligenciados de certa maneira, o que se reflete diretamente no nosso trabalho.

Diante disto, expomos nas páginas a seguir um apanhado histórico, que mostrará o desenvolvimento da cultura skatista, resgatando a sua relação com o surf na Califórnia nos anos de 1960, mostrando a importância de um time de skatistas também na Califórnia – os Z-Boys – e como eles são considerados ícones atualmente quando se fala de skate num aspecto sócio-cultural. Estes skatistas transformaram a maneira de se relacionar com um simples objeto, dando outros significados não somente para a prática skatista, mas transbordando disto, dando outros significados para a forma de se relacionar com o corpo, através das manobras inventadas, através da moda visual; trazendo outros significados quanto à relação com o meio urbano também, ocupando piscinas vazias nos quintais das casas, deslizando pelas ruas, etc.

No Brasil o skate também aparece fortemente no litoral – no Rio de Janeiro, inicialmente – também no período dos anos 1960, e como na Califórnia, tem forte ligação com o surf. Não demora para que isto se torne objeto de curiosidade e popularidade entre a juventude da época, fazendo com que se criem os canais de comunicação desta nova onda. As revistas *teens* ocupam este papel divulgando a imagem *descolada* do jovem urbano. Esta propaganda chega aos jovens dos grandes centros urbanos do país, inclusive em Florianópolis. A cidade, por sua vez, tem parte na história do skate nacional, especialmente por ter construído uma das primeiras pistas de skate do país e receber um dos primeiros campeonatos na década de 1970.

Todo este processo se desenvolve no contexto em que se discutiam as identidades juvenis. A juventude no mundo ocidental passava por um momento de empoderamento e busca pela libertação individual. Desde o movimento *hippie* até os *punks*, esta classe social em ascensão neste período, passa a ter maior visibilidade, principalmente por buscar novos canais de expressão – música, e nas artes em geral; no esporte –, que refletiam o seu ponto de vista sobre aquilo que viviam. Historicamente tratado como algo ou determinado período entre a infância e o adulto, a juventude a partir das décadas de 1960 e 1970 passa a ser vista como parte da sociedade, sobretudo sobre

o viés do trabalho e do mercado: são força produtiva e, sobretudo, consumidores. Mas o que significa para eles serem jovens? Com quais identidades se identificam?

O segundo momento deste trabalho se aproxima mais do nosso tema central que é o skatismo. Procuramos desenvolver uma discussão sobre a prática do skate na cidade de Florianópolis, especificando naquilo que mostraram observações e relatos dos skatistas envolvidos em dois campos: a skatepark da Trindade, ou, utilizando o termo nativo, a *Trinda*; e o Projeto SKT. No primeiro caso trazemos uma pesquisa anterior a presente, mas que dá seguimento a ela, onde procurou-se interpretar as experiências vividas na *Trinda* a partir de discussões sobre sociabilidade e o desenvolvimento do *campo* skatista através das disposições de *habitus*, testando metodologicamente ferramentas etnográficas. Através de observações participativas, levantaram-se dados que indicavam as discussões no âmbito das relações sociais, notadamente entre jovens esportistas, em situação de sociabilidade, pensando sobre o *pedaço* skatista que é a *Trinda* (MAGNANI, 1998; 2002; 2005): lugar de reconhecimento entre os pares, mas não necessariamente de relações tão profundas como num sentido familiar. Neste sentido foi proposto também a reflexão sobre a configuração de um *campo* skatista e o *habitus* que dão sustento para os agentes deste *campo* (BOURDIEU, 1983; 2004; 2009). Trazemos o conceito de *campo* aqui para entender as posições sociais que desenvolvem os skatistas, entendendo a prática do skate enquanto um bem simbólico produzido, consumido e classificado pelos próprios skatistas, que são também atravessados por outros sentidos, não exclusivos à prática em si. Este *campo* ajuda a sustentar e dá sustento aos modelos de ser skatista – a um *habitus* skatista –, que por sua vez geram percepções e apreciações sobre a prática do skate.

Este aspecto teórico fez a mediação para que pudéssemos apresentar o segundo aspecto do nosso campo, que é o Projeto SKT<sup>2</sup>. Trata-se de um projeto que oferece aulas de skate para todas as idades, estando estes em qualquer nível técnico. Não foi possível, como veremos no decorrer do texto, uma aproximação mais rigorosa com este campo, impossibilitando uma descrição e análise detalhada deste projeto. Mesmo assim, foram entrevistados quatro alunos-skatistas, os quais compartilharam suas impressões sobre a sua experiência no

---

<sup>2</sup> O nome do projeto foi modificado para preservar a identidade dos envolvidos no mesmo.

projeto, bem como sobre sua relação com o skate em seus aspectos mais gerais.

Diante deste panorama geral do skatismo, que chega a sua forma educativa, por assim dizer, com o Projeto SKT, discutimos por fim a relação com os saberes do skatismo. A partir, fundamentalmente, do que pensou o sociólogo Bernard Charlot (2000; 2001; 2005), propomos uma reflexão sobre a relação que o skatista desenvolve com o saber contido nesta prática. Nossa intenção é a de identificar o que mobiliza os sujeitos a entrar na atividade skatista, a permanecer praticando e treinando e a se tornar skatista. Trata-se de inventariar aspectos subjetivos e objetivos deste fenômeno, o que não foi metodologicamente possível de ser realizado nesta pesquisa, mas que nos permite perspectivar uma continuidade deste estudo. Desta forma, demonstramos a importância do estudos dos desejos, vontades, aspectos psíquicos, que estes skatistas dispõem e que tomam forma na prática daquilo que consideram fazer sentido, num mundo singularmente possível, que é, também, o mundo do outro. Demonstrando, de certa maneira, que os conceitos de *habitus* e, conseqüentemente, de *campo*, podem nos ajudar a compreender o fenômeno, mas encontram-se limitados a uma perspectiva macrosociológica, que não nos permite considerar as peculiaridades de tal fenômeno, ou ainda, a compressão do objeto como um universal-singular. Diante disso, este capítulo se apresenta incompleto, inconcluso e aberto para futuros estudos.



## CAPÍTULO 1: ASPECTOS INTRODUTÓRIOS À FORMAÇÃO DO CAMPO SKATISTA

A dificuldade em acessar algumas referências históricas sobre a prática do skate não nos torna possível precisar exatamente o início desta prática. Estas dificuldades se deram principalmente pelo fato de algumas obras serem publicadas somente no exterior<sup>3</sup>. Outras obras, nacionais, já fora de catálogo nas editoras, encontradas na internet, são raridades, parecendo itens de colecionador. Entre estas obras destacamos o livro *A Onda Dura*<sup>4</sup>, organizado por Eduardo Brito, que retrata a história do skate no Brasil nas décadas 1970 até 1990, trazendo mais de 130 fotos e contando também com relatos de skatistas da época, como César Gyrão, Césinha Chaves, entre outros (YNDIO, 2009). Desta forma, as fontes que iremos abordar aqui são em grande parte fontes de *segunda mão*, ou seja, aquelas que encontramos em trabalhos de autores que tiveram contato com tais obras em suas pesquisas. Um pesquisador principal que irá nos guiar no sentido histórico, será Leonardo Brandão, especialmente a partir de seu livro *Para Além do Esporte: uma história do skate no Brasil* (2014), que além de abordar as fontes citadas acima, analisou revistas especializadas em skate, assim como outras que não tinham o skate como foco principal, mas o universo jovem que englobava a prática como aspecto cultural deste universo.

### Desenvolvimento do *campo* skatista nos EUA

Para darmos início ao assunto sobre a história do skate, cremos importante entender a sua origem, que segundo Leonardo Brandão, a partir do que pesquisou Rhyn Noll (2000 apud BRANDÃO, 2010, p. 61), data de 1936, ano que o primeiro skate foi patenteado. Trazendo

---

<sup>3</sup> Entre a literatura específica citada por Brandão (2014) estão:

BROOKE, Michel. *The concrete wave: the history of skateboarding*. Warwick Publishing: Los Angeles, 1999.

DAVIDSON, Ben. *The skateboard book*. New York: Grosset & Dunlap, 1976.

NOLL, Rhyn. *Skateboard retrospective*. Coatsville: Schiffer Book, 2000.

<sup>4</sup> Em sites de venda é possível encontrar exemplar do livro pelo valor de R\$ 380,00 a R\$ 399,00.

Disponível em: <<http://www.estantevirtual.com.br/livrariaamaral/Eduardo-Britto-A-Onda-Dura-3-Decadas-de-Skate-no-Brasil-215896659>>;

<[http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-754319057-a-onda-dura-\\_JM](http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-754319057-a-onda-dura-_JM)>.

Acesso em: 3 mai. 2016.

outro sentido sobre a invenção do skate, Marco Antônio Lopes (2005) coloca que o skate surgiu como uma brincadeira entre os anos 1930 e 1940 nos Estados Unidos a partir das patinetes *scooters* [ver imagem 1] feitas de madeira. Segundo ele, sem o guidão deste brinquedo, os garotos tentavam se equilibrar sobre a prancha.

**Imagem 1:** patinete *scooter*.



Fonte: <<https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/736x/3f/ef/46/3fef466754c09df24428acd037d388dc.jpg>>. Acesso em 9 ago. 2016.

Este período, que compreende as décadas da primeira metade do século XX, não será nosso interesse nesta pesquisa, por carecer de maiores aprofundamentos históricos, mas principalmente por não ser possível identificar aquilo que podemos chamar aqui, ainda que de modo simplista, de *virada cultural juvenil*, assim como aconteceu na segunda metade do mesmo século, especialmente nos anos 1960 e 1970. Como veremos na sequência, a prática do skate não pode ser analisada de maneira descolada deste período que ficou marcado pelas chamadas

*revoluções culturais*, que influenciaram fortemente o desenvolvimento das culturas juvenis dos anos que seguiram. Resumindo:

Em um contexto mais amplo, sabemos que este período ficou marcado, de acordo com diversos pesquisadores, por grandes mudanças comportamentais ocorridas em diversas partes do mundo e articuladas, na maioria das vezes, à ascensão da juventude como uma categoria social (BRANDÃO, 2014, p.25)

Quanto a este período transformador para a juventude, iremos trazer mais informações adiante. Deteremo-nos por enquanto a entender o skate e seu desenvolvimento cultural, partindo das relações com outros campos sociais. Para ser mais específico, trataremos da popularização do skate nas décadas de 1960 e 1970.

Uma das principais referências para entendermos o desenvolvimento do que é a prática do skate hoje é o vídeo-documentário *Dogtown and Z-Boys: onde tudo começou* (2001). Esta produção servirá aqui como introdução à discussão não somente da prática do skate em si, mas mostrando também aspectos importantes relacionados à cultura difundida pelos skatistas da época e que explica muito do que se entende por *ser skatista* ou *andar de skate* atualmente.

Como já dito, o skate, enquanto um objeto, um brinquedo, se cria através do desmembramento de outro brinquedo chamado *scooter*, mais conhecido no Brasil por patinete. Mas foi através do surf que os skatistas deram outros significados para esta prática. Na década de 1950 a prática do skate já se difundia em Malibu, próximo a cidade de Los Angeles no estado da Califórnia, litoral oeste dos Estados Unidos da América. Pareciam pequenas pranchas de surf e os movimentos eram inspirados nesta prática aquática, segundo relatos dos skatistas da época (DOGTOWN, 2001). O surf, por sua vez, tem sua configuração enquanto esporte antes do skate na primeira metade do século XX, também na costa oeste dos EUA: “Após ser incorporado pela cultura dos lazeres norte-americana, o surf passou a tomar dimensões bem diferentes, tornando-se um ‘esporte’ associado à juventude, à contemplação da natureza e aos prazeres corporais” (BRANDÃO, 2014, p. 48). Esta incorporação tem no cinema, mais fortemente a partir dos anos de 1950, um importante intermediário para a propagação do surf enquanto símbolo do novo estilo de vida da juventude norte-americana. Anteriormente – muito anteriormente – a isto, o surf era praticado nas

ilhas da Polinésia, mas com outros significados – religiosos e cerimoniais. Segundo Cleber Dias, “a descoberta do surf ocorreu por intermédio do explorador britânico James Cook (1728-1779), quando este, chegando ao Havai, deparou-se com ‘a incrível cena de homens flutuando sobre as águas’” (2009 apud BRANDÃO, 2014, p. 47-48). Esta relação entre surf e skate irá aparecer no decorrer do texto de maneira não muito cronológica, sendo possível por vezes até mesmo confundi-las. Neste sentido é necessário a atenção do leitor, pois assim como se desliza pelas ondas do mar e do concreto, as informações podem se apresentar de modo mais fluído.

Retornando ao contexto do início da década de 1960, e agora falando do skate, o mesmo se tornava uma atividade alternativa para a juventude norte-americana. Marcas relacionadas ao skate surgiram e logo passaram a montar times de skatistas para que participassem de campeonatos, que tinham como organizadores as próprias marcas. Não demorou muito para que o objeto fosse relacionado como perigoso, devido às frequentes quedas, a *febre* do skate nos EUA passa por volta de 1965, perdendo a preferência para o *iô-iô* e o *bambolê*. No início dos anos 1970 o skate era visto como uma brincadeira antiga sendo difícil adquirir um, de forma que os skatistas mais resistentes tiveram que fazer seus próprios skates com pedaços de madeira e eixos de patins. Era o que faziam os garotos da região litorânea chamada de Dogtown, uma parte pobre e de aspecto decadente da cidade de Los Angeles, aos quais daremos mais atenção agora.

No ano de 1972 o surfista Frank Nasworthy criou as rodas para skate Cadillac Wheels, feitas de uretano, material diferente do que era usado até então, como o plástico, metal ou argila. Esta invenção abriu caminho para uma revolução na prática do skate, já que a aderência com o solo e a velocidade atingida era maior, permitindo a evolução e a inovação das manobras. O contexto desta nova fase é a parte litorânea da cidade de Los Angeles já citada, onde um grupo de garotos foi considerado os inventores da prática do skate que conhecemos atualmente.

Mais conhecidos como os Z-Boys, ou, os garotos da equipe Zephyr<sup>5</sup>, estes skatistas reinventaram a forma de praticar o skate nas cidades. Andavam de skate depois de surfar e fingiam estar surfando nas

---

<sup>5</sup> Os skatistas da equipe Z-Boys eram: Shogo Kubo, Bob Biniak, Nathan Pratt, Jim Muir, Allen Sarlo, Tony Alva, Paul Constantineau, Jay Adams, Wentzle Ruml, Chris Cahill, Stacy Peralta e Peggy Oky, a única mulher do grupo (DOGTOWN... 2001).

ladeiras. Importante ressaltar que eles não eram os únicos skatistas da região, fato que o documentário pouco aborda, dando maior visibilidade para este grupo. O skate era até então o segundo esporte praticado pelos jovens da região depois do surf, deslizavam pelas ladeiras quando as ondas eram ruins. Um exemplo da forte influência do surf na prática do skate que crescia nesta época é a manobra chamada *Bert Slide*: *Bert* é a abreviatura de Bertlemann, sobrenome do surfista cujos movimentos eram copiados em cima do skate.

**Imagem 2:** Equipe Zephyr: os Z-Boys.



Fonte: <[http://burningflags.com/wp-content/gallery/dogtown-the-legend-of-the-z-boys/front\\_end\\_sheets\\_team\\_shot-copy.jpg](http://burningflags.com/wp-content/gallery/dogtown-the-legend-of-the-z-boys/front_end_sheets_team_shot-copy.jpg)>. Acesso em: 4 out.2014.

A própria geografia do local – costa oeste dos Estados Unidos – ajudava a relacionar os dois esportes, já que nas escolas, que se situavam no vale, era possível encontrar barrancos asfaltados devido aos desníveis do terreno. Além disto, o estilo do surf era importante, e a maneira de se comportar em cima do skate, de se movimentar como se estivesse *rasgando* as ondas, era ressaltado pelos skatistas de Dogtown. Outro ponto importante que está ligado a este *estilo surfista* de praticar o skate é a questão da imagem, pois o surf, em especial nesta região, era visto

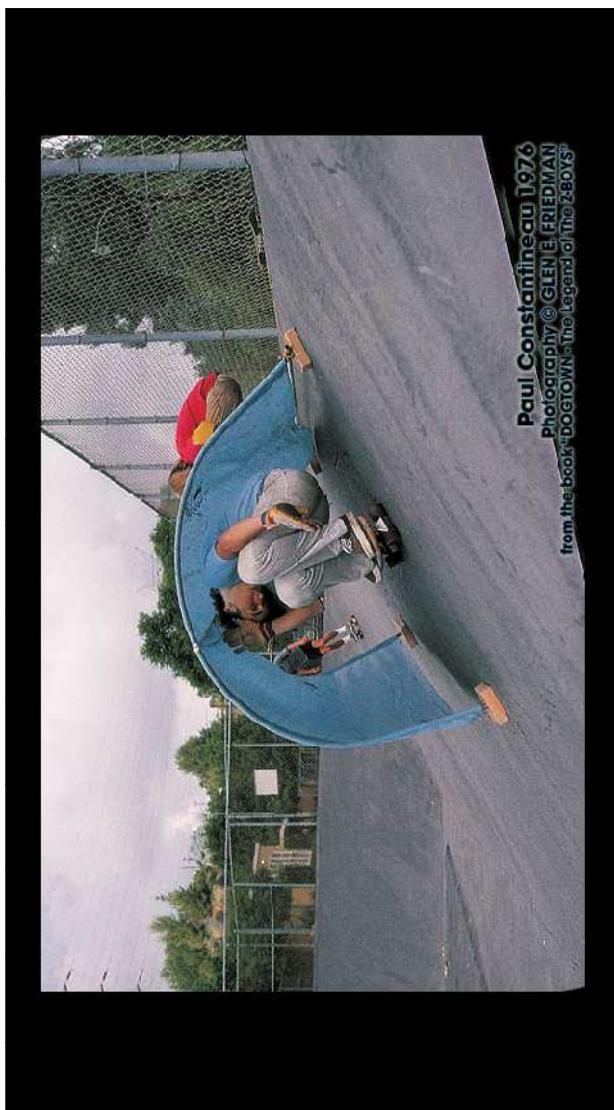
como algo marginal e agressivo, efetivado pelo localismo difundido pelos surfistas da área. Notam-se os itens do comportamento, da vestimenta, da música, inclusive das pichações, que inspiravam os traços dos artistas que tinham ligação com a arte, o skate e o surf.

**Imagem 3:** Surfistas em Dogtown



Fonte: <<http://destinocalifornia.com/wp-content/uploads/2013/03/ZBoys-zephyr-surf-team-e-jeff-ho.png>>. Acesso em: 4 out. 2014.

**Imagem 4:** influência do surf.



Fonte: <[http://burningflags.com/wp-content/gallery/dogtown-the-legend-of-the-z-boys/dt\\_z\\_gef\\_p119.jpg](http://burningflags.com/wp-content/gallery/dogtown-the-legend-of-the-z-boys/dt_z_gef_p119.jpg)>. Acesso em: 4 out. 2014.

**Imagem 5:** influência do surf [2].



Fonte: <[http://tropicsofmeta.files.wordpress.com/2012/02/jay\\_adams\\_lite.jpg](http://tropicsofmeta.files.wordpress.com/2012/02/jay_adams_lite.jpg)>. Acesso em: 4 out. 2014.

**Imagem 6:** influência do surf [3].



Fonte: [https://missmichellelouise.files.wordpress.com/2012/08/1365\\_680.jpg](https://missmichellelouise.files.wordpress.com/2012/08/1365_680.jpg).  
Acesso em: 4 out. 2014.

**Imagem 7:** visual agressivo.



Fonte: <<http://dogtown.asmik-ace.co.jp/image/photo03.jpg>>. Acesso em 4 out. 2014.

**Imagem 8:** contexto urbano.



Fonte: <[http://3.bp.blogspot.com/-N\\_Fv1-eJ46k/UGEX\\_Yq-FfI/AAAAAAAAAGDc/wYMX4oh4LFc/s640/Locals-Only-C.R.-Stecyk-III-Dogtown-570x3803.jpeg](http://3.bp.blogspot.com/-N_Fv1-eJ46k/UGEX_Yq-FfI/AAAAAAAAAGDc/wYMX4oh4LFc/s640/Locals-Only-C.R.-Stecyk-III-Dogtown-570x3803.jpeg)>. Acesso em: 4 out. 2014.

A notabilidade relacionada aos Z-Boys tem como um de seus mais importantes quesitos a revolução na prática do skate, no seu sentido mais objetivo, quando estes deram aquilo que parece ser o passo definitivo para outro nível, outra ideia de andar de skate. Unindo o desejo de se estar em cima do skate diariamente, com um aspecto *natural* que foi um período de seca e racionamento de água na

Califórnia, estes jovens viram nas piscinas esvaziadas a oportunidade de um novo desafio. Enquanto muitos poderiam encarar como um momento de apreensão e dificuldade – naturalmente compreensível –, estes skatistas empreenderam outro exercício naquele contexto.

Numa nova relação com a cidade, os skatistas de Dogtown passaram a *caçar* piscinas em que eles pudessem andar. Aqui cabe explicar de que tipo de piscinas estamos nos referindo, e para isto trazemos a explicação de Leonardo Brandão (2006), que melhor resume este aspecto: “Na Califórnia, a quase totalidade das piscinas existentes possui formato oval, redondo... as paredes possuem transições, que lembram as ondas do mar, com ondulações simétricas e perfeitas.” (BRANDÃO, 2006, p. 60). Diferente do que estamos acostumados a ver no Brasil, onde “[...] as piscinas são quadradas, retangulares, com as paredes retas, as quais formam um ângulo de 90° graus com o chão.” (BRANDÃO, 2006, p. 60). Geralmente construídas em propriedades particulares – nos quintais das casas –, as invasões para o proveito das piscinas eram constantes, e na maioria das vezes as sessões acabavam em fuga dos *invasores* para evitarem serem presos pela polícia. O que torna este ponto interessante são os relatos de que isto fazia do momento um evento especial. Cada piscina descoberta era uma experiência diferente, já que sabiam da grande probabilidade de nunca poderem voltar ao mesmo local. Quando ocorria a possibilidade da volta, a propaganda sobre a piscina era proibida. Eles mantinham em segredo o local para evitar movimentações, e assim, outras expulsões. Dado que nos remete novamente a prática do surf, em que cada onda, ou praia em que elas ocorrem, é especial, sendo necessário então aproveitá-las ao máximo.

**Imagem 09:** piscina sem água



Fonte: <[http://www.sonymoviechannel.com/sites/default/files/movies/photos/zb\\_0ys\\_stl\\_6\\_h\\_8x10.jpg](http://www.sonymoviechannel.com/sites/default/files/movies/photos/zb_0ys_stl_6_h_8x10.jpg)>. Acesso em: 4 out. 2014.

Neste contexto de urgências, a prática nas piscinas se dava no mesmo ritmo. A cada subida e descida pelas laterais das piscinas os skatistas pressionavam e eram pressionados pelos colegas a irem cada vez mais alto, ou fazer o movimento mais difícil em cima do skate. Tentando chegar o mais próximo da borda da piscina, não demorou muito para que alguém extrapolasse este limite. Foi então que Tony

Alva executou o primeiro aéreo<sup>6</sup> entre aqueles skatistas, e a partir deste fato para o que conhecemos hoje como *skate vertical*<sup>7</sup>, praticado no *half pipe*<sup>8</sup>, foi literalmente um salto na história.

**Imagem 10:** aéreo de Tony Alva.



Fonte: <<http://www.thatfilmguy.net/wp-content/uploads/2013/10/Dogtown-and-Z-Boys.jpg>>. Acesso em: 13 nov. 2014.

---

<sup>6</sup> Esta manobra consiste basicamente num voo para além da borda da piscina, neste caso, retornando para a parede da piscina, de onde também foi lançado este voo.

<sup>7</sup> Skate vertical é a modalidade praticada em rampas como o *half pipe* e *bowl*, onde predominam as manobras aéreas.

<sup>8</sup> O *half-pipe*, em português *cano pela metade*, é a rampa que apresenta o formato de “U”.

A partir de 1975 o entusiasmo retorna entre os skatistas com a promoção de campeonatos, marcas novamente apoiando os competidores, dando início de certa maneira à profissionalização do skate. Um ponto que deve ser ressaltado aqui é a importância da mídia neste momento, com o surgimento de revistas voltadas para a cultura skatista. Assim se criou espaço para a propaganda de materiais de skate, bem como daquilo que envolve o *espírito do skate*, tais como as modas de se vestir, a música – ou as bandas – que ouviam os skatistas, enfim, era a imagem do skatistas que estava sendo construída. Devido aos limites em relação às referências bibliográficas deste importante contexto da prática do skate nos EUA, não nos aprofundaremos na discussão sobre o *campo* skatista que se desenvolvia lá. Seria o caso em tal empreitada para melhor compreender as dimensões do skate daquela época no país, ter acesso a maiores informações sobre as empresas e marcas, as federações, competições e equipes, a organização da publicidade, etc. Esta dificuldade também se apresenta quanto ao desenvolvimento histórico do *campo* do skate no Brasil, fundamentalmente diante dos dados encontrados. Deve-se valorizar o esforço daqueles que mergulharam no universo skatista com o intuito de melhor compreender esta prática, que ainda tão pouco se pesquisa no meio acadêmico. Lembramos especialmente as investigações sobre o passado do skate, que nos oferece um entendimento sobre seu desenvolvimento, para que assim, possamos analisar o que encontramos na realidade presente. Adiante, portanto, tentaremos aprofundar na medida do possível, o desenvolvimento do *campo* skatista brasileiro, a partir do viés histórico, com vistas a melhor compreender a cultura do skatismo atualmente.

### **No Brasil**

A prática do skate no Brasil, segundo as referências encontradas, data da virada dos anos 60 para os anos 70 do século passado, tendo como ponto central e predominante o estado do Rio de Janeiro, mesmo com indícios de sua presença neste período em outros estados, como São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Estas informações ainda carecem de maiores investigações, pois como relata Tony Honorato, “há rumores do surgimento do skate no Rio de Janeiro em 1964, mas como nada foi documentado torna-se difícil apontar o ano de forma precisa.” (2004 apud BRANDÃO, 2012, p. 20).

Foi mais fortemente na década de 1970 que os chamados “esportes californianos”, mais tarde reconhecidos como “esportes radicais” se tornaram muito populares entre os jovens brasileiros, neste contexto marcado por diversos acontecimentos pelo mundo, e principalmente marcado pelo posicionamento da juventude enquanto categoria social. Em tais circunstâncias podemos citar rapidamente as ditas revoluções sexuais – com a venda de anticoncepcionais para as mulheres, por exemplo –, assim como a busca pelas liberdades individuais – muito marcadas pelo maior acesso ao consumo de mercadorias –, aos prazeres do ócio e do lazer no tempo livre, com os estímulos das artes e a experiência das drogas. Este período, portanto, “[...] assistiu a uma juvenilização da cultura e com ela a busca por novos canais de expressividade” (BRANDÃO, 2014, p. 27). Era preciso alcançar outros caminhos para a liberdade, ter novas esperanças e sonhos, diferentes daqueles que enfrentaram as gerações passadas, com o terror das guerras.

O Brasil dos anos 1960-1970, como é sabido, viveu um breve período de democratização e depois caiu numa ditadura militar que perdurou por duas décadas, diante da qual uma parte da juventude – majoritariamente estudantil – estava envolvida em movimentos de resistência contra este regime, e outra – ao que tudo indica também estudantes e de classe média – buscava nas práticas corporais a experiência da excitação, também como forma de contestação, porém cultural e nem tanto de embate contra o regime político da época<sup>9</sup>.

Apesar do contexto turbulento em certos aspectos, os skatistas não se interessavam pelo que o governo estava ou não fazendo, mas estavam preocupados com aquilo que o skate poderia proporcionar a eles enquanto indivíduos: “Ninguém [entre os skatistas] queria saber o que o governo ou os militares faziam, [deslizar sobre um skate] era muito mais um escape pela contracultura, rebeldia e alienação” (2011,

---

<sup>9</sup> A juventude parece ser tratada no período da ditadura civil-militar brasileira, quase sempre como engajada nos movimentos estudantis da época. Por isso sentimos a necessidade de uma reflexão maior neste sentido. Numa busca rápida sobre juventude e ditadura militar no Brasil na internet, dois artigos nos parecem interessantes:

NORONHA, Danielle Parfentieff de. **Juventudes e ditadura militar**: as representações no cinema brasileiro contemporâneo. 3º Encontro baiano de estudos em cultura. S/D.

SPERANDIO, Amábile. **A juventude elitista e a ditadura militar no Brasil**. 25ª Semana de ciências sociais: 50 anos do golpe militar. UEL. 2014.

apud BRANDÃO, 2014, p. 29. Inserções do autor). A relação do skatismo com a contracultura é pertinente, segundo Brandão (2014, p. 29), “haja vista que ‘a contracultura é um movimento *drop out*, isto é, pula-se fora do sistema, não há uma tentativa de alterá-lo como um todo’”. Com o aumento da repressão aos movimentos sociais após o AI-5, e com isso a descrença nos projetos políticos considerados utópicos, as perspectivas individuais subscritas no corpo se tornam as ferramentas de contestação por parte da juventude da época. Estava em jogo a manutenção de um olhar hedonista destes jovens para com eles mesmos, por mais que esta contemplação viesse do risco que o skate oferecia ao corpo.

No Brasil, assim como nos EUA, o skate inicialmente não era visto de modo distinto da prática do surf, chamado não por acaso – pelas revistas *Veja* e *Pop*, analisadas por Brandão (2014) – de “surf de asfalto”, no qual os skatistas reproduziam sobre as pequenas pranchas movimentos semelhantes aos feitos nas pranchas de surf. Por aqui também houve importante participação da indústria do entretenimento na construção da identidade juvenil relacionada à prática do surf. Leonardo Brandão (2014) cita filmes dos anos 1960, 1970 e 1980, que indicam a popularização do surf neste período, já que traziam em sua trama personagens praticantes do esporte. São eles: *Garota de Ipanema* de 1967; e *Nas ondas do surf*, *Nos embalos de Ipanema*, *Menino do Rio* e *Garota Dourada*, entre 1970 e 1980.

As semelhanças entre surf e skate nos EUA e no Brasil não param. Os surfistas brasileiros também se utilizavam do skate em dias de poucas ondas para deslizar pelas ruas. Alguns depoimentos colhidos por Brandão (2014) indicam essa proximidade, onde surfistas eram também skatistas e vice-versa, mas apontando para o problema da generalização deste fato, já que o skate e o surf se configuravam territorialmente de modo distinto: um nas ondas do mar; outro nas ruas e calçadas da cidade. Isto nos permite problematizar, por exemplo, o fato de o skate ter se desenvolvido também em cidades não litorâneas. Ou seja: “[...] uma influência do surf sobre o skate, [e] o intercâmbio entre essas duas modalidades [...], não pode ser pensado como uma fórmula aplicável a todos os agentes dessa época, sem exceção social, financeira ou territorial, por exemplo” (BRANDÃO, 2014, p. 51. Inserção nossa).

Em São Paulo, os relatos colhidos por Brandão (2014) indicam que os skatistas da época tinham contato com o skate através de revistas de surf, e assim, construíam seus skates com pedaços de madeira em formato de pequenas pranchas de surf com eixos e rodas de patins

acoplados à mesma. Como não havia o comércio deste objeto no país, tendo que improvisar com eixos de patins e pedaços de madeiras, os primeiros skatistas brasileiros imitavam aquilo que viam nas páginas das revistas importadas. Ainda assim, a relação com o surf existia, e em alguns casos o surfista tinha sua iniciação nas pranchas através do skate. O exemplo de Sergio Mendes, skatista e surfista de meados dos anos 1970, ilustra essa relação:

Na mesma época em que Sergio Mendes conheceu o skate, ele se deparou com o surf através das páginas de duas revistas importadas (*Surfing* e *Surfer*) que eram vendidas em São Paulo nas bancas da Praça da República. Essa influência o levou a comprar uma prancha de surf e também dar início a essa outra atividade pelas praias do litoral paulista. [...]. Durante a primeira metade da década de 1970, Sergio Mendes afirma que todos os jovens que conheceu em São Paulo, e que andavam de skate, também surfavam, pois o skate parecia ser um estágio inicial do surf naquele período (BRANDÃO, 2014, p. 52).

Nos anos 1970 no Estado do Rio de Janeiro estavam sediadas as revistas pioneiras na divulgação do skate brasileiro, assim como durante esta década foram promovidos na cidade os eventos considerados fundamentais na história do skate no país: primeiro campeonato de skate do Brasil em 1974; primeira demonstração de uma equipe de skate em 1977. No Rio de Janeiro também foi inaugurada a primeira pista de skate da América Latina, no município de Nova Iguaçu em 1976. Já em São Paulo, no início dos anos 70, skatistas já praticavam a novidade. Em 1977 contavam com uma pista para a prática, a pista de Alphaville, e em 1978 ocorreu o torneio Luau de Skate para um público estimado em 2.500 pessoas.

No ano de 1979 foram construídas três pistas no Rio Grande do Sul: a Swell Skatepark em Viamão; o parque da Marinha em Porto Alegre e o Ramon's Bowl em Novo Hamburgo. Para ilustrar este período de ascensão do skate no Brasil e indicar o crescimento do mercado voltado para esta prática, Brandão (2006) cita o que a mídia especializada da época relatava: “Conforme também anuncia o editorial da revista *Esquete*, na década de 70 esta prática, embora tenha no Rio de Janeiro seu canal mais expressivo, passou a ‘virar coqueluche em lugares como Brasília, Minas Gerais, São Paulo e grande parte do

Paraná’.” (BRANDÃO, 2006, p. 90). Em Florianópolis, no ano de 1978, ocorreu um campeonato brasileiro em Jurerê, considerado importante no desenvolvimento do skate em nível nacional, ponto que iremos nos aprofundar mais adiante.

Para afirmar a importância das mídias no desenvolvimento do skate no país, ressaltamos um dado interessante sobre o acesso aos skates que ocorria, por exemplo, através de surfistas cariocas. Estes, por sua vez, tinham acesso ao material através de revistas norte americanas, onde o skate aparecia com menos espaço em propagandas de lojas de surf (BRANDÃO, 2012). Outros personagens deste acontecimento são aqueles que relacionam o site da Confederação Brasileira de Skate, que diz: “Anos 60: Surgimento do skate, primeiro no Rio de Janeiro, provavelmente trazidos por filhos de norte americanos e/ou por poucos brasileiros que viajavam para os Estados Unidos da América naquela época, principalmente por quem estava começando a surfar no Brasil.” (CBSK, S/D). De qualquer forma, no início da década de 1970 os surfistas cariocas já confeccionavam seus próprios skates, na época chamados de *surfinhos*, ou *surfe de asfalto*. Foi somente em 1974 que os primeiros skates foram comercializados no Brasil nas lojas especializadas em materiais para a prática do surf. (BRANDÃO, 2006, p. 84).

**Imagem 11:** montagem de skate feito pelos próprios skatistas.



Fonte: <<http://40polegadas.com.br/portal/images/sampledata/historia/desmonte.jpg>>. Acesso em 4 out. 2014.

No ano de 1977 é editada a primeira revista de distribuição nacional sobre skate, chamada *Esqueite* – já citada acima –, a qual se preocupava em divulgar as manobras que existiam até então, mostrando inclusive um passo a passo de como executar a maioria delas. A revista informava também espaços para a prática do skate, indicando praças, ruas e estacionamentos onde já havia a presença de skatistas, em período que não existiam pistas. Outras revistas sobre skate surgiram posteriormente, como a *Brasil Skate* no ano de 1978, além da *Overall*, *Skatin*, *Vital Skate* e *Yeah!*, já na década de 80 (BRANDÃO, 2006). Já a revista *Pop* trazia aspectos sobre a prática do skate nos anos 70 no Brasil e foi publicada de 1972 a 1979. Apesar de não ser especificamente sobre skate, contemplava a prática em suas matérias, buscando sempre atingir o público juvenil.

A *Pop* se valia desse consumo juvenil como alavanca para conseguir patrocinadores e, ao mesmo tempo, em que idealizava, também retratava os modos e costumes dos jovens de então. Entre esses costumes figurava de forma reticente nas páginas da *Pop* a prática dos chamados ‘esportes californianos’, em especial a do skate. (BRANDÃO, 2012, p. 19).

O skate aparece na revista *Pop* no ano de 1975, ocupando espaço pouco expressivo e sendo ainda relacionado com o surf. Mas é principalmente a partir de 1977 que aparece de maneira mais autônoma e com características próprias, quando “o início da construção das pistas de skate, dos campeonatos e do recém inventado profissionalismo na categoria ajudam a explicar essa mudança.” (BRANDÃO, 2012).

Neste período dos anos 70, o skate foi logo incorporado a um processo de mercantilização, onde se encontrava como ferramenta mais importante de divulgação as revistas especializadas, divulgando marcas que buscavam se estabelecer ou expandir os negócios no ramo skatista. Desta forma, eram divulgados desde materiais para a prática do skate, até conceitos de moda relacionados ao esporte, tendo em vista os jovens consumidores e o processo de expansão do mercado dedicado a esta nova classe de então.

### **Em Florianópolis**

Na cidade de Florianópolis as memórias mais remotas, entre as poucas referências encontradas, mencionam o evento já citado anteriormente, que ocorreu no ano de 1978 no Clube 12 de Agosto, em Jurerê<sup>10</sup>. A pista situada no clube foi construída neste mesmo período – fim dos anos 70 – e era conhecida como pista do Jurerê, em referência ao bairro em que está localizada. Um relato encontrado na internet sobre o local nos remete a importância que esta teve, não só na história do skate catarinense, mas também brasileiro:

---

<sup>10</sup> Sobre a história do skate em Florianópolis, nenhum material maior aprofundamento no assunto foi encontrado, além de entrevistas e matérias de jornais. No entanto um documentário que deve tratar dos eventos na pista do Clube 12 de agosto, está sendo produzido ainda sem data de lançamento. Trailer disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ima7JH9yBQ4>>. Acesso em 31 jul. 2016.

Está pista é o berço do skate de Santa Catarina, atualmente se encontra abandonada, com cimento áspero e cheio de buracos e mato por toda a pista.

[...] em Dezembro de 2010 tive o privilégio e conhecer a Pista do Jurerê... fiquei lisonjeado de estar ali... O lugar é lindo... e pode ver a dificuldade em andar lá, e muito ingrime com paredes rápidas... Foram mais de 30 anos de espera para conhecer o lugar... mas valeu!! torço que dure para sempre!! Pois é parte importante da nossa História, um monumento do skate nacional que deve ser preservado [sic]. (YNDYO, 2010).

Assim como nos Estados Unidos, e como no Rio de Janeiro, em Florianópolis os skatistas davam seus primeiros embalos em skates rústicos, feitos com peças de patins e madeira. Em entrevista para o site Notícias do Dia, Sérgio Entres, um representante dos velhos tempos ensina como montava seu próprio skate: “A gente andava na rua e não tinha lugar para comprar. Tirávamos as rodas dos patins com o suporte de ferro e pedíamos para o marceneiro cortar a madeira no formato de um *shape*<sup>11</sup>. Aí era só parafusar um no outro estava pronto.” (KLEY, 2014). Ainda segundo o entrevistado Sérgio, que também organizava os eventos de skate, a cidade teve o seu momento de importância no cenário skatista, com eventos a níveis locais, estaduais, nacionais e quase um mundial, impedido pela posse de uma nova diretoria do clube: “Florianópolis bombou, mas poderia ter bombado mais. Mas não teve incentivo nem vontade política. Os eventos eram gigantes, fazíamos dois mil cartazes e cem mil panfletos e distribuíamos do [sic] Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Rio Grande do Sul. A galera descia em peso.” (KLEY, 2014). Em um artigo do jornal Zero, Jun Hashimoto, outro skatista da época relata a atmosfera que vivenciou na pista de Jurerê na década de 70: “Tinha muito a ver com o surf, principalmente o espírito do surf, a galera, as manobras, e o astral da Ilha” (OLIVEIRA, 2014).

Em matéria intitulada *Santa Catarina Skatepark*, o jornalista Marcelo Mancha (2013), relata a dificuldade em encontrar fontes que contribuam para documentar a história do skate no Estado. O jornalista entrevistou o ex-skatista profissional Rodrigo Schulz, vulgo Jaca, que produz um documentário sobre a história do skate praticado no Clube 12, desde a construção da pista até atualmente. Nesta investigação,

---

<sup>11</sup> *Shape* é como é chamada a prancha, geralmente de madeira do skate.

Schulz – em parceria de Gabriel Sândalo, Dimitri Sândalo e Junior Cachorro – propõe algumas questões para entender o processo histórico e a atividade skatista no Clube 12 de Agosto:

Por que foi construída uma pista de skate em Florianópolis no fim dos anos 70? A cidade era um grande expoente do skate nacional? Existiam tantos praticantes a ponto de ser construída uma pista no local? Quem foi o responsável pelo projeto? Será que a iniciativa partiu do próprio clube, que viu no skate uma forma de oferecer uma opção de esporte e diversão aos sócios? Quem teve essa inovadora idéia? (MANCHA, 2013, p. 17).

Na continuação da matéria encontramos mais alguns rastros que colaboram com nosso resgate histórico da prática do skate em Florianópolis. Segundo Mancha (2013), já nos anos 1980, a modalidade vertical que se popularizou entre os skatistas, teve no Clube 12 de Agosto um suporte para a modalidade, quando foi construída uma rampa no estilo *half pipe*, anexo à *snake*<sup>12</sup>. Com isto, foi possível organizar eventos a nível nacional, inclusive com a participação do skatista brasileiro, hoje mundialmente famoso, Bob Burnquist. Até o fim dos anos 1990 o local era bem frequentado, já que não haviam outras pistas na cidade. Mas com os skatistas passando a andar nas ruas, com a propagação do *street skate* e em outras pistas que surgiam, além do agravante de o clube só permitir associados e seus convidados para acessar o local, a *snake* do Clube 12 de Agosto em desuso e sem reparos, foi fechada. Segundo relatos a situação atual da pista é de abandono.

Para conseguirmos ligar este relato histórico ao passo que o skate se encontra atualmente na cidade de Florianópolis, nos faltam outras informações e um esforço maior de investigação sobre determinados períodos e personagens importantes. Seria significativo, além do aprofundamento do contexto apresentado, entender o que se passou após o período de decadência do Clube 12 de Agosto, especialmente com a popularização do skate de rua na década de 1990.

---

<sup>12</sup> *Snake* é um formato de pista, que como o próprio nome diz, se assemelha ao corpo de uma cobra. Geralmente contém bastante curva num trajeto em declive, finalizando num *bowl* ou num *half pipe*, que é o caso da pista do Clube 12.

Este vácuo não é simples descuido, mas tem relação com um contexto maior sobre o skate deste período: para que se entenda este declínio é preciso retomar o que ocorria com o skate a nível nacional, bem como a crise política que o país passava, que acabou por influenciar diretamente no investimento que vinha se desenvolvendo em anos anteriores, sendo retomada novamente nas vésperas do novo milênio<sup>13</sup>.

### **Cultura juvenil**

Para entendermos com mais profundidade o desenvolvimento da cultura skatista nos EUA e no Brasil, deveríamos nos questionar sobre quem eram estes sujeitos envolvidos com a prática do skate e do surf nas décadas de 1960 e 1970. Na costa oeste do país norte-americano e principalmente nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo no caso brasileiro. Quem podia contemplar as ruas? Quem tinha tempo livre para andar de skate? Onde mais existia esta relação entre as práticas do surf e do skate? Aconteceram da mesma forma em outras cidades dos dois países neste mesmo período?

São questões que não daremos conta de responder aqui, mas que fazem parte da reflexão acerca do desenvolvimento do *campo* skatista, e, além disso, nos apontam outras propostas de estudos que não somente sobre a prática do skate em si, mas, além disto, sobre as culturas juvenis, onde o skatista pode ser considerado também protagonista. Trataremos neste trabalho em momento adequado dos conceitos de *campo* e *habitus* a partir do que pensou o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1983; 2004; 2009).

O que apresentamos até aqui vai ao encontro de certas pesquisas feitas no âmbito da Sociologia e História da juventude, que apontaram recortes feitos sobre o tema – como veremos adiante. Uma das principais críticas dá-se diretamente ao fato de se analisar durante certo tempo *a* juventude, e não *as* juventudes. Somente muito recentemente se atentou que tais análises faziam menção em grande parte aos jovens da classe média – da burguesia, ou da elite, dependendo do contexto –, acabando por torná-la como padrão para se entender a noção de juventude. Esta perspectiva se mantém até hoje, mesmo que nos 1970 outros grupos juvenis, por assim dizer, tenham surgido, vindo a problematizar a ideia corrente de juventude. Neste quadro podemos

---

<sup>13</sup> O documentário Dirty Money retrata bem esse contexto do início dos anos 1990 no Brasil. Pode ser visto completo em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xK8uzcYxChs>>. Acesso em 8 ago. 2016.

inserir os skatistas, mas estavam lá também os punks, os jovens engajados politicamente em partidos e movimentos sociais, entre outros, trazendo outras formas de atuação social, de linguagem e de formação identitária.

Para desenvolvermos uma reflexão sobre o *campo* skatista, devemos principalmente levantar dados que indiquem a origem social dos agentes envolvidos no campo. No entanto, se desejamos responder satisfatoriamente sobre as origens sociais dos skatistas da época, somente fazendo uma espécie de arqueologia sobre esta prática, buscando especialmente levantar os dados dos personagens envolvidos. Esta preocupação não foi encontrada em nossas referências históricas, não por simples negligência, mas acreditamos que por não ser parte da perspectiva analítica dos pesquisadores. Como não é possível resgatarmos as biografias individuais de cada skatista do contexto referido, e entendendo que jovens foram os protagonistas da construção da cultura do skate, iremos abordar este skatista do ponto de vista da cultura juvenil, onde o próprio skatista estava inserido e se desenvolvendo enquanto sujeito social.

Nesta abordagem sobre o desenvolvimento histórico da cultura skatista, devemos considerar a importância do contexto que tratamos. É importante ressaltar que as décadas de 1960 e 1970 são, para as juventudes enquanto categorias sociais, período de grandes avanços nas discussões sobre o que se pensava e o que se dizia ser jovem. Vistos geralmente como delinquentes, radicais, agentes problemáticos para a sociedade, a juventude no contexto das décadas citadas trouxeram outras problemáticas para, assim, repensarem suas posições na sociedade. Entretanto, a juventude não tem sua criação neste período, mas sim extenso desenvolvimento histórico no mundo ocidental.

As categorias *jovem* e *juventude* vem sendo tratadas por séculos. Desde o mundo romano já se fazia um corte etário para diferenciar homens e mulheres frente a suas funções na sociedade. Na conjuntura romana, entre os 15 e os 30 anos de idade o sujeito era considerado o que chamamos atualmente de *adolescente* – *adulescentia* –, e estaria na *juventude* – *iuvēnta* – dos 35 aos 40 anos (CASSAB, 2011). O menino das classes ricas, ainda antes da adolescência, estava destinado aos estudos; enquanto a menina tornava-se adulta ao ser oferecida para casamento. Ainda no império romano, os jovens eram formados para atuarem politicamente em seu meio, tornar-se um cidadão livre e gozar de seus direitos. A importância destes rituais se justifica não só pelo fato de apresentar um período de transição para o mundo adulto, mas

também pelo fato de incorporar os jovens na política da cidade, mas também, de exercer controle sobre eles.

Na idade média, o sistema etário era apresentado em associação às quatro estações do ano. Ou seja: “[...] a infância seria a primavera, a juventude medieval o verão, momento das tempestades e do calor, a ‘idade média’ [ou meia idade] o outono e a velhice, o inverno” (CASSAB, 2011, p. 148. Inserção nossa). Outro sistema de divisão etária na idade média dividia as fases da vida pela contagem numérica, assim: “a *infantia* correspondia do nascimento até os sete anos, quando então o indivíduo passava para a *pueritia*, idade que se estendia até os 14 anos. Já a *adulescentia* correspondia ao período dos 14 aos 21 anos, a *juventus*, dos 21 aos 35 anos e, por fim, a *virilitas*, dos 35 aos 55 anos” (CASSAB, 2011, p. 148-149). O primeiro exemplo seguia uma lógica mais profana, relacionando estas fases com as estações do ano e, de certa forma, com a natureza; o segundo exemplo mais erudito e clerical, por trazer o fator numérico.

A partir do século XVIII a juventude passa a ser vista num sentido mais individual, como fase da vida onde se distingue os modos de se ver, sentir e reagir. Ainda entende-se a mesma fase como intermediária entre infância e vida adulta, por isto mesmo, os filhos da burguesia podiam gozar de alguns privilégios, como o tempo livre, o descompromisso, mas também deviam se dedicar aos estudos e à preparação profissional. No contexto da industrialização, a família passa a ocupar menos espaço na questão da educação dos filhos, sendo a escola a responsável por dar continuidade aos ensinamentos domésticos. A instituição escolar passa a ser não somente responsável pela preparação para vida adulta profissional – valorizando também aspectos morais, da religião, da propriedade privada, etc. –, mas atuando igualmente no exercício do controle sobre os impulsos *degradantes* da juventude. Já no século XIX, o trabalho irá marcar mais fortemente a distinção entre crianças, jovens e adultos, em especial os pertencentes às classes operárias. Os fatores do casamento e do exército também aparecem como pontos limiares na transição destas fases.

No início do século passado, com os avanços da ciência e da tecnologia, a juventude passa a ser estudada enquanto fase de possíveis desvios de conduta, que viriam a causar problemas para o bom funcionamento da sociedade: “A juventude passa a ser associada a um período de emoções violentas, agressividade, instabilidade emocional e curiosidade sexual sem limites (CASSAB, 2011, p. 154). Assim estabiliza-se entre os estudos feitos para compreender a juventude, duas principais chaves de leitura: a de que esta fase é um momento de

transição, e a de que os jovens são perigosos, rebeldes, problemáticos, etc. As ciências da saúde principalmente, se sobressaem por tentarem explicar a juventude a partir dos impulsos sexuais, da violência, relacionado às disfunções hormonais e do desenvolvimento físico.

Na elaboração do processo histórico da juventude se sobressai o ponto de vista que dá foco basicamente a determinada classe social, privilegiada, rica e burguesa. Ainda assim, nos estudos levantados, o jovem empobrecido também aparece como personagem deste processo, mesmo que em menor grau. Ser jovem, mesmo que atualmente, em muitos aspectos parece ser um privilégio, uma fase da vida em que as preocupações são incomparáveis com as dos adultos: trabalhadores, sérios e responsáveis. No entanto a condição juvenil nem sempre foi *acessível* a todos da mesma maneira. Esta relação é mais bem esclarecida a partir do contexto de industrialização e crescimento dos centros urbanos, onde o trabalho aparece como principal vetor da análise.

Enquanto os filhos da burguesia industrial eram liberados do trabalho para se dedicarem aos estudos, os jovens operários não tinham as mesmas oportunidades de protelar a condição de adulto:

Aos filhos dos trabalhadores não era reservado o direito ao não-trabalho. Ao contrário, eram cedo inseridos nas atividades produtivas. A esses jovens, filhos dos operários, precocemente introduzidos no trabalho fabril, restavam poucas coisas além da obediência e da renúncia. O momento da juventude era completamente esvaziado de esperança e do sentido do futuro, pois eram vistos apenas como uma potencial ameaça. Dessa maneira, enquanto os jovens da burguesia eram liberados do trabalho e constantemente supervisionados pela família e pela escola, os filhos de operários, afastados da escola, eram precocemente inseridos no mundo do trabalho, quando não incorporavam a figura do delinquente (CASSAB, 2011, p. 153).

A juventude operária do início do século XX também é interpretada como problemática, principalmente a partir das ideias higienistas, em voga nesta época. As concepções sobre vadiagem, arruaça e desordem recaem sobre os jovens empobrecidos, dando amparo as estratégias de controle desenvolvidas pelo Estado. Se para a

juventude burguesa a escola apresentava em grande medida um esforço de disciplinarização dos mesmos, para os jovens operários a polícia cumpria este papel (CASSAB, 2011).

No decorrer do século passado a juventude organizada politicamente continua preocupando os setores reacionários da sociedade com o aumento da delinquência, com as movimentações estudantis, de contracultura, e de pacifistas questionando o *status quo*, principalmente os tabus que envolviam a família, a sexualidade, enfim, tocando em questões que acreditavam atrasar o desenvolvimento de suas liberdades individuais. No Brasil especificamente, e especialmente até os anos 1960, falar em juventude era também se referir aos jovens da classe média, escolarizados, atuantes nos movimentos estudantis, de contracultura, e nos partidos políticos de esquerda. Nas décadas que seguiram, crianças e adolescentes em situação de risco foram tratados quase que de modo indistinto nos debates sobre seus direitos sociais, apartando os jovens e suas ações destas discussões (ABRAMO, 2008).

Tentar explicar a juventude não é uma tarefa fácil como podemos ver. *Fase da vida* em que o indivíduo não é nem criança nem adulto, mesmo que, dependendo da situação social deste indivíduo, a categoria de jovem não se aplique. Por vezes é vista como *período* de extrema vitalidade e capacidade de invenção e imaginação, mas também violenta, problemática e propensa aos distúrbios sociais. Também é difícil se desvincular dos termos realçados acima, colocados como se a juventude, diante do que comumente se pensa, teria os momentos bem delineados para iniciarem e terminarem, diante de um ponto de vista que valoriza a contagem etária, contando o percurso da vida de modo cronológico.

O fato é que a categoria juventude engloba uma série de “diferentes”. São tantas as juventudes quantas são as classes sociais, a etnia, a religião, o gênero, o mundo urbano ou rural e os tempos. Ou seja, juventude é uma categoria socialmente construída. Daí sua mutabilidade ao longo da história (CASSAB, 2011, p. 159).

Mais recentemente, a percepção sobre a juventude em situação de risco, bem como o foco que se dava à classe média, já não vinham dando conta de explicar tal questão, pois, além do surgimento de outros sujeitos juvenis, vindos e atuando em diversos setores da sociedade, se percebe que esta fase não encerra os problemas até então relacionados a

eles. Notou-se que, em grande parte, estes problemas se intensificam neste momento de suas vidas. Assim, o termo *juventude* passa a ser discutido também no âmbito político, “[...] logrando obter maior espaço nas agendas governamentais, a ponto de engendrar uma série de mobilizações para a posição de espaços institucionais e planos de políticas públicas para o segmento” (ABRAMO, 2008, p. 39).

No que lemos até agora no presente estudo, e como apontamento para o que segue, tomaremos como desafio entender a juventude com o cuidado de não polarizar a discussão. Ou seja, a análise não deve considerar a questão das juventudes somente a partir de um aspecto simbólico – dotada de uma diversidade de símbolos construídos culturalmente e apartada das condições materiais e históricas –, ou somente a partir das posições que ocupam na estrutura socioeconômica – afastado de significados sociais. A ideia é que entendamos as juventudes num meio termo disto, diante da sua constituição social, situada em dado contexto, detentora de aspectos simbólicos, materiais, políticos desenvolvidos historicamente. Como veremos, a experiência juvenil abrange os campos da sociabilidade, da cultura e do lazer, formando valores, identidades. Assim, “a vivência da experiência juvenil passa a adquirir sentido em si mesma e não mais somente como preparação para a vida adulta” (ABRAMO, 2008, p. 43). Devemos atentar para a experiência de ser jovem, enquanto sujeito singular, e não somente enquanto alguém que se encontra em fase de transição. Sujeito singular, mas em relação com outros sujeitos singulares, inserido em complexas relações sociais, que dá sentidos a estas relações, que age no e sobre o mundo (CHARLOT, 2000).

Por questões de limite de nosso tema de pesquisa, não nos aprofundaremos na relação entre a juventude e a prática do skate no tempo presente – no máximo ensaiaremos algo neste sentido no terceiro capítulo. O que foi descrito serve para não deixar solta a história do skate diante da ação juvenil, especialmente a dos anos 1960 e 1970. Cabe a nós, por ora, indicar a importância do skatismo no desenvolvimento da cultura juvenil: a relação com a chamada *essência* do skate, rebelde, transgressora, contestatória; aplicando estes sentidos também na relação com o próprio corpo, com o risco das quedas; na busca pelas sensações de adrenalina oferecidas por uma vaga ideia de aventura. Adiante veremos também que, numa ótica que privilegia as fases da vida de modo cronológico, alguns de nossos interlocutores não se encaixariam enquanto jovens, sendo necessário que, em momento oportuno, devêssemos problematizar o fato de *sentir-se* jovem.



## CAPITULO 2: A FORMAÇÃO DO CAMPO E *HABITUS* SKATISTA EM FLORIANÓPOLIS

Neste capítulo iremos nos aproximar do skatismo na cidade de Florianópolis, apresentando um aspecto local, e posteriormente, uma reflexão acerca do campo da prática skatista em seu aspecto mais amplo, que não necessariamente aquele que se constitui aqui. Não temos como fim esgotar o assunto da cultura skatista aqui, não somente pelo tema necessitar mais tempo para pesquisa, mas principalmente pelo skate ter atualmente ampla proporção na cidade.

Florianópolis vem ganhando destaque nos assuntos esportivos através da grande mídia, e não é sobre futebol, tênis ou surf. O skate praticado por aqui tem tido certa visibilidade principalmente através de uma figura central: o skatista profissional Pedro Barros – seis vezes medalhista de ouro nos X Games<sup>14</sup> e pentacampeão mundial. Natural da Ilha de Santa Catarina, local que é considerado atualmente a Meca para os *bowlriders*<sup>15</sup>, que é, não por acaso, a especialidade de Barros. Não podemos afirmar com certeza que Barros tem ligação direta com este título que a cidade recebe, mas podemos afirmar que o nome do skatista tem peso quando lembramos alguns eventos de grande porte no âmbito do skate ocorrido nos últimos anos<sup>16</sup>. Além disto, o skatista está indiretamente envolvido na construção de pelo menos uma pista pública, situada no bairro da Costeira do Pirajubá [ver nota 59]. Um relato interessante encontrado rapidamente na internet nos faz ter certa dimensão sobre o que se pensa em relação a andar de skate na cidade: “Florianópolis não é como outro lugar no mundo. Todo lugar que você olha há piscinas nos quintais construídas para andar de skate, mini

---

<sup>14</sup> Megaevento considerado as Olimpíadas dos esportes radicais.

<sup>15</sup> *Bowlrider* é o skatista que pratica a modalidade bowl – rampa com fundo côncavo que imita uma piscina vazia.

<sup>16</sup> Etapa do Mundial Vans Skate Park Series, na qual Pedro Barros se sagrou campeão. O skatista é patrocinado pela marca organizadora do evento. Alguns eventos ocorreram inclusive na residência do próprio skatista, como, por exemplo, o Red Bull Generation.

Disponível

em:

<<http://www.redbull.com/br/pt/skateboarding/events/1331640109125/red-bull-skate-generation>>. Acesso em: 13 jun. 2016.

Disponível em: <<http://cemporcentoskate.uol.com.br/fiksperto/vans-pro-skate-park-series--florianopolis>>. Acesso em: 13 jun. 2016.

rampas<sup>17</sup> de quintais e coisas de skate em todo lugar. Basta caminhar pela rua você escuta andarem de skate nos quintais em todo quarteirão”<sup>18</sup>. Este ponto de vista se refere – com certo exagero, diga-se de passagem – diretamente ao skate praticado nos *bowls*, na sua maioria particulares, que se concentram em determinadas regiões da ilha. Devemos considerar que aspecto tem seu peso quando pesquisamos sobre o skatismo em Florianópolis. Entretanto o recorte que daremos na atual pesquisa não goza de tanto foco. Iremos nos aproximar com mais rigor aqui da prática do *street skate*, o que não vai ser encarado como uma regra, tendo em vista que alguns de nossos interlocutores podem não se identificar diretamente com esta modalidade. Para isto recortamos um aspecto da prática, que é de onde partiremos para o desenvolvimento de parte deste capítulo.

Primeiramente será revisitada uma pesquisa já feita, que levou o título de *Um olhar sócio-etnográfico sobre a prática dos skatistas na Trinda (Florianópolis – SC)* (PEREIRA, 2015). O trabalho teve como objetivo refletir sobre as relações de sociabilidade, o desenvolvimento do *campo* e a disposição do *habitus*, através de um olhar sócio-etnográfico realizado num determinado espaço da cidade, a saber, a pista pública de skate do bairro da Trindade; ou, se utilizando do termo nativo, na *Trinda*.

Como segundo ponto, apresentaremos brevemente Projeto SKT, um projeto que oferece aulas de skate para pessoas de todas as idades, mas daremos foco às falas de quatro alunos do projeto. Deste modo, aproveitamos este espaço também como uma oportunidade para rever e lapidar alguns aspectos do citado trabalho, assim como traremos a experiência dos alunos-skatistas com o objetivo de tecer a base para a discussão que seguirá sobre a formação do *campo*, a disposição do *habitus* e a relação com o saber sobre o skatismo.

Estudaremos dois aspectos importantes do *campo* skatista da Grande Florianópolis, considerando devidamente que este não se reduz a tais ambientes e seus personagens. Procuramos analisar a formação

---

<sup>17</sup> Mini rampa, ou *mini ramp*, é uma rampa em formato de “U”, assim como o *half-pipe*, no entanto menor.

<sup>18</sup> Tradução livre de: “Florianopolis is like no other place in the world. Everywhere you look there are backyards pools built for skating, backyard mini ramps and skate stuff everywhere. Just walking down the street you hear skating in backyards on every block”. Disponível em: <<http://www.confuzine.com/2016/01/04/backyard-bowls-in-florianopolis-brazil/>>. Acesso em: 14 jun. 2016.

deste *campo* e os indicativos sobre o sistema de disposições simbólicas produzidas e/ou reproduzidas, estimuladas, em tal contexto por tais agentes. Neste sentido, algumas considerações são importantes antes de introduzirmos a discussão proposta acima.

É importante ressaltar que a prática do skate feita na *Trinda* não é de qualquer tipo. No decorrer deste texto já foi colocado algumas modalidades existentes no skate, mas é preciso demarcarmos que neste caso em específico trataremos da modalidade do *street skate*. Neste sentido, conduziremos a discussão sempre à modalidade do *street skate*, e sempre que ao se falar de outra modalidade trataremos de apontá-la e defini-la no contexto da pesquisa.

Além de ser a modalidade mais popular entre os skatistas (CBSk, S/D), a prática do skate nas ruas das cidades se consolidou em meados dos anos 1980, trazendo outra dinâmica para este esporte. Aqui é importante colocar que a modalidade *street* não se delimita somente na circulação aleatória de skatistas pelas ruas das cidades: “Ao contrário, eles transitam e interagem com a dinâmica urbana tendo em vista a procura por *picos*, isto é, equipamentos urbanos dotados de certas características que possibilitam a prática do skate” (MACHADO, 2014, p. 29). Os *streeteiros*, como se reconhecem os skatistas de rua, fazem a sua própria leitura da cidade a procura destes equipamentos que apresentam características reconhecidas por eles como obstáculos. Assim,

[...] um corrimão não serve somente para dar segurança a quem utiliza uma escada, mas também para ser deslizado com o skate. Uma escada não é apenas para se passar de um nível a outro, mas ao contrário, pode servir como inclinação propícia para manobras. Os exemplos se estendem aos bancos, às bordas, às placas de trânsito etc. Portanto, a cidade ganha novos contornos a partir da circulação dos *streeteiros* por distintos espaços (MACHADO, 2014, p. 31).

A análise de Machado (2014) neste ponto vai de encontro do que objetiva o poder esportivo, como veremos mais adiante, e nos ajuda a problematizar esta perspectiva sobre a prática do skate, especialmente quando pretendemos tratar do skate de rua. Neste sentido, por buscarmos *picos* nas ruas da cidade, sabendo que estes não são desenvolvidos para a realização das manobras, os skatistas estão dispostos também às

relações conflituosas diante da possibilidade de muitas vezes se chocarem com pedestres, e/ou danificar equipamentos públicos ou privados, além de machucarem a si próprios. Isto, aos olhos dos *higienistas do corpo*, se utilizando deste termo colocado por Bourdieu (1983), é motivo de preocupação e se faz necessário a tomada de ações que evitem tais problemas. Machado (2014) na sua pesquisa realizada na cidade de São Paulo, coloca que tais ações partem do poder público, se apresentando de maneira rigorosa algumas vezes – ao propor a proibição do skate nas calçadas desta cidade, por exemplo –, assim como, de modo mais ameno, propõe que a prática deve ser regulamentada e disciplinada – com a construção de locais próprios para a prática. No contexto desta pesquisa, por exemplo, se desenvolveu através do apoio da prefeitura de São Paulo, o Circuito Sampa Skate, com vistas a colaborar com a esportivização do skate.

[...] os organizadores desse circuito, mediante a ampliação daquilo que entendiam como *cidadania*, buscavam atingir vários objetivos com a sua realização, tais como: influenciar a prática do skate nas pistas, o que implicava em tirar os skatistas das ruas; incentivar a disputa esportiva ao longo de todo o ano; manter a mente dos competidores ocupada com critérios definidos de participação, etc. (MACHADO, 2014, p.33).

Esta atitude tomada por parte do poder público, no entanto, encontram sua contrapartida justamente na rejeição que os skatistas de rua fazem do que é ser cidadão. Assim, se para a organização deste Circuito a cidadania se expressa através do esporte em locais adequados, para os skatistas de rua ela vai além, e se encontra muitas vezes na forma criativa de utilizar os *picos* que a cidade tem a oferecer. Esta leitura nos desafia a pensar sobre a dinâmica que o skate de rua propicia para o aprofundamento crítico de nosso entendimento sobre o mesmo. Se de um lado os skatistas nas ruas podem ser vistos comumente como vândalos, pois põem em risco a si próprios e outros transeuntes, danificam móveis urbanos, etc.; por outro lado, são possivelmente esportistas, utilizando o espaço adequado para a prática – as pistas –, visando o desenvolvimento da técnica, se disciplinando para possíveis competições.

Notaremos na apresentação a seguir, pontos de vista que nos permitem refletir sobre a característica desta prática, que em parte

resiste ao processo de esportivização, ao mesmo tempo em que não se distancia dela. Em contato com os skatistas da *Trinda*, notou-se nos discursos o incômodo em tratar o skate como um esporte, comparados aos tradicionais que visam o bem estar do corpo, assim como se percebeu a importância das competições como fator de peso em suas relações de sociabilidade.

É importante ressaltar aqui que a prática do *street skate* não é necessariamente restrita às ruas, mas também ocorre nas pistas construídas para este fim. Para ilustrar isto, Machado (2014) traz informações sobre estas duas sub-modalidades, por assim dizer, encontradas no *street skate*, em que os skatistas identificam uns aos outros enquanto os que preferem a prática nas ruas, e aqueles que preferem a prática nas pistas. Estes dois estereótipos são reconhecidos – jocosamente na maioria das vezes – como *pistoleiros* e *streeteiros*. Os primeiros relacionados à imagem do atleta, do competidor, em busca do domínio técnico das manobras. Ou seja:

Esse skatista estaria próximo do ‘atleta’, levando em conta o sentido atribuído ao termo por alguns interlocutores. Sendo assim, o que mais importa para esse tipo de praticante é o aperfeiçoamento por meio da repetição, a fim de incorporar a técnica e a habilidade necessárias para o exercício da prática esportiva, tendo em vista a busca de resultados práticos (MACHADO, 2014, p. 93).

Já o skatista *streeteiro*, no discurso nativo, é na maioria das vezes relacionado à uma ideia essencialista da prática do skate, onde, ao andar de skate nas ruas, está praticando o skate de verdade. Assim, estes últimos “[...] não possuem tanta fixidez para a prática do skate, visto que ela pode ser feita em muitos espaços” (MACHADO, 2014, p 94), não se restringem ao espaço das pistas e exploram a cidade, assim como faziam os skatistas da Califórnia, como já citamos. No entanto, estas duas categorias não são necessariamente opostas entre si. Cabe ressaltar que os skatistas que andam de skate nas ruas, andam também nas pistas, e vice e versa. Estes dois grupos não se anulam simplesmente pelas suas preferências, mas, pelo contrário, estão em relação por compartilharem em grande parte as bases objetivas e subjetivas do skate de rua. Visto que nossos interlocutores falam a partir de duas pistas – de distintas realidades e configurações, mas ainda assim, pistas –, elegemos o ponto

de vista relacional para problematizar as noções que os skatistas desenvolvem a partir de suas *experiências* nestes locais<sup>19</sup>.

\*

Considerando que parte dos interlocutores deste trabalho falam a partir de suas experiências vividas na skatepark da *Trinda*, cremos importante contextualizar este local, tentando indicar caminhos que o conecte ao fio do processo histórico do skate já abordado aqui. Como veremos, no que se refere aos dados mais objetivos do desenvolvimento histórico da prática do skate na Trindade, nos faltam documentos para atestarmos com mais firmeza algumas informações que chegaram até nós por outras vias, a saber, as informações oferecidas oralmente pelos indivíduos que, não só nos servem de referência, mas que ajudam a manter e continuam a desenvolver a história do skate local.

### **Anos 2000 – pista da Trindade**

Os dados acerca da pista de skate da Trindade não foram encontrados em pesquisas feitas nos órgãos competentes da cidade de Florianópolis – informações sobre a construção da pista; seus responsáveis; data de inauguração, etc. A ideia era levantar o maior

---

<sup>19</sup> Aqui nos aproximamos do conceito de experiência a partir do que desenvolveu Walter Benjamin (2000), sobretudo no que se refere à experiência do sujeito urbano na modernidade. O autor levanta a questão sobre as multidões que passam a fazer parte da paisagem urbana, em vertiginoso crescimento a partir do século XIX, e que são abordadas nas obras dos literários deste período, principalmente Baudelaire. Benjamin (2000) discute a multidão como massa amorfa, às vezes silenciosa como um formigueiro, ou simplesmente como algo que está intrínseco a quem escreve, passando despercebido neste contexto. Nessa multidão se encontra a figura do *flâneur*, que transita pela cidade sem pretensão e objetividade, fluindo pelas ruas no prazer de uma caminhada. Enquanto o homem moderno está na multidão, podendo também se afastar e contemplar a mesma, o *flâneur* simplesmente busca não estar. É possível flunar na cidade moderna? A razão instrumental que impera no tempo do cronometro torna impossível esta experiência? O skatista, assim como o operário degradado pela relação com a máquina, pode ser visto como mais um indivíduo que tem sua experiência solapada pelo choque, quando parece necessitar de um estímulo violento, na maioria das vezes, para poder ter alguma ação. Enquanto o operário está a serviço das máquinas, desprovido de si, e não ao contrário, o skatista em nossas cidades parece reproduzir essa relação consigo para o skate, entendido muitas vezes como algo exterior a sua experiência. Há sempre uma técnica a seguir, uma forma de se comportar, um estilo a seguir?

número de informações oficiais sobre a construção da pista, assim como do parque em geral, que comporta um campo de futebol<sup>20</sup>, uma lanchonete e uma quadra poliesportiva – agora ocupada pelos skatistas. Algumas informações sobre isto ficaram a cargo das conversas feitas com alguns dos interlocutores. A pouca experiência do pesquisador no trato da investigação em outras fontes – documentos, revistas, etc – também dificultou este processo, o que, somado ao curto período de tempo para a conclusão desta pesquisa, acabou por não ser retomada com a devida persistência.

Esta investigação iniciou com o desconhecimento da maioria dos skatistas e interlocutores deste trabalho, que por sua vez indicaram entrar em contato com o responsável pela lanchonete situada no parque, entre a pista e o campo de futebol. Por ele estar ali há mais tempo, segundo os interlocutores, o mesmo poderia ajudar na pesquisa. Na aproximação feita com o proprietário, senhor Emanuel<sup>21</sup>, questionado sobre como poderia ter acesso a informações sobre o histórico do parque, além de projetos e planejamentos sobre o local, indicou que procurasse a prefeitura da cidade, mais especificamente, a Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano (SESP), já que acreditava estarem lá estas informações. Foi então que começou o ciclo da falta de informação.

Entrando em contato com a SESP, com os questionamentos sobre o local da pesquisa – quando a pista foi construída? Quais os envolvidos – engenheiros, skatistas? Existe um projeto? –, a resposta foi de desconhecimento, sendo indicada a possibilidade de que encontrasse algo no Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IPUF). Já no IPUF, num primeiro momento, mesmo que com muita presteza e disponibilidade dos secretários responsáveis pela biblioteca do Instituto, não foi possível encontrar nenhuma informação sobre o local de nosso interesse. Entretanto, os mesmos secretários se comprometeram em entrar em contato através de *e-mail* assim que tivessem alguma notícia, pois iriam continuar a procura no decorrer da semana com a ajuda de uma arquiteta, chamada Jaqueline<sup>22</sup> – assim como foi repassado. O contato posterior se efetivou, no entanto com nenhum dado de interesse, e com a indicação de que procurasse tais informações na Fundação Municipal do Meio Ambiente de Florianópolis (FLORAM). Na

---

<sup>20</sup> Popularmente conhecido como Campo da Gruta.

<sup>21</sup> Nome original modificado para preservar a identidade do interlocutor.

<sup>22</sup> Idem nota 23.

FLORAM então, mais desconhecimento por parte da diretoria e mais uma indicação: uma arquiteta chamada Mariana<sup>23</sup>, do Departamento de Projetos, assim como foi repassado também, situado no Córrego Grande. Em contato com esta arquiteta, nenhuma novidade, já que não tinha as informações, indicando procurar pela arquiteta do IPUF, Jaqueline, fechando assim o ciclo de desconhecimento oficial sobre o parque onde está construída a pista de skate do bairro Trindade.

Ao que se sabe através das informações repassadas pelos interlocutores deste trabalho, a pista de skate do bairro Trindade foi construída no início dos anos 2000, não contando durante o período de aproximadamente catorze anos<sup>24</sup> com quase nenhuma reforma ou ampliação por parte dos órgãos oficiais.

\*

Esta averiguação colocada acima, assim como a aproximação com o campo de pesquisa – skatepark da Trindade –, teve como fundamento metodológico a etnografia urbana. Tendo em vista que estudamos aspectos correntes em nossa sociedade, ou, em outras palavras, fenômenos sociais, buscou-se dar ênfase ao viés qualitativo nesta pesquisa. Foi considerado também não somente a proximidade ao campo – o ambiente urbano familiar –, mas também a familiaridade com o objeto tema da pesquisa – o skate. Neste sentido buscou-se também problematizar a ideia de se posicionar de forma neutra frente ao objeto, ato ainda comum no meio científico, amparando-se principalmente no que nos ensina Gilberto Velho (1999):

A "realidade" (familiar ou exótica) sempre é filtrada por um determinado ponto de vista do observador, ela é percebida de maneira diferenciada. Mais uma vez não estou proclamando a falência do rigor científico no estudo da sociedade, mas a necessidade de percebê-lo enquanto objetividade relativa, mais ou menos ideológica e sempre interpretativa (VELHO, 1999, p. 129).

---

<sup>23</sup> Idem nota 23.

<sup>24</sup> Esta parte da pesquisa foi concluída em 2014. Aqui nos utilizamos de parte do material que resultou do Trabalho de Conclusão de Curso (PEREIRA, 2005), e o excedente que não foi aproveitado naquela situação.

No caso desta pesquisa, é sabido a proximidade do pesquisador – também skatista – com o objeto, que, portanto, não pode ser tratada somente como coincidência, se não com uma apuração da questão da *familiaridade* com o tema. Este quesito foi tratado como ponto de relevante importância, tendo em vista a posição que nos encontramos no meio acadêmico enquanto pesquisadores/cientistas em formação. Somos constantemente confrontados, especialmente nas Ciências Humanas, quanto a necessidade da crítica a uma suposta neutralidade e passividade frente às informações que o campo oferece, buscando ser coerentes e compromissados quanto a produção científica. É assim que nos posicionamos diante do objeto de pesquisa e diante de nosso trabalho enquanto pesquisadores na área das Ciências Sociais e Humanas, sempre praticando o estranhamento do familiar. Resumindo:

O que sempre *vemos* e *encontramos* pode ser familiar mas não é necessariamente *conhecido* e o que não *vemos* e *encontramos* pode ser exótico mas, até certo ponto, *conhecido*. No entanto, estamos sempre pressupondo familiaridades e exotismos como fontes de conhecimento ou desconhecimento, respectivamente (VELHO, 1999, p. 126. Grifos do autor).

Este método de estranhamento do familiar se mantém na nossa pesquisa atual, mesmo com a aproximação com outro campo – Projeto SKT –, mas que trata do mesmo assunto ainda familiar. A inviabilidade de acompanhar etnograficamente o citado projeto, como veremos, se apresentou principalmente pelo fator do tempo – dois anos para acompanhar as aulas como era desejado –, mas também pela falta de um planejamento mais consistente neste sentido. Entretanto, mesmo diante destas dificuldades foi possível fazer entrevistas com os alunos do Projeto SKT, e, assim, entendendo nossos limites, trazemos estes dados tendo em mente o alcance que elas possibilitam. Ou seja, o que nossos interlocutores nos dizem não resume o campo, mas são informações que interpretamos como pontos de vista singulares, para tentar entender um campo de possibilidades que este projeto oferece, situado num *campo* maior que é o do skatismo em Florianópolis.

## Elementos do *campo*<sup>25</sup>

Meu primeiro contato com a pista de skate da Trindade ocorreu no primeiro ano em que vim morar em Florianópolis, em 2008. Desde então ocorreram visitas esporádicas, aumentando a frequência conforme minha moradia se aproximava do local. Morei primeiro no bairro Estreito, depois no Monte Verde, Córrego Grande, e por fim na Trindade. O contato com a pista tinha a única finalidade da prática do skate, às vezes acompanhado por amigos, outras sozinho. Na medida em que frequentava o local, alguns rostos já se tornavam familiares, ao passo que o meu também para os outros, acredito. No entanto não posso afirmar que construí grandes amizades no ambiente, fato que relaciono à presença inconstante no local. Lembro-me de ter sido atraído por este local por oferecer um espaço que ia além da pista tradicional já construída, contemplando uma quadra poliesportiva situada atrás da pista. Com um piso de concreto plano e liso, que somada à intervenção dos skatistas com a construção de obstáculos para a mesma, a quadra oferece bom espaço para a prática do skate.

---

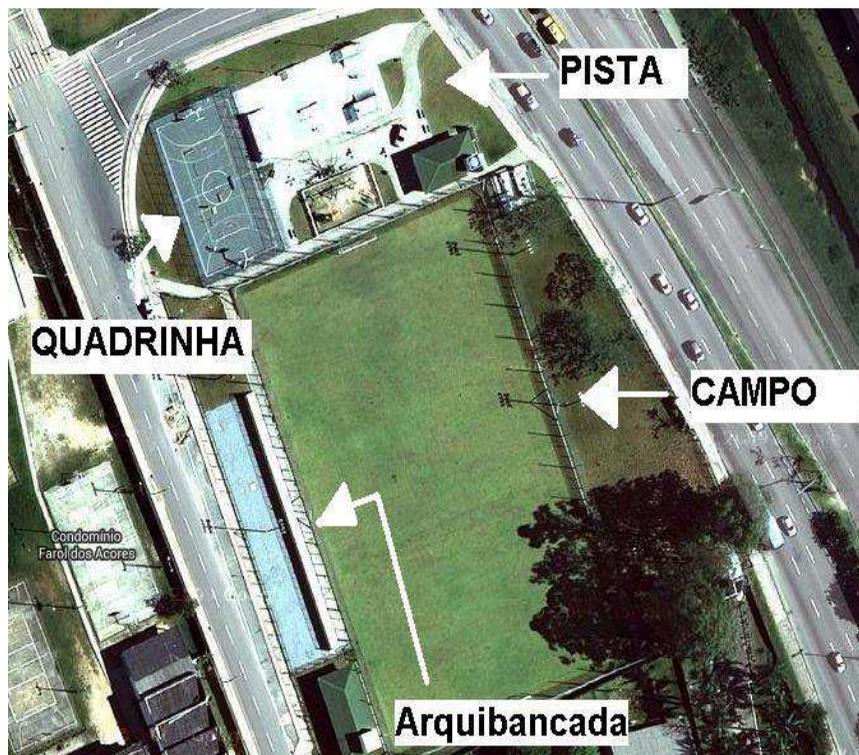
<sup>25</sup> Neste tópico e nos tópicos a seguir (Contatos, *Trinda* skatepark e Na quadrinha da *Trinda*), preferimos manter a descrição na primeira pessoa para que se mantenha a coerência com a discussão metodológica em relação ao estranhamento e familiaridade do pesquisador frente ao seu objeto de pesquisa.

**Imagem 12:** visão do Campo da Gruta, *Trinda* e Shopping Iguatemi.



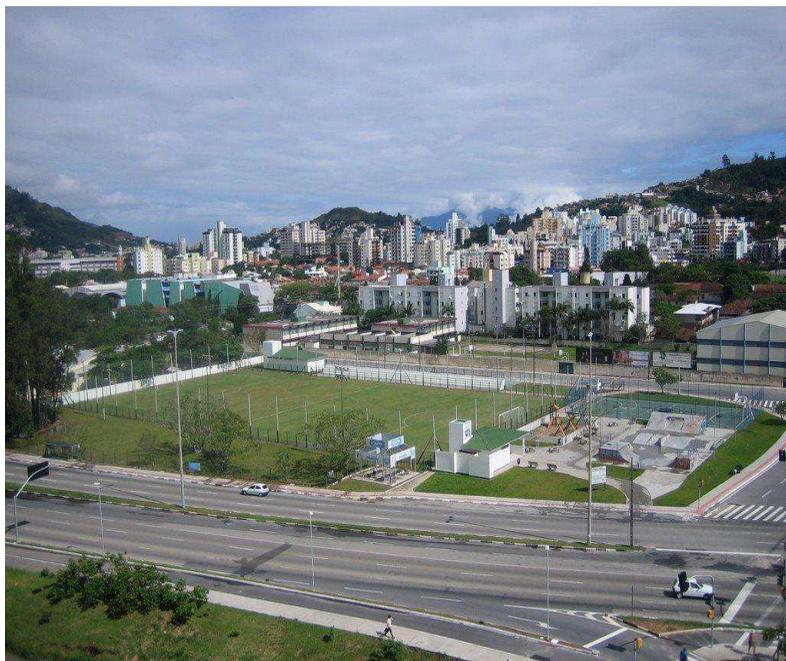
Fonte: ferramenta Bing Mapas <[www.bing.com/maps/](http://www.bing.com/maps/)>. Acesso em: 11 jul. 2015.

**Imagem 13:** quadrinha, pista e campo.



Fonte: ferramenta Google Maps. <<https://maps.google.com.br>>. Acesso em: 11 jul. 2015.

**Imagem 14:** pista e campo vistos do Shopping Iguatemi.



Fonte: <<http://static.panoramio.com/photos/large/9584825.jpg>>. Acesso em: 4 out. 2014.

Foi vendo a ação daqueles indivíduos sobre um espaço não voltado necessariamente para a prática do skate, que decidi entender melhor como se dão em nosso cotidiano na cidade, as práticas e relações das mais variadas formas com os espaços. Assim, com a ideia em mente, fui a campo com este olhar, para tentar desvendar o que faz do skate uma prática diferente de outras no *campo* esportivo, já que interage de outras maneiras com o meio urbano. O intuito inicial era observar a prática dos skatistas não somente nas pistas, mas se possível nas ruas da cidade, em locais não voltados para o uso do skate.

O relato que segue é fruto de observações feitas em campo mais intensamente no período do final do ano de 2013, sendo pouco visitado no primeiro semestre de 2014, e retomando as visitas com mais frequência em meados de 2014, finalizando em setembro do mesmo ano. Os dias de visitas foram em sua maioria nos fins de semana, pelo fato de a pista receber nestes períodos maior concentração de skatistas.

Foram feitas observações também durante a semana, quando o movimento é menor, sendo que quanto mais próximo da noite, independente do dia, menos skatistas ocupam o local. Desta forma as visitas se concentraram sempre no horário da tarde e início da noite. É importante ressaltar também o uso das *redes sociais* como ferramenta de auxílio nesta parte da pesquisa, já que informações e contatos importantes ocorreram através do *Facebook*. Nesta rede social foi possível contatar alguns dos interlocutores que auxiliaram neste trabalho, assim como acompanhar notícias e discussões que ocorrem em grupos voltados para os skatistas de Florianópolis<sup>26</sup>.

### Contatos

Os primeiros contatos foram feitos na pista da Trindade, onde conversei com pessoas que já conhecia de vista, como já citado, explicando a ideia e perguntando se poderia acompanhar algum destes interlocutores quando fossem explorar algum *pico*<sup>27</sup> de rua. Em princípio os mesmos foram muito solícitos, entenderam minha proposta, compartilhavam dos mesmos pontos de vista, e se colocaram a disposição para ajudar na pesquisa. Mas como pesquisador de primeira viagem não imaginava que as coisas não se dariam de maneira tão rápida e fácil como aparentava ser. Estas primeiras aproximações continuaram através do *Facebook*, mas não se desenvolveram. Posteriormente ocorreram alguns encontros ocasionais na pista, onde senti aquele desvio do olhar, um cumprimento de longe, o que me fez entender o recado e rever minha abordagem.

Por outro lado os contatos neste período se estenderam de certa forma. Houve um sentimento de reconhecimento por boa parte dos skatistas do local, já que me fazia mais presente naquele ambiente. Vale ressaltar que na maioria das minhas idas a campo ia também andar de skate. Não comentei a todos que pretendia fazer um trabalho sobre skate e se poderiam me ajudar. Deixei as coisas acontecerem, mas sempre tentando captar algo ao mesmo tempo. Quando tinha a oportunidade de conversar mais tranquilamente com algum dos skatistas, procurava tocar em pontos que me interessassem, por exemplo: perguntando se andavam em outros lugares que não na pista; se conheciam outros *picos*, etc.

---

<sup>26</sup> Refiro-me especificamente ao grupo de acesso restrito *Trinda All Day Everyday*, hospedado também no *Facebook*.

<sup>27</sup> Termo nativo usado para indicar lugares onde se pode andar de skate que não necessariamente em pistas.

Sentindo a possibilidade de ajuda aproveitava a oportunidade para apresentar meu objetivo.

Neste primeiro momento a maioria das respostas foi negativa, em relação à prática do skate nas ruas de Florianópolis. Dando a entender inicialmente, que a cidade não oferecia muita oportunidade à prática do skate de rua. Numa das conversas um dos interlocutores comentou que já viu *picos* no centro da cidade, mas não havia andado lá, e que uma motivação para ir seria para filmar. Ele também comentou que ficou sabendo por terceiros que há uma praça no centro que foi reformada e que teria gente andando lá. Aqueles ainda diriam, segundo ele, que os bancos e bordas seriam bons e o chão *mais ou menos*. Outro interlocutor também disse conhecer *picos* na UFSC, mas em geral, a prática se concentra na *Trinda*.

Com o desânimo das negativas já apresentadas e com o tempo urgindo, foi necessário pensar numa outra estratégia para me aproximar de alguém que pudesse conceder uma entrevista. Marcar para depois era a última opção, mas em que momento na pista alguém se disponibilizaria a parar o que estava fazendo para uma conversa?

Decidi assim me aproximar dos interlocutores, que julguei num primeiro momento como possíveis representantes de pontos de vistas diferentes sobre a prática do skate, e sobre suas relações com aquele ambiente. Alguns destes foram indicados por terceiros, a quem apresentava minha ideia de pesquisa, mas que por outros motivos – timidez, desconfiança, desinteresse... – não me concederam entrevista. Mesmo assim, os mesmos apontavam nomes de quem poderia ajudar.

Feitas estas aproximações procurei estender estes contatos e me aproximar não somente dos que me foram indicados, mas também daqueles que tinham presença constante na pista durante as observações, e/ou apresentavam certo *estilo*<sup>28</sup> na sua prática. Desta forma me

---

<sup>28</sup> Nas falas dos entrevistados foi possível identificar algumas referências a certos estilos com os quais eles se identificam mais ou menos. Tomo emprestada a nota de explicação de Machado (2012) para discutir este ponto. Quanto ao referencial identitário, portanto, coloca que: “Neste sentido, pode haver uma alternância na identificação: para o exterior [do campo skatista], os praticantes do skate se designam como ‘skatistas’. No interior dessa identificação, são criadas outras fronteiras imaginárias: um skatista pode ser um *streeteiro*, que por sua vez pode se identificar enquanto um *skatepunk*; um *gangueiro*, *rasta*, etc.” (MACHADO, 2012, p. 77. Inserção minha).

aproximei primeiramente de Song<sup>29</sup>, que demonstrava um estilo mais agressivo e ao mesmo tempo técnico de andar de skate. Destoava também no estilo de se vestir, além de ter o corpo bastante tatuado. O estilo de se comportar em cima do skate foi também o que me levou a entrevistar Trujillo. Seu estilo de se comportar na pista parece também mais agressivo, com manobras criativas, diferente dos demais skatistas. Vestia roupas em tons de preto ou branco, jaqueta jeans, camisetas de bandas punk<sup>30</sup>, além de ter um skate com um *shape* diferente do convencional, mais largo e com o *nose* mais afinado do que o *tail*<sup>31</sup>. Assim, vi nele a possibilidade de conseguir informações que poderiam acrescentar diferente visão sobre a prática do skate.

Já Koston, outro entrevistado, se mostrou como uma possibilidade de agregar informações para o trabalho a partir de sua notabilidade, não só na pista – o que ficou evidente através das indicações feitas por outros skatistas –, mas no meio virtual também. Como já citado, há um grupo virtual dos skatistas que frequentam – ou simpatizam com – a pista da Trindade no *Facebook*, onde estes postam vídeos, fotos, fazem propaganda e negociações de produtos de skate, divulgam eventos, mas também discutem sobre skate de modo geral e sobre o espaço físico da pista. Neste último quesito me chamou a atenção o papel de Koston como figura central nas discussões e organizações do grupo sobre a construção de obstáculos para a quadra. Além do mais, Koston, e também Muska, outro entrevistado, são skatistas que estiveram muito presentes neste período em que estive em campo. Os dois fazem o estilo mais convencional entre os skatistas, se assim podemos dizer, pelo menos na skatepark da Trindade. Influenciados principalmente pela geração dos anos 90, os skatistas desta época eram vinculados ao estilo *rapper*<sup>32</sup>, e na prática do skate propriamente dita, preferindo manobras mais técnicas.

---

<sup>29</sup> Para preservar a identidade dos entrevistados seus nomes foram mudados, tendo como referência os sobrenomes de skatistas renomados internacionalmente (Daewon Song, Tony Trujillo, Eric Koston e Chad Muska), escolhidos por mim a partir das características de cada um, como o estilo, ou idade, aparência, etc.

<sup>30</sup> Estilo de música que surgiu através do rock nos anos 1970, geralmente agressiva, com letras politizadas e de críticas à sociedade.

<sup>31</sup> O *shape*, como já explicamos, é a prancha do skate. O *nose*, nariz em inglês, é a ponta dianteira do *shape*, ao passo que o *tail*, o rabo, é a ponta traseira.

<sup>32</sup> *Rapper* é aquela pessoa que não somente escuta a música rap, mas se veste como tal, geralmente com roupas largas, se identificando com a cultura hip hop.

Para conhecermos melhor nossos interlocutores, se faz necessário entender alguns pontos importantes neste sentido, como local de moradia, se trabalha, estuda, enfim, quais as ocupações. Na oportunidade da entrevista procurei dar ênfase aos aspectos mais relacionados à prática do skate, sendo que questões sócio-econômicas, por exemplo, ficaram nas entrelinhas, por assim dizer. Isto devido ao fato de as entrevistas serem conduzidas de forma menos formal e, sobretudo, em momentos de descanso dos skatistas na pista<sup>33</sup>.

Song, morador do bairro Lagoa da Conceição, 29 anos, trabalha na cozinha de um bar e restaurante que agrega no mesmo ambiente também uma loja de skate e uma pista no formato *bowl*. Natural do Paraguai, mas morando no Brasil desde os 8 anos de idade, começou a andar de skate em Cuiabá (estado do Mato Grosso) em 1999. Já morou em Campo Grande (Mato Grosso do Sul) e Curitiba (Paraná), antes de se mudar para Florianópolis. Está na cidade há um ano e seis meses, sendo que neste período passou dois meses na Argentina e Chile a passeio. Nos momentos de folga e após o dia de trabalho, procura ir para Trindade andar de skate quando não se sente cansado. Já Trujillo, 17 anos, anda de skate há quatro, mora no centro da cidade e cursa o terceiro ano do ensino médio. Koston tem 29 anos, é natural de São Paulo e anda de skate desde 1999. Mora em Florianópolis há aproximadamente nove anos, quando sua família procurava por melhor qualidade de vida. É estudante de graduação em Educação Física e trabalha no projeto ARCA<sup>34</sup>, que oferece suporte para quem deseja aprender a andar de skate, ou se preparar fisicamente. Está frequentemente na pista, trabalhando ou simplesmente andando de skate. O traslado desde sua casa em Canasvieiras até a Trindade e a faculdade, é feito de ônibus. Aliás, todos se locomovem através do transporte público, menos Muska que chega até a pista de carro ou moto. Este último é morador da Palhoça, tem 25 anos de idade e catorze de skate. É proprietário e funcionário – *sushiman* – de um estabelecimento especializado em comida japonesa.

Estes dados sobre os entrevistados serão importantes no decorrer deste trabalho para entendermos *desde onde* falam este skatistas, ou seja, é necessário considerar que ao caracterizar cada interlocutor, vislumbramos vestígios no sentido de entender a ligação

---

<sup>33</sup> Com exceção de Song, que concedeu entrevista em seu local de trabalho, após expediente.

<sup>34</sup> Maiores informações: <<http://arcaskateboard.com/>>. Acesso em: 9 jul. 2015.

entre prática e discurso, bem como nos distanciamos de tratar simetricamente cada sujeito neste contexto.

Creio interessante ressaltar também que nem sempre alguns contatos e conversas estavam previamente agendados. Em algumas situações participava informalmente de conversas que fazem parte do contexto dos praticantes de skate naquele local – assim como eu, como já colocado. Na prática do skate é comum a conversa entre os skatistas sobre as manobras que pretendem executar, mesmo que às vezes não se conheçam: de que forma executar tal manobra, em que obstáculo, etc. Poderemos entender melhor sobre isto, e outras questões mais adiante.

### ***Trinda skatepark***

Para melhor ilustrar o ambiente, nos referimos a dois espaços diferentes que compreendem o que foi chamado como skatepark da Trindade, ou simplesmente *Trinda*, se utilizando deste termo nativo. Para isto devemos entender outras denominações locais: pista e quadra (ou quadrinha). A primeira se refere ao espaço construído pelo poder público, onde se encontram as rampas feitas de concreto voltadas para a prática do skate. A segunda se refere à quadra poliesportiva que teve sua oferta inicial – a prática de futsal, basquete e vôlei, etc. – ressignificada pelos skatistas, que adaptaram no local obstáculos construídos por eles mesmos.

Durante as observações ficou evidente a preferência da maioria dos skatistas pela quadrinha, tornando a pista um espaço onde, na maioria das vezes, se via iniciantes dando seus primeiros embalos. Não raro, era possível notar que alguns obstáculos da pista serviam de assento, devido à inutilização destes mobiliários, que se encontravam danificados. Quando não eram os próprios skatistas simplesmente *dando um tempo*, ou olhando de perto as manobras dos colegas, pais e mães – ou responsáveis adultos – utilizavam os mobiliários da pista para observar e/ou auxiliar as crianças que se aventuravam em cima do skate. Diante destas impressões, preferiu-se dar maior visibilidade para a quadrinha durante o período das observações. Importante colocar, que no fim de 2014 e decorrer do ano de 2015, a pista e a *quadrinha* passaram por uma reforma feita pelos próprios skatistas, os quais, além de repararem alguns obstáculos, construíram novos. Isto só foi possível devido a um esforço coletivo e organizado por parte dos skatistas locais, que arrecadaram dinheiro na própria pista através das chamadas *vaquinhas*.

Um dos interlocutores quando questionado se havia participado da construção dos obstáculos na quadra da *Trinda*, respondeu que não, mas que havia ajudado com dinheiro para compra de materiais. Complementou dizendo que a característica destas obras feitas por skatistas é “[...] o *faça você mesmo* né. Esse lugar aqui... Existe vários como esse no Brasil inteiro... No mundo né” (PEREIRA, 2015). Ainda sobre este tema, acrescentou a experiência da cidade de Tubarão, onde viveu e andou de skate: “Lá essa cena *faça você mesmo* fez valer. A gente ficou num local lá sete anos. Era um supermercado desativado que a gente usou pra andar de skate” (PEREIRA, 2015).

Esta experiência que se desenvolve no skatepark da Trindade, da construção de obstáculos pelos próprios skatistas, ação que nosso interlocutor chamou de *faça você mesmo*, é bem conhecida em outros campos. Foi com o movimento punk que se desenvolveu a ideia do *do it yourself* (representado pela sigla DIY), com o descontentamento da sociedade em que viviam os jovens em sua maioria, para ser mais exato, nos Estados Unidos e na Inglaterra. Assim, “[...] os punks de primeira hora começaram a criar suas próprias artes plásticas, suas próprias roupas diferentes, seus próprios discos (dando início a um real sistema de gravadoras independentes) e suas próprias publicações (revistinhas xerocadas chamadas fanzines)” (OROZCO, 2010).

O DIY faz parte de certo sistema de códigos e ética comum no movimento punk, que prega a liberdade individual e defende ideias antiautoritárias, de não-conformismo e anticonsumismo. Neste movimento se desenvolveu a característica de evitar a compra de roupas de grandes marcas, dando preferência aos brechós ou as reformas feitas pelos próprios punks. As bandas punks passaram a produzir seus próprios álbuns e shows sem a interferência de grandes gravadoras e distribuidoras, divulgando os eventos a partir de *flyers* e pôsteres confeccionados pelos próprios músicos. A ideia central colocada aqui, portanto, é a do desenvolvimento da autossuficiência e do poder de criação de cada indivíduo, sempre em busca de maior liberdade e independência (CARVALHO, S/D).

No skate a relação com o DIY é muito próxima. Os skatistas fizeram/fazem por eles mesmos desde seus próprios skates – como já visto anteriormente –, até suas próprias pistas. Uma das mais tradicionais pistas DIY encontra-se na cidade de Portland, nos Estados Unidos. Burnside, como é conhecida, foi construída pelos próprios skatistas locais, e mais tarde reconhecida pela prefeitura (WIKIPEDIA,

2016)<sup>35</sup>. Este exemplo serve acima de tudo para relacionarmos a trajetória de desenvolvimento do movimento punk junto à cultura do skate, já que estes dois campos, além de contemporâneos, tem suas histórias por vezes entrelaçadas, já que são diretamente ligadas às culturas juvenis e todo seu progresso a partir da década de 1960.

Durante a década de 1980 a prática do skate passa a se desmembrar em outras modalidades além do skate vertical, e para além da relação com a prática do surf nas cidades litorâneas. Em meados desta década surge com força o *street skate* nos grandes centros urbanos – em São Paulo mais especificamente –, centralizando também a produção de materiais de skate, assim como a produção cultural relacionada à prática. Neste contexto também se desenvolvia a cultura punk entre a juventude urbana. O desenvolvimento de uma cultura do skate não pode ser analisado sem referenciar a relação direta com o movimento punk, que por sua vez, é resultado de um contexto em que as juventudes criticavam suas condições e buscavam outras soluções para seus problemas.

O punk, como expressão cultural, surgiu de forma direta e indireta de vários movimentos, correntes de pensamento e manifestações musicais. Bivar [1982 apud BRANDÃO, 2010b] aponta uma série de acontecimentos do século XX que podem ter associações com o movimento punk. A lista é longa e por vezes desconexa: a Segunda Guerra Mundial, os existencialistas (Sartre, Simone de Beauvoir, Albert Camus), James Dean e sua “Juventude Transviada”, a explosão do *rock and roll*, os *beatniks* como *Jack Kerouac* e *Allen Ginsberg*, a pintura abstrata de *Jackson Pollock*, a Guerra do Vietnã e a contracultura, os festivais de música, *Monterey* [1967], *Woodstock* [1969], os músicos *Jimi Hendrix*, *Janis Joplin*, *Jim Morrison*, *Marc Bolan*, *Bryan Ferry* e a grande circulação de drogas e alucinógenos que passaram a circular por este período, como o LSD e a cocaína, fizeram parte de alguns nomes e fatores, para não citar todos, que o autor mistura no

---

<sup>35</sup> Mais pistas DIY disponível em: <<http://www.brainjet.com/places/4991/12-diy-skateparks-to-skate-before-you-die/#slide/1/0>>; <<http://www.skatepark.org/park-development/2011/05/ten-diy-skateparks/>>. Acesso em 6 jun. 2016.

caldeirão cultural, social, econômico e político do século passado, e que acredita terem influenciado, mesmo de forma tortuosa, o surgimento do punk como um grito de revolta e menosprezo pelo mundo na segunda metade da década de 1970 e durante os anos de 1980 na Europa, Estados Unidos e também no Brasil (BRANDÃO, 2010b, p.128. Inserção de referência nossa).

O autor relaciona a isto – a conexão entre skate e punk – o fato de a prática do skate ser também marginalizada no decorrer dos anos 1980. Soma-se aí também a popularização do skate de rua, que vinha causando polêmica nos centros urbanos, chegando a ser proibido pelo prefeito de São Paulo, Jânio Quadros: “o auge disso fora o ano de 1988, quando a prática chegou a ser proibida por decreto-lei (Lei 25871), ‘cortesia’ do ex-presidente Jânio Quadros, então prefeito da cidade de São Paulo, lugar onde se concentrava o maior contingente de skatistas do país” (BRANDÃO, 2014, p. 171).

Ser skatista (de rua, mais especificamente) e punk neste período, portanto, era flertar também com certa imagem de rebeldia, visualmente agressivo e de atitude contestatória frente à sociedade. Não podemos afirmar que todo skatista era punk, e que todo punk era skatista, assim como não podemos fazer hoje. Como veremos, nem todos os interlocutores deste trabalho se identificam diante de uma postura punk. A isto se deve o contínuo processo de desenvolvimento da cultura skatista que não se limita aos anos 1980, mas tem agregado em sua história outros fatores importantes nas décadas seguintes, como a relação com a cultura Hip-Hop – para citar um exemplo – a partir da década de 1990. O interessante aqui é identificar e desnaturalizar certos aspectos que fazem parte do *ser skatista*, e neste caso, a cultura punk e a proposta do *faça você mesmo* (DIY) encontra respaldo na atividade dos skatistas. Assim como na quadrinha da *Trinda*, em outros lugares em que a prática do skate não teve estrutura reconhecida pelos praticantes – ou sequer teve estrutura –, estimulando-os a agirem organizadamente para alcançarem seus objetivos, dando, a sua maneira, outras formas a estes espaços.

\*

Retomando os relatos, Muska conta que quando começou a andar de skate com o irmão, teve contato com o que chamou de *mundo do skate*, o qual ele resumiu da seguinte forma: “se relacionar com pessoas de áreas diferentes, mas que se identificam só pelo fato de tá

com o skate” (PEREIRA, 2015). Segundo este interlocutor acontece uma identificação entre os skatistas que vai além das aparências, mas se baseia na preferência pela mesma prática. Ele ainda coloca que, no ambiente da pista especialmente:

Quem não aguenta sai fora. Filha da puta é elogio, tem que ser [...]. É uma galera desencanada. Com todo respeito, mas tu tens que tá ali pelo skate. Porque se tu deixar de tá ali pelo skate, deu, entendesse? Skate é uma família! É uma coisa em comum. É como se a gente tivesse o mesmo motivo por tá aqui. Então tu não vai deixar de tá aqui porque tu não fala mais comigo, ou porque tu é de local tal, ou é de religião tal. Skatista roqueiro, skatista funkeiro, eles se identificam... Pelo skate. Skate quebra as barreiras, [o] preconceito (PEREIRA, 2015).

Por mais que este interlocutor defenda que o skate tenha essa postura crítica, agregadora e libertadora ao mesmo tempo, este não é um ponto de vista absoluto entre os skatistas desta pesquisa (PEREIRA, 2015). Outro skatista entrevistado contradiz este aspecto de que na skatepark da Trindade só existe a preocupação com a prática do skate. Para Song, há alguns entraves nas relações com aqueles que não são nascidos na cidade, por exemplo. Ele afirma:

Cara, ali na Trindade, uma coisa que eu vejo muito, [...]. Tem uma galera ali que é... Os *manézinhos* que andam de skate lá. Tem uns guri que tipo assim: o restante não existe, é só eles ali, tá ligado? Se você é nativo daqui e eu não sou, e a gente tá conversando, e chega um outro aqui, daqueles que chegaram ontem [nativos], eles vão ali e te cumprimentam, só você, sabe? Eu como se não existisse. Isso aí pra mim eu acho um absurdo, cara. Meio fechado. Te tesourando mesmo. Tipo assim, ‘oh, você não é daqui então a gente não vai falar com você’ (PEREIRA, 2015. Inserção do autor).

Neste caso podemos refletir como o skate tem um entendimento quase que alienante entre alguns skatistas, pois, ao que parece, a prática deve se sobressair frente aos seus pontos de vista pessoais. A última

situação que exemplificamos, demonstra a subtração, ou o *maquiamento*, de casos em que alguém encontra dificuldades em estabelecer-se em outras relações sociais, aspecto tão comum nas metrópoles, especialmente quando se encontram em trânsito entre cidades. Ou seja, estamos pensando sobre as dificuldades que muitos indivíduos encontram ao procurar se estabelecer em um ambiente que apresenta outras regras e condições de sociabilidade. O skate colocado como agregador encontra entre alguns de seus praticantes, como foi relatado, atitudes contrárias.

Este bairrismo, ou localismo, não se sobressaiu durante o período de observações e nem foi enfrentada diretamente pelo pesquisador (PEREIRA, 2015). Situações conflituosas neste caso parecem não serem enfrentadas tendo como mediador o skate, seja por questões de uso do espaço, seja por divergências entre estilos, domínio da técnica, etc.

Um relato interessante nos dá pistas para interpretar as questões de localismo onde a prática do surf aparece como correspondente. Segundo Trujillo, no bairro Rio Tavares, algumas situações envolvendo bairrismo podem acontecer no meio skatista: “É, lá pro Rio Tavares tem bastante [bairrismo], cara. Porque eles são surfistas, são uns caras mais velhos, e são mais, sei lá... Localismo e essas paradas. Mas, ah, fazer o que né...” (PEREIRA, 2015. Inserção do autor). Isto nos faz pensar o movimento em sentido a certa independência do skate em relação a outros esportes, em especial aqui, em relação ao surf. Nota-se isto na preocupação em apresentar o skate enquanto agregador, frente ao localismo, comum entre os surfistas<sup>36</sup>. Cremos ser este fator de extrema importância, ao notarmos que o skate é defendido pelos praticantes geralmente como uma família, uma comunidade, onde a maior preocupação é confraternização com os amigos, ainda que os depoimentos mostrem que nem sempre isso ocorre desta maneira.

---

<sup>36</sup> “Todo surfista conhece a ideia de que quem vem de fora não tem os mesmos direitos que os locais. Estes sabem os melhores lugares para pegar onda, que geralmente é uma faixa restrita do mar, e os haoles (quem é de fora) devem respeitar o espaço que eles precisam para a prática. Muitos veem o localismo - sem agressões físicas - como um mal necessário para organizar a disputa pelas ondas e manter a praia limpa e preservada”. Disponível em: <<http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2014/08/agressoes-a-surfista-no-campeche-reacendem-debate-sobre-localismo-no-surfe-catarinense-4578922.html>>. Acesso 16 jun. 2016.

## Na quadrinha da *Trinda*

Na quadrinha era onde se encontrava o maior número de skatistas durante as observações feitas. Durante os dias de semana o fluxo de skatistas era menos intenso do que nos fins de semana. Sábados e domingos eram os dias que a pista, e especialmente a quadrinha, ficavam *crowdiada*<sup>37</sup>, utilizando este termo nativo.

Há toda uma dinâmica no uso da quadra, e do ambiente de modo geral, por parte dos skatistas e dos não-skatistas. A base do que foi uma tabela de basquete servia de guarda-volumes, onde se acumulavam mochilas, peças de skate, roupas, calçados, garrafas, etc. Tinha sempre alguém por perto, sentado, não necessariamente cuidando dos objetos, mas também descansando, apertando algum parafuso com uma chave sacada da mochila, tomando um refrigerante ou cerveja. Havia também quem preferia fumar cigarro ou maconha. Da mesma forma, algumas vezes foi possível observar algumas pessoas sentadas nos bancos da praça bebendo, fumando, comendo, ou simplesmente observando o vai e vem dos skatistas.

Na quadra é comum que os skatistas que estão *em ação* esperem por sua vez nas margens da quadra, próximos à grade, antes de utilizar determinado obstáculo. Para ser mais exato, a maioria dos skatistas fica nos fundos da quadra, já que esta tem um formato retangular, sendo que o caminho do fluxo se dá no sentido do comprimento da quadra. Geralmente os obstáculos estão situados no centro deste espaço, e é interessante notar como raramente alguém se choca num espaço relativamente pequeno, principalmente em dias de bastante movimento. É um vai e vem desordenado num primeiro olhar, mas percebe-se ali alguma sincronia. Nos momentos de pico entre 20 e 30 pessoas em média utilizam os obstáculos da quadra. Desviam dos corpos, dos skates perdidos que escapam da tentativa de outros skatistas; desviam também

---

<sup>37</sup> Pista *crowdiada* é sinônimo de pista movimentada. *Crowd* em inglês é multidão ou ajuntamento de pessoas. Em contagens aproximadas, a média de skatistas na quadrinha ficava entre 15 a 20 nos dias de semana, e menos de 5 na pista, chegando a 40 ou 50 skatistas na quadrinha nos fins de semana e no máximo 10 na pista. Pelo menos metade deste total de skatistas circulava efetivamente entre os obstáculos da quadra. Vale lembrar que este espaço tem as medidas aproximadas para a prática de esportes como o futsal. Ou seja, é uma área pensada para comportar no máximo 10 jogadores – no caso do futsal. A quadra não foi medida, mas acredita-se que esteja próxima da medida oficial de uma quadra de futsal de 40 metros de comprimento e 20 de largura.

dos obstáculos não desejados, mas em geral visam um objetivo. Cada um tem sua vez, mas se demorasse a sair perdia a chance. Cada obstáculo é usado por um skatista por vez. Não existe uma fila, mas cada um sabe seu momento de usar o obstáculo. Quando o skatista que está na vez não se sente preparado, dá um sinal para que o outro passe a frente. No entanto é comum alguém ser mais afobado – ou mesmo desligado – e se colocar a frente sem considerar os colegas. Se este skatista passa a repetir isto, logo é repreendido, a menos que esteja fazendo uma linha. Ou seja, que acerte uma manobra num obstáculo e na sequência queira dar continuação, fazendo uma espécie de combo de manobras. Numa linha o skatista tenta acertar manobras em sequência, mesclando – mas não necessariamente – a utilização dos obstáculos que o lugar oferece com as manobras de solo. Estas, por sua vez, são as manobras que os skatistas executam sem utilizar obstáculos como rampas, caixotes, trilhos. Geralmente estas manobras consistem em fazer o skate girar sob os pés, ou mesmo girando o corpo junto ao movimento do skate, ou também movimentando somente o corpo.

Os mais atentos sabem quem está tentando uma linha e não se importam em dar a vez do obstáculo para este. Quando alguém conclui com êxito uma manobra, o reconhecimento vem através das palmas, dos gritos e assobios dos demais skatistas. Quanto maior grau de dificuldade apresentar a manobra, ou maior for a insistência do skatista em concretizá-la, mais enérgicas são as manifestações dos demais.

Os limites ultrapassados por cada um são reconhecidos: um skatista iniciante acertando uma nova manobra é comemorado, por mais que esta não demonstre tanta dificuldade aos demais. A insistência também tem seu valor. Desistir de tentar uma manobra parece incômodo para a maioria dos skatistas. Alguns demonstram irritação com o passar das tentativas, gritam e jogam o skate contra o chão. Outros parecem mais focados e persistem em silêncio. E há também aqueles que simplesmente *partem para outra*.

Numa das visitas à quadrinha, Song estava tentando duas manobras diferentes na caixa<sup>38</sup>. Assim que a manobra “estivesse no pé”, ou seja, quando a manobra estivesse sendo concluída com maior firmeza, queria filmar com uma câmera que havia trazido, o que não aconteceu. Descansando após as tentativas viu Wagner Ramos – skatista profissional – e outro skatista local tentando uma manobra na

---

<sup>38</sup> Caixa (ou caixote) é um obstáculo feito geralmente de madeira com bordas metálicas para facilitar o deslize do skate.

pirâmide<sup>39</sup>, caindo para fora da rampa, no solo da pista. Decidiu filmá-los, e aí começou uma série de tentativas dos dois skatistas. Wagner tentava um *Nollie Back Side 180 Flip* [imagem 15], o que logo se efetivou, devidamente capturado pelas lentes de Song. Já o outro skatista tentava um *Hardflip* [imagem 16], que se estendeu por algum tempo. Quando o mesmo conseguiu acertar a manobra, Song não tinha focado a imagem, invalidando a tomada. O que se passou depois foi uma luta intensa para acertar a mesma manobra. O skatista que tentava a manobra parecia incansável e chegou até mesmo a quebrar seu *shape*, devido a sequência de impactos sofridas pela tábua. Neste momento, se solidarizando, e como sinal de apoio pelo empenho demonstrado, Wagner e Song ofereceram seus skates para que ele concretizasse a manobra. Foram nada a mais, nada a menos, que 99 tentativas consecutivas! Sendo a centésima realizada com sucesso. Este número preciso de tentativas ficou registrado no contador de *takes* da câmera de Song, que capturou todo o processo. O acerto foi celebrado com aplausos, gritos e cumprimentos ao skatista, e a manobra revista algumas vezes na pequena tela da câmera. Como troféu, este skatista ganhou o *shape* do skate emprestado por Wagner, que depois de tanto ser maltratado pelos tombos e quase acertos, mais parecia ter sido usado por dias.

---

<sup>39</sup> A pirâmide é um dos obstáculos da pista. Ela não necessariamente deve ter quatro lados declinados, exatamente como uma pirâmide, podendo ter somente três dos quatro lados desta forma, como é o caso da pista da Trindade.

**Imagem 15:** a manobra *Nollie Back Side 180 Flip*.



Fonte:

<<http://typicalculture.com/articles/photoissue16/Jack%20Wickersham/Alex%20Stimpfel-%20Nollie%20backside%20flip%20.jpg>>. Acesso em: 9 jul. 2015.

**Imagem 16:** a manobra *Hardflip*.



Fonte:

<[http://bradmskateboarding.weebly.com/uploads/9/4/5/7/9457877/2414097\\_ori\\_g.jpg](http://bradmskateboarding.weebly.com/uploads/9/4/5/7/9457877/2414097_ori_g.jpg)>. Acesso em: 9 jul. 2015.

A este relato associamos uma constatação interessante, que foi o uso dos telefones celulares, também como ferramenta, para além da câmera filmadora convencional, para registrar as manobras dos skatistas. Bastava que uma nova manobra surgisse para que o executor da mesma sacasse seu celular e pedisse ao colega para filmar sua proeza. Percebeu-se que as manobras a serem registradas na maioria das vezes

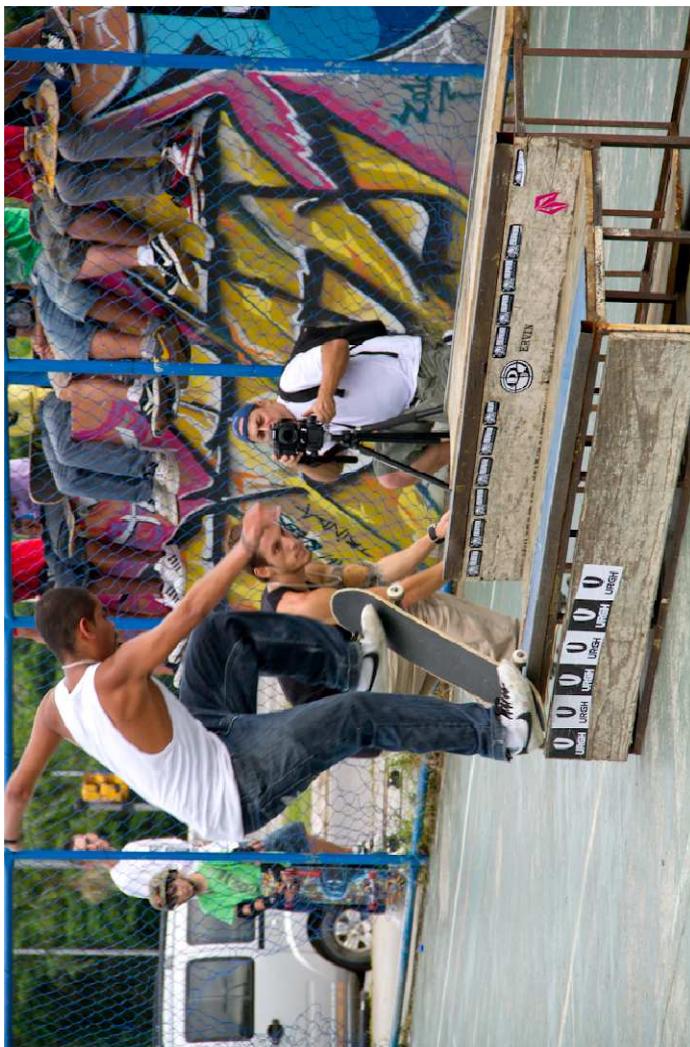
apresentavam a evolução técnica de cada skatista, sendo considerada de alta dificuldade não só para aquele que tentava a manobra, como para seus pares. As imagens geralmente são compartilhadas nas redes sociais na internet.

Em outra ocasião observada sobre as filmagens feitas pelos skatistas, foi quando um skatista local mostrava o resultado das suas filmagens para outro, filmado por ele mesmo. Os dois conversavam sobre qual a melhor tomada, e assim decidiam continuar filmando para capturar o movimento perfeito. Naquele dia, não durou muito e a câmera foi guardada, mas as filmagens não pararam. Gilmar<sup>40</sup> acertou uma manobra de muita técnica na caixa de dois degraus [imagem 17] e queria registrá-la. Então com seu celular nas mãos de um colega, que mirava a caixa, Gilmar iniciou uma sequência de tentativas da mesma manobra. Não parecia estar difícil efetivá-la, e algumas até poderiam constar como concretizadas. Mas não bastava: precisava “sair legal”. Depois de tanto tentar, e algumas vezes ter que abortar a tentativa devido aos cortes de outros skatistas que procuravam o mesmo obstáculo, a irritação transparecia, e logo veio a desistência: “Deixe quieto. Muita gente!”, esbravejou para o colega. O celular também voltou para mochila. No entanto, mais algumas tentativas: será que a ausência de alguém filmando alivia a pressão sobre o skatista? Da mesma forma a manobra não veio. Irritado, jogou o skate contra a grade: “Que merda! Por que que o cara tem que trabalhar?!!” –, gritou, se justificando *aos ventos* após: “[A pessoa] fica uma semana sem andar, só pode andar no fim de semana e dá nisso! O cara fica gordo e não volta as manobras” (PEREIRA, 2015. Inserção do autor). Este relato nos aponta a frustração do projeto do skatista, preocupado na evolução do seu skate. Em outro momento, este mesmo interlocutor nos falou sobre a vontade de tentar viver do skate na Europa. Isto é comum entre aqueles skatistas que buscam na profissionalização um modo de se garantir financeiramente, ao mesmo tempo em que continuam fazendo aquilo que gostam.

---

<sup>40</sup> Nome original modificado para preservar a identidade do interlocutor.

**Imagem 17:** caixa de dois degraus.



Fonte: <[https://mamacavalo.files.wordpress.com/2011/02/img\\_4092-61.jpg](https://mamacavalo.files.wordpress.com/2011/02/img_4092-61.jpg)>.  
Acesso em: 11 jul. 2015.

\*

Durante uma conversa com outro interlocutor, notou-se a preocupação com o que ele chamou de *essência* do skate, ao mesmo tempo em que há a preocupação, mesmo que não sistematizada

criticamente pelo próprio, do processo de esportivização do skate. Este interlocutor fala também sobre a importância de se tratar o skate enquanto prática que não priorize a competição e a busca por dinheiro através do esporte. Segundo Trujillo, a prática do skate não deveria ser encarada como um treinamento, mas como diversão ou oportunidade de brincar com os amigos: “Treinar? Isso aqui não é futebol!” – disse ele, que completou: “Pô, o cara vem aqui e não fala com ninguém, fica só no fone de ouvido, anda e vaza” (PEREIRA, 2015) – se referindo aos skatistas que preferem se concentrar no aperfeiçoamento de seu desempenho sobre o skate. Pode-se interpretar através de sua fala uma referência ao fato de andar de skate somente para competir, e usar o espaço da pista de uma forma concentrada e individualizada, focando no aperfeiçoamento das manobras, no entanto, conjecturamos que esta crítica se refere ao esporte – futebol no caso –, a partir do que entende sobre a obrigação das regras, as questões de rivalidade, etc.

Ainda em relação à competição, um ponto que problematiza o discurso do competidor individual, é a constância do *Game of Skate* praticado pelos skatistas na Trinda. “Vamos fazer um *game* pra aquecer?” – convidam os skatistas. Jogam *Pedra, Papel e Tesoura* para ver quem inicia. O jogo consiste numa espécie de duelo de manobras, onde o primeiro sorteado executa uma manobra qualquer e o seguinte – ou os seguintes, pois não havendo limite de participantes geralmente participam no máximo cinco skatistas – deve repetir a manobra. Em caso de erro, o skatista que falhou “ganha” a letra S, no segundo erro, a letra K, e a cada erro uma letra, até que se complete a palavra SKATE (alguns preferem contar os erros de 1 a 5). Ou seja, são permitidos cinco erros antes de ser eliminado. Quando o oponente acerta uma manobra ela é aplaudida. A ideia é que se faça uma manobra mais difícil que a outra, até que um dos participantes erre. Ou, quando ambos conhecem bem o *rolê* do outro – ao falar no *rolê* de outro skatista, neste caso, está se analisando qualitativamente o domínio da técnica do mesmo. Assim, a estratégia pode ser executar uma manobra mais simples, desde que saiba que o oponente não irá acertar tal manobra. Há sempre um comentário ou algo a dizer sobre as manobras, ainda mais quanto à dificuldade técnica: “Essa é *cabreira!*”. Ou então quando a manobra é mal executada: “Repete... Repete...”, fazendo sinais circulares com o dedo indicativo. No fim, um soquinho entre os punhos cerrados como forma de cumprimento e sorriso no rosto. O *game* é, portanto, uma brincadeira competitiva, mesmo que algumas vezes haja um clima de tensão, mas que não parece ser negativa.

Outro relato que destacamos sobre a questão da competição, Koston fala sobre o skatista focar em somente competir, e cita o caso de um skatista profissional – Rodil de Araújo “Ferrugem” – que, segundo ele, foi até mesmo isolado por outros skatistas por ter esta conduta. Para Koston, essa relação que o skate tem com o fato de competir é diferente dos outros esportes:

[...] eu vejo que o skate não é muito essa questão da competição [...]. Você vai assistir um campeonato de surf, cada um fica com sua galera. Cada atleta ali tem sua galera e um fica torcendo pro outro perder a onda, ou pro amigo dele pegar a onda melhor, pra ele ganhar, pra ele chegar lá no pódio e ser campeão. Fica quase uma rivalidade. Igual o futebol, que as pessoas se matam, da torcida ainda. O skate não. O skate você não vê... Eu não vejo uma... Já vi, mas era tipo, brincadeira... Uma pessoa torcendo pra alguém errar uma linha pro amigo dele ganhar. Isso é uma coisa que não acontece. Não acontece. Praticamente uma reunião de amigos num campeonato né. Alguém ganha, óbvio que tem competição, se você tá disposto a competir você tem que... Se inscreveu você já tem uma competição né. Então você tem que no mínimo focar nisso. Mas o foco principal é andar de skate, ver os amigos, conversar, aprender coisa nova (PEREIRA, 2015).

\*

Nos relatos acima notamos a presença de aspectos que indicam a riqueza simbólica de que dispõe este grupo, os quais nos auxiliarão a fazer a relação com o desenvolvimento do *campo* skatista em curso neste caso. A persistência, os acertos, o progresso, são motivos de reconhecimento entre os pares, seja através de palmas, gritos comemorativos – “*éééeahh!!!*” –, batidas com o *shape* no solo, ou uma mais contida batida entre as mãos. Acertar a manobra é o equivalente ao gol no futebol, só que neste caso com toda a torcida a favor. Aliás, é disto que os skatistas parecem querer se distanciar: da competição tradicional; do *um contra o outro*; do meu time contra o seu.

A disputa se demonstra num sentido bem pessoal, como se dependesse somente do skatista ultrapassar certo obstáculo, ou efetivar certa manobra. E é. Mas não só. Cada um deles parece jogar com seus

pares, tanto que, para citar um exemplo, não é bem visto executar a mesma manobra do colega no mesmo obstáculo, se este estiver com dificuldades de acertá-la. Está em jogo uma relação de reciprocidade, de encorajamento. Cada tentativa, erro e acerto de uma manobra é um momento individual, mas coletivo. São raros os que não estão vigilantes ao desempenho do colega, ou não estão também minimamente preocupados em serem vistos no seu *rolê*. Quando não tem o registro e a aprovação de sua galera, tem o registro das câmeras e, provavelmente, as *curtidas* nas redes sociais em outro momento. Neste ponto de vista, o discurso em torno do skate se demonstra acolhedor, liberal, buscando sempre o progresso, reconhecendo o mérito do outro através da confraternização. Mas notamos que são também sujeitos que expõem visões de mundo pessoais, por certo adquiridos na relação que cada um desenvolve no campo social mais amplo.

Está se desenvolvendo nesta situação também a imagem, não somente a filmada, mas a do skatista, ou seja: a sua identidade. Ela é tecida ali, nas relações com os outros, entre pares. Ela se revela através do corpo, quando se desafiam sem proteção diante da queda iminente, indicando que os equipamentos de segurança tem outros sentidos – fraqueza; condição de iniciante; medo. Enfim, em todos estes aspectos manifestados através destes discursos e atitudes, estão incorporados valores de uma cultura skatista que, através das mobilizações subjetivas e materiais, agregam valor naquilo que conjecturamos *ser skatista*.

### **Sociabilidade na Trinda**

A seguir, partimos para o desenvolvimento de questões mais teóricas, mesmo que para isto não deixemos de lado o aspecto declarativo de nossos interlocutores. Neste sentido, diante do que já foi exposto, estaremos nos referindo também, às questões de sociabilidade.

Entendendo o skate como uma prática fortemente relacionada a uma *cultura juvenil* e de presença cada vez maior nos centros urbanos, partimos do ambiente da pista, entendida não somente como *rua* de forma genérica, mas analisamos inicialmente este contexto em relação a outros já tradicionalmente estabelecidos, como a escola e *a casa*, por exemplo.

Nesse tecido das instituições que recobrem as formas de sociabilidade juvenil, de sua mudança e crise, adquirem um relevo fundamental as dimensões socializadoras do mundo da rua.

De algum modo, a rua se inscreve na sociabilidade urbana, em vários momentos da vida das cidades, mas ela se reveste de especificidades históricas que precisam ser consideradas e examinadas na interação com outras instituições socializadoras (SPOSITO, 1993, p. 166).

O distanciamento dos jovens das práticas políticas coletivas tradicionais, como por exemplo, sindicatos e partidos, se reflete em outras formas de ação coletiva no espaço urbano, onde “ruas e praças da cidade são ocupadas pela presença de incontáveis agrupamentos coletivos juvenis, estruturados a partir de galeras, bandos, gangues, grupos de orientação étnica, racista, musical, religiosa ou as agressivas torcidas de futebol” (SPOSITO, 1993, p. 162). Assim, “percebe-se uma nova apropriação do espaço urbano, que desafia o entendimento e exige uma aproximação mais sistemática para sua compreensão.” (SPOSITO, 1993, p. 162). Como já apresentamos, o ambiente pesquisado foi ressignificado de acordo com a expectativa dos sujeitos que fazem uso dela. Ponto este que nos remete a ideia da existência de uma ação coletiva organizada, bem como à relações de sociabilidade.

José Magnani (2005) aponta que a ideia de espaço público nos leva à distinção, necessária, entre convivência e sociabilidade. A convivência é a relação cotidiana, mas não implica obrigatoriamente em comunicação, ou sequer conhecimento. No espaço público, desconhecidos convivem. Mesmo em se tratando de grupos ou pessoas que se conhecem, a convivência não gera obrigatoriamente laços mais íntimos. A sociabilidade implica em estreitamento de laços. Indivíduos numa relação de sociabilidade têm algum tipo de identificação comum, algo que os une além do mero fato de frequentarem os mesmos espaços. Sociabilidade é o laço comum: são indivíduos que, se conhecendo e reconhecendo, constituem-se enquanto grupo. Assim Magnani (2005) propõe o uso de um conjunto de termos – *pedaço*, *mancha*, *trajeto*, *circuito*, *pórtico* – com a intenção de elucidar as relações de sociabilidade dos sujeitos no cotidiano urbano. Por ora iremos nos concentrar no conceito de *pedaço*, já que para que fosse possível expandir nosso quadro conceitual, em específico com as contribuições de Magnani, teríamos que dispor de maior aprofundamento no cotidiano dos skatistas em questão, o que demandaria maior tempo e outras estratégias de investigação.

Apesar do processo econômico que redefine a ordem urbana, a necessidade de encontro faz com que muitas pessoas reconfigurem

espaços que, mesmo tendo outra função, recebem outro significado. Isto é, na impessoalidade aparente dos centros urbanos se constroem espaços informais de sociabilidade que relacionam seus frequentadores na criação de laços com um lugar, um *pedaço* seu. Estes espaços muitas vezes possuem caráter de auto-organização, ninguém os declara abertos, ninguém os instala. Sua criação é parte de um processo coletivo, sem planejamento. Magnani (2005) então, com a ideia de *circuito de jovens*, busca entender a sociabilidade juvenil, bem como questões de permanências e regularidades nos espaços. Segundo o autor, a análise dos circuitos deve

levar em conta tanto os atores sociais com suas especificidades (determinações estruturais, símbolos, sinais de pertencimento, escolhas, valores etc.), como o espaço com o qual interagem – mas não na qualidade de mero cenário, e sim como produto da prática social acumulada desses agentes, e também como fator de determinação de suas práticas, constituindo, assim, a garantia (visível, pública) de sua inserção no espaço. (MAGNANI, 2005, p. 177).

Para Magnani (1998), portanto, o aspecto de *pedaço* estaria ligado à noção que se tem das relações entendidas como algo mais próximo ao privado:

o termo na realidade designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade (MAGNANI, 1998, p. 116).

Este conceito surgiu por necessidade metodológica nas pesquisas realizadas na cidade do porte de São Paulo, onde a heterogeneidade, a diversidade, a desordem, aparecem como predominantes. No entanto, quando se olha *de perto e de dentro* se descobrem as regularidades, e não o caos e a fragmentação como normalmente aparecem no senso comum. Segundo Magnani (2002), o olhar atento do pesquisador pode ultrapassar a barreira do usual e descobrir que os atores sociais, no seu cotidiano têm padrões de

comportamento que são regulares. Assim, se Roberto Da Matta define o espaço público – a rua – em oposição ao espaço privado – a casa –, Magnani (1998) percebe que o relacionamento que se estabelece entre os usuários do espaço público por vezes foge aos interesses de sua definição. Um espaço público não é por si só, um espaço de sociabilidade. Nas áreas de uso comum da cidade, as pessoas podem circular sem estabelecer qualquer contato pessoal. O espaço público pode ser o espaço do anonimato, da circulação de indivíduos estranhos entre si.

Entendendo a cidade de Florianópolis como parte de uma região metropolitana – a grande Florianópolis<sup>41</sup> –, podemos analisar nosso campo em específico como ambiente que atrai pessoas não só de seus arredores mais próximos, mas também de bairros e cidades vizinhas. Muska comenta que a influência de amigos nos primeiros contatos com o skate, são um dos pontos fortes para se chegar a algo mais amplo, como no caso do skatepark da Trindade, que recebe skatistas de vários lugares e não só do bairro. Para ele: “No fim, hoje aqui tem skatistas de vários locais, [...]. Ó, ali tem Monte Verde, tem os moleques lá do sul da Ilha, moleque lá do norte da Ilha, do continente. Sempre tão aqui. Isso aqui não é uma galera de um bairro” (PEREIRA, 2015). Este mesmo interlocutor é morador da cidade de Palhoça, como já colocado. Os outros skatistas entrevistados se deslocam da Lagoa da Conceição, Canasvieiras e Centro, para andarem no bairro da Trindade. Nos relatos eles afirmam andar de skate em outros lugares, não somente em pistas. Entretanto a *Trinda* aparece como ponto central de preferência, por questões como proximidade da casa, relação com os pares, aspecto material – diversidade de obstáculos. Mas como já dito, iremos nos focar em entender o skatepark da Trindade como um *pedaço* skatista, e para isto traremos alguns relatos para melhor ilustrar o que pesquisamos.

---

<sup>41</sup> Tendo como sede a cidade de Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina, a Região Metropolitana tem seu núcleo composto pela conurbação de Florianópolis com municípios vizinhos, formando uma única área urbana contínua onde vivem cerca de 877.706 pessoas, o maior aglomerado populacional de Santa Catarina. O núcleo metropolitano é composto por: Florianópolis, São José, Palhoça, Biguaçu, Santo Amaro da Imperatriz, Governador Celso Ramos, Antônio Carlos, Águas Mornas, São Pedro de Alcântara. Ao redor deste núcleo, 13 municípios constituem a área de expansão, totalizando 22 municípios na Região Metropolitana e uma população de 1.012.831 habitantes. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%A3o\\_Metropolitana\\_de\\_Florian%C3%B3polis](http://pt.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%A3o_Metropolitana_de_Florian%C3%B3polis)>. Acesso em: 26 mar. 2015.

O conceito de *pedaço* para Magnani (1998), como já colocado, remete a questões de espaço, da participação regular dos indivíduos e de símbolos de reconhecimento e entendimento entre estes. O autor observou em suas pesquisas – principalmente em *Festa no Pedaço* – que a sociabilidade nas comunidades periféricas da cidade de São Paulo se dava, em seu tempo livre, para além da mera busca pela reposição das forças consumidas pela rotina do trabalho cotidiano: “Representava, antes, uma oportunidade, por meio de antigas e novas formas de entretenimento e encontro, de estabelecer, revigorar e exercitar aquelas regras de reconhecimento e lealdade que garantem uma rede básica de sociabilidade” (MAGNANI, 2002, p. 20). Tudo isto amparado por regras e códigos, e não visto somente como relações aleatórias de moradores de certa localidade. Cabe ressaltar que Magnani (1998) desenvolveu este termo primeiramente no contexto de um bairro periférico, com características de vizinhança típicas de áreas residenciais, sendo que posteriormente transpôs este olhar para o centro da cidade. Assim, enquanto no bairro as relações mais próximas permitiam desenvolver códigos para o conhecimento de quem eram, de onde vinham, do que gostavam, etc., sobre as pessoas daquele local, em uma região central, por outro lado, as relações eram marcadas por impessoalidades e anonimato, mas que ofereciam lugares de encontro e lazer, onde a ideia de *pedaço* se refaz. Ou seja,

diferentemente do que ocorria no contexto da vizinhança, os frequentadores não necessariamente se conheciam – ao menos não por intermédio de vínculos construídos no dia-a-dia do bairro – mas sim se reconheciam como portadores dos mesmos símbolos que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo e modos de vida semelhantes (MAGNANI, 2002, p. 22).

A partir da contribuição de Magnani (1998; 2002; 2005) no desenvolvimento e aprofundamento do conceito de *pedaço*, foi possível demarcar como o mesmo aparece nos relatos contidos nas entrevistas. Os interlocutores foram questionados sobre a relação com o ambiente do skatepark da Trindade e também de suas memórias, tendo como base as relações em torno da prática do skate.

Koston relata suas memórias do início com o skate e a importância da presença dos amigos com quem aprendeu a andar: “Se

não tivesse nenhum dos três ninguém andava [risos]. Então era mais porque a gente gostava do esporte em si. Mas skate é... Eu acho muito difícil praticar sozinho. Pela questão de parceria. De acertar uma manobra, ao menos você tentar e o cara ver. Te incentiva” (PEREIRA, 2015). Neste sentido, ao apontar a estima pelas companhias, este interlocutor nos indica caminhos para entender o skate como um esporte individual, mas, em certo sentido, coletivo. Koston lembra também a história de um skatista que contraria – mas não – este costume de não andar só, já que ele seria o único skatista de uma pequena cidade no interior de Santa Catarina<sup>42</sup>. “Tá sozinho, mas não tá. Porque, vamos dizer assim: ele é skatista, e skatista tem muito de ajudar um ao outro” (PEREIRA, 2015).

Tornando ao nosso caso da *Trinda*, Song, quando questionado sobre o que o atraía no skatepark, respondeu: “Eu gosto de andar lá porque, tipo, me atrai bastante a quadrinha. Mas também tem uma galera ali que eu gosto de tá junto e tal, tá conversando sempre” (PEREIRA, 2015), apesar da situação de exclusão antes relatada. Já Trujillo, que se preocupa também com a situação dos locais para a prática do skate, não abre mão da importância da companhia dos amigos. Questionado se vem à Trindade com frequência, responde: “É, agora não muito, porque as pistas são precárias né. E quero evoluir meu skate, aí eu ando em outros *picos*, tá ligado. Mas aqui é onde conheço mais gente, tenho mais amigos” (PEREIRA, 2015). Ele reconhece também a importância do skate na construção de suas amizades: “Meus principais amigos, os que eu mais ando, mais converso, são todos skatistas. [...]. Eu sempre procuro fazer amigos por todo lugar que eu vou, tá ligado. Sempre conhecendo alguém. Mas a maioria foi por causa do skate. Tipo 90%” (PEREIRA, 2015). Muska, além da preferência pelo local e a dinâmica

---

<sup>42</sup> O próprio Koston apresenta o skatista que é morador de Laurentino - SC: “É o Pique.[...] Tem um vídeo dele na internet, tem uns 100 mil *views* já, [se chama] ‘o melhor skatista da cidade’, porque ele é o único. [...]. Aí depois que ele lançou esse vídeo, contou a história dele, mostrou algumas manobras, ele anda no pátio de uma igreja, sozinho. As vezes quem filma ele é um cara que anda de bicicleta. Ou ele deixa a câmera parada, filma todo o *rolê* depois edita manobra por manobra. Depois disso ele foi convidado a andar em São Paulo, no Rio de Janeiro, algumas marcas ajudando. Uma galera paga a passagem: ‘chega aqui e a gente... fica lá em casa, a gente vai pra pista junto’. Então ele conseguiu até um certo apoio né”. Link para o vídeo citado disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=C\\_z\\_dwUbw\\_A](https://www.youtube.com/watch?v=C_z_dwUbw_A)>. Acesso em: 25 mar. 2015.

material que encontra, conta que possui laços que remetem aos primórdios da pista:

Tipo, ali no Itacorubi tem uma galera que já anda de skate. Já tinha toda a história da UFSC. A gente sabia que isso aqui por ser um bairro universitário... Contava com uma Universidade, né, e [tinha] picos ali. Dentro da Universidade tem locais pra andar de skate. Então a própria Trindade tem a fama de lugar *skatável*<sup>43</sup> (PEREIRA, 2015. Inserção do autor).

Quando questionado sobre o fato da *Trinda* receber skatistas de vários bairros da cidade, Muska responde que ali

[...] reúne uma galera mais ligada ao skate. Não é simplesmente ter um skate. É querer acertar manobra, é conhecer a cena do skate. É tá por dentro, é querer tá com a galera que realmente anda de skate. Tem skatistas bons aqui. Tem skatistas profissionais que frequentam aqui. Então a galera tá sempre querendo se inspirar, se motivar, andando de skate num local onde realmente se anda de skate. O verdadeiro skate. O skate técnico. O skate espontâneo, o skate criativo. Todo mundo tem seu estilo (PEREIRA, 2015).

Ou seja, “o *pedaço* é o lugar dos *colegas*, dos *chegados*. Aqui não é preciso nenhuma interpelação: todos sabem quem são, de onde vêm, do que gostam e o que se pode ou não fazer” (MAGNANI, 2002, p. 21). Desta forma, nosso olhar neste último momento foi o de entender este recorte do ambiente urbano enquanto um espaço de sociabilidade, carregado de regras e certos protocolos. Para isto lançamos mão do conceito de *pedaço* desenvolvido por Magnani, mas também enquanto um *pedaço* skatista, assim como pensou Giancarlo Machado (2012), em suas observações em campeonatos de skate. Este, por sua vez, treinou tal olhar “analisando não só a estrutura, mas também as relações que são construídas em eventos como esses, [assim] percebeu-se que o

---

<sup>43</sup> Termo nativo, semelhante a *pico*, para identificar lugares em que é possível andar de skate.

*skatepark* pode ser considerado o *pedaço* dos skatistas” (MACHADO, 2012, p. 80. Inserção minha). Ainda segundo Machado,

estar junto de outros skatistas naquele local significa pertencer a um agrupamento que pressupõe o cumprimento de determinadas regras que garantem certa proteção. Qualquer skatista, independentemente de qual cidade for, ao entrar em um *skatepark* provavelmente estará em um ambiente seguro quanto à hostilidade entre os frequentadores, [...]” (MACHADO, 2012, p. 81).

Por mais que nosso caso aqui trate de um skatepark público, parte de uma praça esportiva, podemos flertar com esta ideia de pertencimento e segurança entre pares, como vimos nos relatos transpostos. Não podemos negar que para maior solidez da pesquisa alguns pontos devem ser mais aprofundados, mas ao que foi possível levantar até o momento nos torna suficiente identificar rastros que ofereçam um caminho para investigarmos a complexidade de relações sociais que se escondem atrás desta suposta brincadeira juvenil.

Vimos que a ideia de *pedaço* tratada por Magnani (1998; 2002; 2005) está ligada a um estudo antropológico em que, com esta chave de leitura, pretende conter aspectos subjetivos e objetivos, encontrados e anunciados pelos indivíduos que fazem parte de determinado contexto. Nos falta maior proximidade com a antropologia de Magnani, em especial à família de conceitos pensadas por ele, para que possamos afirmar o alcance delas no trabalho do cientista social. O fato é que se demonstra aqui uma possibilidade de pensarmos a noção de *pedaço* em paralelo à noção de relação com o saber (CHARLOT, 2000; 2001; 2005) visando ampliar metodologicamente e conceitualmente as pesquisas em nossa área. Poderíamos pensar, por exemplo, o protagonismo dos sujeitos, a elaboração de si e o aspecto declarativo como constituintes do estudo antropológico, neste caso, como constituintes de um *pedaço*. É no *pedaço* que existe a possibilidade de se estabelecer relações sociais concretas e compartilhadas, já que tal ambiente oferece condições mínimas de encontro e troca. Ou seja, o que ocorre no *pedaço* faz sentido para o sujeito que dele participa. Só se reconhecem no *pedaço* aqueles que identificam certos códigos, tornando possível assim a sua comunicação. Esta concepção enquanto ferramenta de estudo nos oferece mais uma possibilidade de flexionar os conceitos de *habitus* e *campo*.

## Projeto SKT

Apresentado o contexto geral desta pesquisa – processo histórico do skate, o quadro atual da prática e o *campo* que se desenvolve na skatepark da Trindade e Florianópolis, onde mobilizaremos os conceitos básicos de nossa pesquisa a partir do que pensou Pierre Bourdieu –, trataremos agora de aproximar nossa investigação diante do tema da Educação. Adiante, será indicado os próximos passos do estudo, que tem por objetivo entender os sentidos das experiências vividas, não somente pelos skatistas da *Trinda*, mas também pelos alunos-skatistas do Projeto SKT.

Este momento da pesquisa não foi contemplado, é preciso que se diga, com um olhar etnográfico, assim como ocorreu no estudo sobre a skatepark da Trindade. Por este motivo, dando sequência a lógica do texto, não nos preocupamos em tratar deste projeto enquanto um *pedaço* skatista. Mesmo que os relatos apontem relações que demonstram a importância da sociabilidade para os alunos-skatistas, nosso interesse se desenvolveu no sentido de entender a relação com o saber do skatismo neste projeto. A discussão de *pedaço*, portanto, foi pensada em relação à prática skatista menos formal que uma escola particular<sup>44</sup>.

A escolha deste projeto se deu não somente por ser umas das únicas experiências educativas até então, envolvendo o skate na região da Grande Florianópolis, mas por trazer a questão do ensino de uma prática que tradicionalmente não acontece mediada por modelos formais de educação. Compactuamos, neste sentido, com o ponto de vista desenvolvido por Honorato (2012), que serve aqui como uma reflexão introdutória, sobre a relação desenvolvida entre o tempo escolar e tempo livre dos jovens skatistas.

A relação da prática do skate e a educação foi pesquisada por Honorato (2012) objetivando lançar vistas às relações de poder que skatistas (des)constróem numa instituição escolar. Neste trabalho, o autor nos oferece a possibilidade de refletirmos sobre as disputas existentes entre jovens-skatistas-estudantes, agentes escolares e seus respectivos domínios e negociações de capital cultural num ambiente

---

<sup>44</sup> Numa outra oportunidade poderíamos analisar o Projeto SKT enquanto parte do *circuito* skatista: “Trata-se de uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contigüidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais” (MAGNANI, 2002, p.23).

escolar. Honorato (2012) procurou entender como se daria a relação entre a *tribo skatista* e a instituição escolar, debatendo o fenômeno do poder na configuração escolar a partir da ótica dos skatistas. O autor entende os skatistas enquanto sujeitos individualizados na sociedade contemporânea, sendo os mesmos, parte de relações de interdependências. Este processo só seria possível devido à especialização do indivíduo e da sociedade, concomitante ao desenvolvimento sociocultural da prática skatista, que vem sendo construída desde os anos 1960. Um dos componentes elencados por Honorato (2012) para discutir a individualização skatista é a dimensão do tempo, considerado “[...] um fenômeno socialmente construído pela própria experiência humana e que se (re)constrói historicamente nos processos dinâmicos e não planejados, porém suas mudanças são orientadas pelas referências vivificadas” (1998; 1994 apud HONORATO, 2012, p. 47). O aspecto do tempo está também vinculado ao tempo escolar, já que os skatistas em sua maioria se encontram em idade escolar, ou seja, no caso de sua pesquisa, são adolescentes. Segundo Honorato (2012), os skatistas estão em inter-relação quanto ao tempo escolar e a prática do skate, revelando “[...] uma relação de interdependência no sentido de entrelaçar a individualização skatista à educação socialmente construída na ‘rua’ e à educação construída no interior da instituição escolar” (HONORATO, 2012, p. 49). Aqui ressaltamos dois aspectos importantes apontados por Honorato (2012), e que podemos tomar como indicações para nosso objeto em específico: um seria em relação ao tempo livre do skatista, onde ocorre o lazer esportivizado e a busca pela *emoção*, em contraste ao tempo escolar, com o rigor da disciplina e das regras.

As informações que seguem sobre o projeto, foram extraídas do seu *site* na internet<sup>45</sup>, que, com o prazo limite de tempo para finalizar esta pesquisa se aproximando, e com a dificuldade de contato com a coordenação do projeto<sup>46</sup>, as informações sobre este campo se limitarão à análise do *site*, e às informações obtidas em raros momentos de conversa com o skatista e professor Burnquist<sup>47</sup>, encarregado pelo projeto (atleta há 15 anos e skatista profissional há dois). Burnquist –

---

<sup>45</sup> Não citado por motivos óbvios.

<sup>46</sup> O contato com a coordenação do projeto foi prejudicada pelo fato da nossa procura coincidir com um período de reformas do Centro de Treinamento do Projeto SKT, o que impossibilitou um encontro mais formal para que pudessemos obter maiores informações.

<sup>47</sup> Nome original modificado para preservar a identidade do interlocutor.

que é bacharel em Educação Física, formado pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), profissional credenciado pelo Conselho Regional de Educação Física (CREF) – nos informou que, de modo geral, a preocupação do Projeto SKT é formar o skatista enquanto atleta, dando ênfase ao aprendizado da técnica do skate nas aulas. O projeto existe há aproximadamente cinco anos, tendo como público na sua maioria crianças e jovens iniciantes, não limitando idade para participar. O projeto é privado e conta com apoio de marcas de skate, as quais não nos foram informadas. Segundo Burnquist, houve uma tentativa de aproximação com órgãos do governo estadual e prefeitura para ampliar a oferta de aulas, abrindo o projeto para a comunidade em geral, mas devido à burocratização que encontrou neste processo, não conseguiu dar continuidade. A atuação do Projeto SKT se dá em pistas públicas e particulares, além de escolas particulares como aula extracurricular. Aplica o projeto também em igrejas, em conjunto a outros projetos que estas oferecem por sua vez. As modalidades oferecidas vão desde o *street* e vertical, passando pelo *downhill*<sup>48</sup> e *freestyle*<sup>49</sup>.

O projeto tem sua própria pista-sede, localizada no bairro Kobrasol, no município de São José, região da Grande Florianópolis<sup>50</sup>. O Centro de Treinamento – CT SKT, como é chamado, além de ser o local das aulas, é também uma skatepark coberta, com loja de skate e lanchonete anexas. É possível, com agendamento prévio, alugar o espaço da pista para eventos como aniversários e festas, assim como pagar pelo acesso diário à pista, por valores que variam de R\$ 5,00 à R\$25,00 [ver tabelas em anexo].

Retornando às aulas do Projeto SKT, segundo nos informou Burnquist, os outros professores tem experiência de pelo menos dez anos de skate, e se encaminham para a formação no curso de Educação

---

<sup>48</sup> A modalidade *downhill* consiste na descida de ladeiras, onde o skatista pode executar manobras deslizando no solo, ou tentando alcançar maior velocidade possível.

<sup>49</sup> O *freestyle* é praticado em solo plano, onde o skatista demonstra sua habilidade executando manobras de giro na sua maioria, tanto do skate como do próprio corpo.

<sup>50</sup> Por mais que este campo se situe geograficamente em outro município, e não na cidade de Florianópolis, continuaremos tratando do campo do skate na cidade de Florianópolis. Consideramos que nossos interlocutores são residentes desta cidade, e além disto, acompanharam – e acompanham – o desenvolvimento do skatismo na mesma.

Física. O coordenador ressaltou a importância da formação dos professores-skatistas enquanto educadores físicos, pois considera o skate como esporte, e, portanto, deve existir uma preocupação com o condicionamento físico dos alunos, para a formação destes como atletas. Ele considera que o skate deve ser pensado pra além de *estilo de vida* ou *cultura*, se preocupando assim, entre outras coisas, com o acesso às drogas. Ressaltou a questão da técnica skatista, fazendo o contrapondo do skatista que anda com a *razão*, e o que anda com *emoção*. Segundo Burnquist, o primeiro ponto estaria focado na técnica, onde o skatista sabe o que está fazendo, como deve se posicionar no skate, por exemplo. No outro ponto, o skatista *só faz*, ou seja, faz as manobras sem pensar e é movido pela emoção, podendo, por exemplo, errar as manobras por estar abalado emocionalmente. Ainda neste sentido, existe a pretensão também de expandir o projeto não somente com o oferecimento de aulas, mas com o acompanhamento físico de atletas – incluindo profissionais – e recuperação de lesões.

No site do Projeto SKT encontramos mais informações sobre o projeto, que confirmam e vão além do que nos informou o coordenador do mesmo. O Projeto visa o aprendizado da técnica do skate através da devida orientação, tornando o aprendizado mais divertido e menos desgastante para o aluno-skatista. Seu objetivo é preparar fisicamente o skatista com o intuito de prevenir lesões desnecessárias, considerando também o lado psicológico, na busca pela eliminação do medo excessivo, para com isto, acelerar a evolução técnica. Além disto, o projeto busca conscientizar seus alunos sobre a relevância de hábitos saudáveis para a prática do skate, oferecendo métodos de aquecimento antes do exercício, com a preparação da musculatura com alongamentos, por exemplo. No site é possível conferir também uma tabela de preços das mensalidades e planos para associados, sendo o mínimo de R\$ 150,00 para as aulas [tabela Anexo 3].

O projeto apresenta um cronograma das atividades, no qual as aulas estão divididas primeiramente a partir do local onde se dão as aulas (CT SKT, Colégio Autonomia e Colégio Catarinense), sendo que, na primeira opção os encontros acontecem durante a semana toda, exceto nas terças-feiras e domingos, contemplando todos os turnos (manhã das 8h às 11h; tarde das 15h às 17h, e noite das 19h às 22h). Os encontros nas duas outras opções de local se dão as segundas e quintas, no horário das 12:20h às 13:20h, e nas sextas das 14h às 15h e das 19h às 20h. Nestes três locais apresentados, todos oferecem o nivelamento mínimo do aprendizado, colocados como: Nível básico 1, Nível básico 2, Nível intermediário 1 e Nível intermediário 2. Somente no CT SKT,

há a possibilidade de outras três opções, que são: Nível avançado 1, Nível avançado 2 e Treinamento. O público alvo para todos estes níveis é disposto a partir do domínio da técnica que o aluno dispõe. Assim, na sequência dos níveis colocados acima, este público é dividido entre:

**Nível básico 1:** Iniciantes que nunca subiram no skate ou que ainda não executam manobras.

**Nível básico 2:** Iniciantes que já executam elementos básicos como: drop, carvin, ollie, 180°, etc...

**Nível intermediário 1:** skatistas que já acertam manobras básicas de solo, manual, caixote, corrimão e transições como: flips, 50-50, rock slide, stalls, rock n'roll, aéreos, etc...

**Nível intermediário 2:** skatistas que já acertam as principais manobras de solo, manual, caixote, corrimão e transições incluindo manobras de básicas nas outras 3 bases [sic]

**Nível avançado 1:** skatistas que já acertam manobras moderadamente complexas de solo, manual, caixote, corrimão e transicoes incluindo manobras de double.

**Nível avançado 2:** skatistas que já acertam manobras complexas de solo, manual, caixote, corrimão e transições incluindo manobras de giro na entrada e na saída de bordas e corrimãos.

**Treinamento:** skatistas que buscam apenas melhorar o rendimento físico no skate ou com objetivos profissionais e competitivos [tabela Anexos 1,2 e 3].

Burnquist coloca que o curso de Educação Física auxiliou no sentido de ter aprendido a parte metodológica, didática, da fisiologia do exercício e alongamentos, tendo como plano de ensino uma visão que contempla um método global e um parcial. Neste sentido, propõe ensinar o que colocou como *o todo*, e posteriormente *o específico*. Esta ideia, aplicada ao conhecimento técnico do skate, busca a progressão em dado nivelamento – como vimos acima –, tendo como parâmetro as dificuldades das manobras. Com as manobras catalogadas em níveis – das consideradas mais fáceis, às mais difíceis –, oferece exercícios para cada uma delas, segmentando assim os movimentos. Segundo o

professor-skatista, a influência para o desenvolvimento deste método se deu através de outros aplicados para outros esportes.

O Projeto SKT ainda oferece workshops, com a proposta de apresentar o skate para universidades, empresas, prefeituras e colégios. Além disso, tem uma proposta social chamada SKT Social, com o objetivo de repassar doações financeiras, de peças e materiais de skate, e também oferecer aulas, passeios, torneios e outras atividades educativas, tendo como parceiros outros projetos de cunho social.

\*

Para problematizarmos e aprofundarmos as relações que a prática do skate desenvolve nesta experiência educativa, buscamos os relatos de alguns alunos-skatistas do Projeto SKT para nos ajudar neste sentido. Foram entrevistados quatro alunos, sendo três homens e uma mulher, na faixa de idade dos 15 aos 40 anos de idade, sendo todos naturais da cidade de Florianópolis. Estes contatos foram feitos através do professor-skatista Burnquist<sup>51</sup>, e as conversas se deram de maneira presencial, com a característica de entrevistas semi-estruturada, quando algumas questões foram colocadas com a ideia de fazer a condução, deixando claro ao/a entrevistado/a a possibilidade de ir além do que propunha a questão. Assim também as questões eram feitas de acordo com o tom da conversa, mas com o cuidado de contemplar todas as questões previamente pensadas.

As perguntas foram desde as mais básicas – nome, idade; ocupação; nível de escolaridade; onde mora; estuda? Local; ocupação e nível de escolaridade dos pais; como e quando começou a andar de skate? Quem fez a mediação? Onde se informa sobre skate? Quais fontes? –, passando para as mais subjetivas, por assim dizer – Por que escolheu fazer aulas de skate? Quais os objetivos com os treinos?; Quais são as influencias no skate e, se existir, em outros esportes?; O que entende por essência do skate?; Qual a importância do skate na sua vida? Que aprendizado leva do skate para outras relações (família, amigos escola, trabalho)?; Qual a relação com os professores do projeto e com os colegas?

Estas questões foram pensadas com o intuito de que, a partir das respostas, pudéssemos nos aprofundar nas discussões acerca da formação do *habitus* dos skatistas, onde, dependendo das diferentes mediações e relações com o skate existentes, estas características seriam expostas de diferentes modos. Ou seja, conjecturamos que o sentido que

---

<sup>51</sup> Todos foram indicados através do aplicativo para celulares *Whatsap*, sendo que a comunicação diretamente com os interlocutores ficaram por nossa conta.

os alunos-skatistas, e os aspectos que mobilizam para se relacionar com a prática do skate, poderiam divergir daquelas que os skatistas de rua apresentaram, representados aqui pelos skatistas da *Trinda*.

Diferentemente do método utilizado para a aproximação com os interlocutores na *Trinda*, com os interlocutores, alunos do Projeto SKT, não nos aproximamos através da observação participante. Portanto, encaramos a escolha dos entrevistados como um primeiro recorte, feito pelo coordenador do projeto. Ao pedirmos tal mediação, fizemos a observação de que precisávamos de quatro ou cinco skatistas, entre homens ou mulheres, e de preferência adolescentes e/ou adultos. Dito isto, o critério de escolha de nossos entrevistados ficaram a cargo do professor Burnquist.

Para analisar o que foi dito pelos entrevistados, organizamos a apresentação do que nos falaram da seguinte maneira: primeiramente descreveremos os aspectos objetivos colocados pelos interlocutores, e depois aqueles considerados subjetivos. Neste sentido, pretendemos balancear finalmente estes dois ângulos, a fim de identificarmos as mobilizações feitas pelos skatistas neste campo que envolve o skate e educação.

\*

Iniciaremos esta parte da apresentação fazendo um recorte de idade e colocando os dados referentes ao aspecto objetivo de cada skatista. Assim iniciamos por Oliveira<sup>52</sup>, skatista de 15 anos de idade, estudante da segunda fase do Ensino Médio e Técnico no Instituto Federal de Santa Catarina. Oliveira anda de skate há aproximadamente 5 anos, tendo como influência um amigo que morava próximo a sua casa, e posteriormente a companhia do irmão que é dois anos mais velho. Ambos já não andam mais de skate. Sua mãe é pedagoga (professora na Universidade de São José – Centro Universitário Municipal de São José) e seu pai professor de Direito (na UDESC). Oliveira mora com a mãe e com seu irmão mais velho no bairro do Campeche, na região sul da cidade de Florianópolis. Seu pai tem outra família e outros três filhos. Sua informação sobre skate vem basicamente da internet, através de

---

<sup>52</sup> Os nomes originais foram mudados para preservar a identidade dos interlocutores. As referências usadas para substituir os nomes são daqueles que os próprios citaram como inspirações, exceto no caso de Steamer, que, como veremos, não nomeou ninguém. Então atribuímos a ela o nome de uma mulher skatista mundialmente reconhecida. Os nomes são: Luan de Oliveira, Elissa Steamer, Lance Mountain e Kelly Slater.

sites de revistas internacionais, que segundo ele, tem a assinatura cara para que tenha acesso no formato físico.

Nossa segunda interlocutora é Steamer, a única mulher entre os interlocutores. Steamer tem 29 anos e é trabalhadora autônoma – é tatuadora e aplica *piercings*. Completou o Ensino Fundamental em escola pública. Ela anda de skate há quase três anos, e teve como principal mediador o filho, que hoje tem 14 anos de idade. Os pais de Steamer também completaram o Ensino Fundamental e estão aposentados atualmente. Seu pai trabalhava em uma gráfica e sua mãe era funcionária da Companhia de Melhoramentos da Capital (COMCAP), afastada por problemas de saúde. Mora no bairro Monte Cristo – região continental de Florianópolis, e se informa sobre skate, no geral, através da internet, mas também conversando com amigos que indicam blogs e vídeos.

Mountain, nosso terceiro interlocutor, tem 40 anos de idade e é analista de sistemas em sua própria empresa na cidade de São José. Tem formação superior em Ciências da Computação pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), e pela mesma instituição, está em fase de conclusão da pós-graduação em Engenharia da Qualidade de Software. Mountain anda de skate desde o final da década de 1980, contabilizando aproximadamente mais de 25 anos de prática. Segundo ele, neste início, ele era o único a ter um skate – que ganhou de sua mãe – entre os amigos na região em que morava – bairro Estreito –, sendo que mais tarde teria a companhia dos amigos na prática. Seus pais são também aposentados, sendo que sua mãe foi analista de sistemas do antigo Banco do Estado de Santa Catarina (BESC), com formação em Sociologia (o que não soube afirmar com certeza); seu pai foi funcionário da Telecomunicações de Santa Catarina (TELESC), também extinta, na área de técnico de comunicações, com formação superior em área que não soube informar. Atualmente mora no bairro Capoeiras, parte continental de Florianópolis, e tem como principal fonte de informações sobre skate também a internet, dando ênfase para a rede social Instagram, além de citar sites como o Youtube e outros que publicam vídeos de skate.

O último interlocutor é Slater, também de 40 anos de idade. Slater é funcionário da Justiça Federal e trabalha na área de tecnologia da informação. Sua graduação em Sistemas de Informação na Universidade Federal de Santa Catarina está em fase de conclusão, sendo que o próprio já havia cursado até a sétima fase do curso de Engenharia Elétrica. Slater anda de skate faz seis meses, mesmo citando que teve outra fase de skate – dos 14 aos 16 anos de idade, que, segundo

ele, não tinha o sentido de fazer manobras. A influência para que voltasse a andar de skate partiu de um grupo de amigos surfistas, esporte que ele também pratica. Os pais de Slater são aposentados, mas sua mãe ainda mantém ocupação como terapeuta. Seu pai tem formação e trabalhou como engenheiro, e sua mãe formada em matemática, dado que não teve certeza em afirmar. Mais tarde, com aproximadamente 50 anos, o pai de Slater se formou em Administração Pública, completou ele. Slater é morador do bairro Itacorubi, em Florianópolis, e procura se informar sobre o skate nas próprias aulas do Projeto SKT, além de também acessar sites e receber notícias pelas redes sociais, como o Facebook.

\*

Entre as finalidades e os motivos que fizeram os entrevistados a procurarem aulas de skate, ou, se tinham algum objetivo com os treinos, destacamos a busca pelo aperfeiçoamento da técnica, assim como a preocupação com o condicionamento físico e a busca pelo lazer, vindo na prática do skate um aspecto terapêutico.

Oliveira, que anda também na pista da *Trinda* esporadicamente, e se aproximou do projeto principalmente pela falta de parceria para andar:

[...] resolvi começar a vir andar de skate aqui na SKT, porque lá na Trindade, tipo... Tinha várias vezes que fui andar de skate e não tinha nenhuma companhia assim. E pessoas fumando às vezes na praça assim, ficava meio ruim. Ficavam tipo te olhando assim tu andar de skate... E sozinho não tinha motivação pra andar. E aqui na pista sempre tem alguém assim. E a qualidade é muito boa. E eu comecei a fazer aula de skate porque a galera que tava andando tava evoluindo bastante, daí eu tava afim de evoluir também... Eu quero ser skatista profissional um dia. Daí isso também acelera a evolução pra eu alcançar este objetivo.

Quanto às pessoas que fumam na praça, Oliveira está se referindo àqueles, skatistas, ou não, que sentam nos bancos da praça para fumar maconha, e assim, não tem motivação para andar. Oliveira também se refere a qualidade estrutural da pista do CT SKT, que conta com uma boa quantidade e diversidade de obstáculos.

Já Steamer escolheu as aulas para aprender manobras e evoluir no skate, além de dizer ser uma oportunidade de acompanhar o filho, que também faz as aulas:

Meu objetivo era mais pra aprender a andar de skate melhor assim. Aí eu coloquei primeiro meu filho na escolinha em junho de 2013. Aí no mês seguinte eu entrei na escolinha... No mês de julho né. E gostei. Fui aprendendo. Queria primeiro só descer uma rampinha, depois bater *ollie* e aí foi crescendo, evoluindo né, dentro do skate, se motivando cada vez mais.

Questionada se tem outros objetivos com relação aos treinos, respondeu que atualmente procura somente o lazer próprio.

Mountain, por outro lado, é o que mais tempo tem de skate entre estes entrevistados, e disse ter grande influência do professor-skatista Burnquist, que, além de já conhecê-lo anteriormente, o convidou a fazer as aulas para melhorar seu desempenho no skate:

[...] E daí eu comecei a observar ele dar aula, a didática dele e assim... Quando a gente andava junto ele procurava sempre dar uns toques. Então eu já tinha noção que eu ia ter um ganho legal fazendo aula com ele né. E assim, pra melhorar as manobras e tudo né. Pra fazer direito né, e facilitar o aprendizado.

Além disso, Mountain procurava ter mais facilidade em aprender novas manobras, bem como aperfeiçoar as que já sabia.

Para Slater, a oportunidade de fazer aulas de skate se apresentou a partir de seu grupo de amigos com os quais surfa. Segundo ele, estes amigos, que também praticaram ou ainda praticam skate, sugeriram que procurassem as aulas para voltarem a andar. Nisto também, somou-se a possibilidade de alguns deles que tem filhos pequenos, mais tarde viessem a influenciar os filhos a andar de skate também:

Eu achei legal a ideia e tal, que é uma coisa que eu nunca tinha buscado me aprimorar muito no skate né. E nessa idade com 40 anos eu achei que fazendo a aula eu teria uma chance maior de evolução. Porque não tenho mais tanto tempo livre. Tenho o trabalho, tenho o estudo... Enfim. E

daí a aula eu acreditava que era uma maneira de eu chegar num objetivo de andar razoavelmente assim, num espaço de tempo menor... Buscar uma técnica, procurar não me machucar... Então foi essa a ajuda que eu busquei junto ao curso aqui, da SKT.

Slater também considera outras finalidades na prática do skate, e especialmente nas aulas, que acredita ajudar no seu condicionamento físico e mental, se podemos assim dizer:

Eu não tinha pensado no skate só como atividade física. Mas hoje eu vejo que também é uma atividade física. Então é uma maneira de eu não ter uma vida muito sedentária também. Eu faço outras atividades físicas, eu corro, eu pedalo de vez em quando, pego onda né... Mas o skate entrou como mais uma atividade física, e é uma coisa que eu tenho prazer em fazer. Então quando eu venho aqui pra andar de skate, eu tenho essa oportunidade de tá fazendo uma atividade física. Com bom assessoramento, que vai me proporcionar um aprendizado sem tá me machucando e tal. E é uma coisa que me dá prazer também. Então fico andando ali uma, duas horas, saio bem tranquilo. Vou pra casa de cabeça feita, sem ficar pensando no trabalho e coisa né. É quase uma terapia também né.

Nota-se que no geral há uma figura *mediadora* entre o que cada um deseja. Destacam-se a mediação dos amigos, das parcerias, na busca por uma integração social e/ou vínculo identitário. A única mulher entrevistada se preocupa em ser companhia para o filho, além de tirar disso momentos de lazer. O professor aparece não só como mediador do conhecimento sobre o skate, mas também como outro amigo skatista. Além destas influências, questionamos aos skatistas se consideravam outras influências no skate, e até em outros esportes, ou se ponderavam outros aspectos neste sentido.

Oliveira coloca que no skate sempre tem alguém em quem se inspirar pelo estilo de andar, e pra ele: “Estas pessoas seria o Burnquist, o dono da SKT. O Wagner Ramos, que anda aqui em Floripa também. Tem vários... Tem o Luan de Oliveira que é famoso, e outros também brasileiros”. Questionado se haveria outras influências, respondeu: “Ah,

eu gosto bastante de ouvir rap. E tem rappers que contam histórias que me inspiram assim. Histórias de superações. Tem o rapper nacional Sabotage, os Racionais, também gosto um pouco de 50 Cent”. Pra ele a música serve como um estímulo quando está andando de skate, é uma fator que o deixa instigado, já que procura sempre estar com o fone de ouvido, mesmo que atento ao seu entorno.

Os pais de Oliveira exercem força na relação que ele desenvolveu ao escolher andar de skate. Ele relata a cobrança que os pais fizeram quanto a isto:

Meu pai sempre estudou. Ele disse que ele chegava da escola e ia direto estudar e se sobrasse tempo ele fazia alguma coisa. Ele passava a tarde inteira estudando. Então ele dizia que tinha que ser igual. Não que eu discorde dele. Estudar é importante. Mas eu sempre tava louco pra andar de skate assim, e daí eu acabei [...] levando a escola como mais uma tarefa. Tipo, vai ter prova, eu tava preparado pra prova, tá ligado... Mas nunca ia pela matéria e tal. Eu até tinha que... Eu gostei de estudar, sociologia eu achei legal estudar. Mas, era mais como uma tarefa assim, a escola. E skate, como por gostar muito assim... Daí meu pai era meio contra. Só podia andar nos fins de semana. Mas quem é skatista sabe que dá *rolê* só sábado e domingo não é aquela coisa né. Até dá, tenho vários amigos que só andam em fins de semana, mas não é tão legal. E a minha mãe sempre falou: pode andar, tranquilo, acho legal, só que tem que ir bem com a escola. Você não pode não tá nem aí pra escola e ir só bem no skate.

Oliveira diz não ter mais contato com o pai depois da separação dele e de sua mãe. E segundo o skatista, sua relação com a mãe é positiva quanto a ele andar de skate, já que ela apoiou sempre que possível comprando peças ou pagando a inscrição de algum campeonato.

Steamer colocou que sua principal influência seria o próprio filho, além de amigos que fez andando de skate e que acabaram entusiasmando ela. Em relação a outros skatistas, que não necessariamente próximos a ela, respondeu que acompanha muito pouco estes para citar algum nome.

Já Mountain nos informou as suas influências vem desde a época em que começou a andar de skate no início dos anos 1990. Segundo o próprio: “No início assim, a influência que a gente tinha era Caballero, Tony Hawk, Lance Mountain, aquele da Elephant... Como é o nome dele? O Mike Vallely, é. Era a galera que andava naquela época”. Mountain não lembrou nenhum nome de skatistas brasileiros da época, mas nos traz um testemunho importante de como as informações sobre estes skatistas que citou chegavam a ele e seus colegas: “[...] era raro ter alguém que tivesse vídeo cassete naquela época. Era um produto classe média/alta, né. E mais raro ainda quem tinha uma fita de skate. Então nessa época a gente tinha o hábito de comprar muita revista né. Então a gente via esses caras né”. Quando questionado sobre o contexto atual do skate e se havia algum skatista que servia de influência, citou Daewon Song e os skatistas patrocinados pela marca norte-americana Girl, que, para ele são admiráveis, mas sem chegar ao nível de ser um fã. Ele também cita a música como algo que o estimula:

A música influencia bastante né. Durante um tempo eu andava bastante com música e tal. Mais quando eu andava sozinho. Agora na pista ali tem som ambiente e tem a galera né. Então eu prefiro ficar conectado... Porque tu bota o fone ali tu acaba se isolando um pouco né. A influência que poderia dizer assim é... Não de skate especificamente, de um ou outro praticante, mas em vídeo assim... Tu fica naquele *hype* e tal. Empolgado.

O estilo de música que ele relaciona ao skate é o rock, preferencialmente rock antigo. Apesar de não ter citado bandas, citou duas referências que ele disse fugir um pouco do que escuta normalmente, que são as bandas Charlie Brown Jr e a banda norte-americana Yeah Yeah Yeahs.

Para Slater, o surf aparece como primeira referência quando o assunto é sobre aquilo que o influencia no skate: “Bom, o Kelly Slater pra mim... Eu sou contemporâneo dele né. Então eu já tinha mais ou menos a idade dele, quando ele começou a carreira dos onze títulos mundiais dele. Então pra mim acho que ele é um cara que revolucionou. Ele é uma influência pra mim no surf”. Mesmo assim citou alguns nomes de skatistas:

No skate eu sempre tive influência do Tony Hawk, e de alguns skatistas da antiga geração. Mas eu gosto muito também... Eu sempre busco alguma informação com o Pedro Barros ali. Que eu acho que pra mim ele é um dos maiores expoentes, é... Não conheço muito do pessoal que pratica *street* exclusivamente. Já vi alguns vídeos da Red Bull lá... Do pessoal lá que... Daí já é mais popular aí né, por culpa dos patrocínios e tal, mas não considero uma influência.

Slater também coloca a música relacionada ao skate, e divide em três aspectos esta relação: o fato dele também ser músico, a relação com o surf e sua primeira fase com o skate. Assim, quanto à música:

[...] poderia fazer uma outra entrevista só sobre música, porque eu sou músico também né. Inclusive uma das coisas que eu busco não me machucar no skate, é porque isso aí me prejudicaria nesse outro lado da música. Mas eu gosto muito de rock progressivo. A minha inspiração é Pink Floyd. Isso eu não preciso nem pensar muito.

Sobre isto, ele complementa:

Acho que tem mais relação com o surf, mas eu tive bastante influência do Pearl Jam também. E Pearl Jam considero que é uma influência que tenho no skate. Já tive minha época de escutar The Clash, Sex Pistols, que era bem a época que eu tava andando de skate lá [na adolescência] (Inserção nossa).

Vimos que as inspirações também seguem mais ou menos a mesma linha nas respostas de nossos interlocutores. Todos – com exceção de Steamer – citaram pelo menos um skatista profissional de renome internacional, demonstrando o mínimo conhecimento sobre os personagens ícones deste *campo*. Oliveira, por estar em fase escolar, cita os pais e a preocupação dos mesmos em relação aos estudos, mesmo que sua mãe, com quem vive, apoie sua atividade com o skate; em contraposição ao papel do pai, que de certa forma o pressionava em relação aos estudos. Ele e Mountain falaram da importância da música

no *rolê* skatista, deixando claro a relação com as sensações que a mistura entre skate e música podem proporcionar. Slater também cita a música na relação com o skate, mas não no mesmo sentido de Oliveira e Mountain, já que a música é outra atividade que pratica, demonstrando outro sentido pra essa relação. O surf aparece para ele como fator importante em relação ao skate, esporte que pratica com os amigos, que o encorajaram a andar de skate novamente. Este aspecto nos remete à ligação histórica das duas práticas e instiga pensar que ligações têm além da prática em pranchas.

Podemos demarcar aqui já algumas indicações às mediações que tornaram possível a escolha pelas aulas de skate no Projeto SKT. Além disto, são referências que apontam para determinadas maneiras de se praticar o skate, especialmente a esportiva, preocupada com as competições, com o corpo sadio, mas sem deixar de lado as confraternizações e o reconhecimento entre os pares. São a partir destas relações, destas experiências vividas neste *campo*, que tornam possível a incorporação de um tipo de skatismo.

\*

Outro aspecto interessante dos depoimentos diz respeito ao tema “*o que é ser skatista?*”, tema relacionado ao que se costuma considerar no meio como *a essência do skate*. Cremos que estes fatores possibilitam refletir sobre a formação de um *habitus* skatista, tendo em vista o desenvolvimento desta figura amparado, principalmente, por fatores que atravessam historicamente o *campo* do skate.

Oliveira, por exemplo, acredita que

[...] a essência do skate é tu combinar de dar *rolê* com teus amigos e se divertir um monte. Ir dar *rolê* em outros lugares, conhecer novas pessoas, e tipo... Eu sou cheio de objetivos assim: pô, quero jogar aquela manobra lá, daí quando você tem aquela realização assim... É muito bom. Mas acho que a essência do skate é parceria assim... Tipo, todo mundo junto assim no negócio. Tu vai evoluindo junto com teus parceiros. Tu não é melhor que o outro.

Já Steamer não quis responder, e disse simplesmente não entender muito. Diante disto, acreditamos que esta decisão não tem relação ao modo que a pergunta foi feita, mas a complexidade que a questão requer, e talvez uma inserção maior no que podemos chamar de

*cultura skatista*. Contrapomos a isto o exemplo da fala de Mountain, que além da proximidade com o que disse Oliveira, elencou vários dados importantes para nossa discussão. Para ele:

[...] a essência do skate é o cara que anda pra... Porque gosta de andar né. Não porque, sei lá... Porque quer ser melhor que o outro, e fazer manobras e tal. E é um cara que tá disposto a cair no chão e levantar porque faz parte né... Tem gente que acaba saindo por causa disso né. E andar pra se divertir né, não andar pra competir. Claro, tem aquele desafio, mas eu levo ele mais pro pessoal né. É pra brincar mesmo, pra curtir. E é uma válvula de escape boa também né. Meu trabalho é bem intelectual, então chego lá no skate o cara não pensa mais nada né. Focado ali. Relaxar mesmo.

Slater também relaciona o que ele acredita ser a essência do skate ao aspecto da amizade:

Pra mim a essência do skate é a liberdade e a amizade. Nessa minha nova fase de skate... Tive uma fase muito curta de skate, mas nessa minha nova fase foi bom encontrar alguns colegas e amigos, até que eu tenho hoje por conta do skate, e poder tá dando o *rolê* com eles né. Confraternizando e tal. Acho que isso pra mim é uma das coisas que tá na essência. E a liberdade porque, apesar da pista tá ali, os obstáculos estarem todos ali, tu vai fazer o que te dá na cabeça né. Então é um mundo ali que o artista tá chegando com o skate dele pra fazer sua obra ali né.

A mediação dos amigos, a importância das parcerias, do companheirismo, insistem em aparecer nas falas de nossos interlocutores, estando quase sempre em relação às ideias de equidade, em busca das realizações pessoais, mas coletivas, divertidas, prazerosas, livres, por vezes adquirindo um sentido terapêutico, e sem os limites de regras.

Buscando aprofundar o tema da *essência do skate*, verificamos quais os elementos considerados importantes no skate teriam relação com os âmbitos mais gerais de suas vidas: sobre a relação do skate com a família, os amigos, a escola/faculdade, com o trabalho, etc.

Aqui aparece com alguma força a ideia de que o skate tem mais sentido na vida do jovem do que a própria escola. Oliveira reforça a ideia já colocada por ele de que o skate tem uma ligação direta com o âmbito do lazer e divertimento, mas que acaba interferindo na rotina escolar, muitas vezes rivalizando com a mesma, prejudicando o seu bom andamento:

Acho que o skate traz muita diversão pra mim. Às vezes eu vejo muito amigo insatisfeito assim... Tipo: pô, agora vou pra escola, depois não sei o que... E eu sempre penso que vou pra escola, vou voltar, fazer o que tenho que fazer, e depois vou andar de skate. Eu ando bastante de skate assim. Volto feliz sempre. Tipo, às vezes toma muito meu tempo. Acabo dormindo pouco. Chego tarde às vezes. Ou tu acaba indo meio mal na escola, daí tem recuperar depois. Mas eu to sempre feliz assim por tá andando de skate, tá ligado?

Surgem também novos saberes que são aprendidos, atitudes que revelam a importância desta prática cultural. Em relação aos aprendizados que acredita influenciar em outros aspectos da sua vida, Oliveira diz ter aprendido muita coisa com o skate, mesmo ele dizendo não saber explicar. Mesmo assim:

Sei lá, eu aprendi bastante a conversar, a conviver, tipo...[...] Eu pensei a bastante tempo que sou eu que vem, faz um treino, daí vai embora pra fazer outra coisa, tá ligado? Eu, e acho que a maioria dos skatistas, são assim também. Vem, dá um role e tá pensando no skate ainda e tá sempre pensando no skate. Não vem pra dá um treino e deu. Vai tá sempre no *rolê* do skate.

Steamer por sua vez, diz que a importância maior que o skate oferece num contexto mais geral é a oportunidade de poder acompanhar o filho sempre que possível, além dos vínculos e amizades que desenvolveu. Para ela existe ligação entre o que aprendeu com o skate

com outros fatores de sua vida, que são: “A determinação. A própria superação... De se superar no skate, e também tentar superar no trabalho, em casa. A dedicação”. São sentidos que ponderamos que Steamer estimula para si, mas também para seu filho. São valores que julga importante em outras situações de sua vida e que tocam invariavelmente na relação que constrói com seu filho. É possível que ela veja nas aulas de skate não somente o aprendizado da prática do esporte, sua e de seu filho, mas também uma oportunidade de manutenção daquilo que considera ser mãe.

Mountain se sente contemplado na prática do skate e não se vê praticando outro esporte com a mesma dedicação. Para ele é importante: “A sensação de mandar minhas manobrinhas ali que eu mando e tal. Aperfeiçoar a manobra que eu consigo mandar. E andando em pista assim também, tem aquela galera, aquela *vibe*, um brincando com o outro, puxando o outro, zoando. Isso é viciante assim. Acho que é difícil ficar longe depois”. Além disso, Mountain acredita que andar de skate estimula características que influenciam em outros aspectos de sua vida:

Não sei se é o skate que me fez ser assim, ou se eu ando de skate por causa disso, mas eu considero um esporte difícil assim. Muito detalhe que eu acho que só skatista que sabe né, que tem essa percepção. A dificuldade que é mandar manobra, a persistência que tu tem que ter pra ficar tentando, tentando e tentando. Na minha profissão eu acabo tendo isso também. Então eu acho que acabo me atraindo pro skate por causa disso né. Por esse nível de dificuldade que tem e a satisfação de quando tu consegue executar um negócio que ficou ali batalhando, e tu acaba acertando né. Esse momento que tu acerta, mesmo que não seja altas manobras, mas eu acho... Essa sensação pra mim é bem gratificante. Tu aprender coisas novas. Então acho que isso aí é o ponto que me une ao skate.

Ele acrescenta a importância de o skate desenvolver a auto-disciplina:

Isso eu tô vendo bastante com o Burnquist agora, essa importância de tu estruturar o teu *rolê* assim... Com uma parte de treino né. Tu andar em caixote, treinar corrimão, treinar *mini ramp*. Tipo,

ter esse foco em mente pra tu poder evoluir né. Então acaba levando isso pra fora né. Acaba ficando isso no trabalho, em tudo né cara. Esse é o lado legal.

Slater, por fim, viu no skate a possibilidade de resgatar sua memória juvenil, digamos assim, além de explorar sua autoconfiança na evolução durante o aprendizado do skate.

Quando eu comecei a andar de skate nessa segunda etapa né, com 40 anos, começou mais assim pra um resgate de alguma coisa que tinha ficado pra trás, e que eu não tinha buscado o aperfeiçoamento que eu queria. Então eu vim um pouco sem expectativa. Eu vim mais pra ver se tinha a possibilidade de eu evoluir, se ia dar pra eu buscar uma evolução. E de repente eu consegui chegar num determinado patamar que, né... Eu não sou uma pessoa que vive o skate... Pelo menos hoje né. Eu também não sou uma pessoa que atualmente vive o surf tanto assim. É mais quando tenho a oportunidade de ir. [...]. O skate hoje eu tenho mais, como eu te falei, um lazer, e uma possibilidade de tá andando com os amigos, de tá dando uma *desestressada*. Isso é o que sinto do skate hoje pra mim.

Para Slater, andar de skate contribui para uma vida mais tranquila e alegre. A prática, as aulas, o deixam mais relaxado e feliz, contribuindo para uma vida melhor na sua casa e no seu trabalho.

Eu levo do skate pra minha vida, e trago da minha vida pro skate a questão da disciplina. Eu tento ter disciplina nas coisas que eu faço e principalmente nas coisas que são necessárias. E o skate me traz um *desstress* né... [...]. É uma válvula de escape que eu tenho. Tem o dia que eu tô assim um pouco acelerado por causa do trabalho, eu consigo andar de skate e depois ir pra casa tranquilo, pra tocar minha vida pessoal. Isso é uma coisa que eu levo. E geralmente eu chego mais feliz em casa também. Então eu acho que isso é uma coisa muito positiva que o skate me traz né. Então vou

sair da aula hoje... A gente tá aqui fazendo essa entrevista, mas eu tenho certeza que eu vou sair daqui e vou chegar em casa super tranquilo, com outro astral, com outro humor.

A possibilidade de fortalecer os vínculos sociais, de estar entre amigos e ser reconhecido por eles, aparece juntamente com a oferta quase que terapêutica, novamente, que a prática do skate no Projeto parece proporcionar. Além do mais, os alunos-skatistas têm claro para si valores tão caros também em outros campos da nossa vida em sociedade, em especial no trabalho, como: dedicação, superação, determinação, disciplina etc.

Questionados sobre a relação que desenvolvem com os professores e colegas skatistas do projeto, notamos novamente a presença do fator amizade e companheirismo na fala dos entrevistados. Para Oliveira, a relação nas aulas não é diferente fora dali, indicando a possibilidade de não limitar relações restritas à escola:

Acho que é como qualquer outra pista de skate assim. A gente se encontra, daí anda de skate, ri, conversa... E o Burnquist, não sei... Ele é meu parceiro também. Já andei com ele. E ele me dá as dicas. Dá uns toques pra eu ir evoluindo assim, e eu gosto, tipo... Ele me dá um toque assim e eu vou lá e acerto a manobra e isso me dá uma sensação muito legal assim... Eu gosto.

Para Steamer, também se destaca a relação de amizade entre ela, seus colegas e professores do projeto:

Os outros colegas, que faço aula, a gente sempre tem contato durante a semana, fim de semana, uma amizade maior. E com os professores também já tem um... Pelo tempo de tá na escolinha já né, quase dois anos... Então já tem uma amizade maior, no qual também faz parte do projeto, da escolinha, auxiliar, ajudar.

Ela ainda destaca a motivação que sente no contato com os professores, ressaltando que além da amizade, no momento do aprendizado também é possível *pegar na orelha*, se referindo a ser chamada a atenção quando preciso para o que está sendo ensinado na aula. Importante denotar aqui, que esta atitude de chamar a atenção,

contém em si uma relação, de certa forma, hierárquica, que costumamos ver na educação formal e também na família, por exemplo, com os pais.

Mountain dá ênfase à questão do companheirismo quando questionado sobre a relação com os colegas e professores da SKT. Assim:

Quando eu to andando assim, eu sempre tento, em relação aos colegas né, eu sempre tento reconhecer quando eles acertam, tento empolgar eles. Eu sempre andei desse jeito né. Tentando empolgar todo mundo que anda comigo e tal. E fazendo aula ali, principalmente com o Burnquist assim, eu vejo que ele tem o mesmo... Ele pensa da mesma forma, empolga a gente e tal. Então foi legal assim. É legal essa possibilidade que tá dando pra gente nessa pista e com essa metodologia dele né. Ele tem todo um método assim. E entre os amigos eu acabo sempre que possível dando uns toquezinhos também né, aproveitando o que eu acabo aprendendo com ele. Acho que isso daí é massa assim, na aula e nessa relação entre o pessoal. Ficar zoando com o pessoal assim. Esse lado assim que tem em qualquer esporte no fundo né, mas não é todo mundo que tem esse perfil né, ficar zoando né... E até ficar ajudando e... Tem gente que vê tu dando uma manobra e não reage, não fala nada e tal. Acho que isso aí, enfim, não querendo julgar né, acho que, sei lá... Não acho legal. Um cara frio assim, que aquela oportunidade ali de tu tá junto mesmo né, além do esporte.

Slater também destaca o papel do professor, enquanto capacitado metodologicamente e alguém capaz de motivar os alunos no aprendizado do skate. Sobre esta relação, ele coloca que:

Isso é uma das coisas que me deu assim, bastante ânimo pra continuar e pra evoluir, porque eu vi que o Burnquist, como professor ele é muito profissional. Então ele é muito bom professor também, ele consegue passar muito bem a técnica. A aula dele é muito profissional, muito focada. Ele me dá muita segurança de buscar a evolução. E eu acho que ele tem todas as ferramentas pra

indicar o caminho que tu tem que seguir, pra tu chegar num determinado objetivo né. E em relação ao pessoal que costuma andar com a gente aqui... Inclusive agora eu to fazendo aula com outros alunos que eu não fazia aula no começo lá, que eu mudei um pouco minha turma... Mas eu tenho tido a sorte de tá fazendo aula com gente que tem mais ou menos a minha idade e que, principalmente, tem mais ou menos os mesmos objetivos que eu. São pessoas que já tão de certa forma estabelecidas, e que tem o skate não como uma atividade pra se profissionalizar naquilo, mas como uma atividade pra... Enfim, com o mesmo objetivo que eu. Porque tem prazer de andar; porque tá fazendo uma atividade física; porque tá com os amigos, tá buscando uma evolução né.

Neste último ponto abordado, se sobressai a figura do professor como também um colega, como um par. Ele também motiva os alunos-skatistas a persistirem em busca do acerto, e reconhece os avanços. Os valores tão caros à educação – auxiliar, ajudar, cobrar – parecem neste caso dispersos de certa forma entre professores e alunos. No entanto aparecem também a segurança e a confiança, que a técnica e o método asseguradas pelo profissional, transpõe para sua clientela. Nem tudo recai sobre a figura do professor, mas há o papel também dos mais experientes como orientadores, que, conforme seu destaque no *campo*, oferecem maior confiança aumentado a mobilização do aluno-skatista.

\*

Como vimos, os relatos contém uma riqueza de informações que irão nos demandar um grande esforço reflexivo, mas que com certeza nos ofertarão dados de extrema importância para o desenvolvimento dos próximos passos de nosso estudo. Nos relatos descritos acima, podemos notar que nossos interlocutores em sua maioria estão minimamente em conexão com aquilo que discutimos anteriormente como sendo o *campo* skatista. Notamos a repetição de ideias chave que julgamos ser importantes para apontarmos a consistência deste *campo*.

É consenso entre todos os entrevistados a relevância das parcerias, das amizades quando se trata de *andar de skate*. A relação entre os pares denota a necessidade da motivação que um exerce sobre o outro. As mediações, seja do irmão, do amigo da rua, do filho, aparecem de modo quase natural nas falas dos skatistas. Além do mais, a prática

do skate nas aulas são oportunidades de reatarmos ou mantermos laços afetivos com antigos amigos, ou com o filho – no caso de nossa única entrevistada. É muito difícil estabelecer um limiar entre a confraternização, o lazer; e a preocupação entre evoluir tecnicamente neste esporte através da disciplina.

A ideia de agregar, de apoiar em vez de procurar derrotar, assim como uma busca por liberdade, liberdade para criar, brincar e curtir, entram em contraste com a disciplina e com as regras do treino, com a necessidade de persistir no desejo de alcançar o objetivo, de realizar a manobra com perfeição. É o desabafo do cotidiano, do compromisso com o trabalho e com a seriedade do mundo; mas também alimenta dialeticamente estes aspectos, ao procurar levantar depois de cair; persistir; se auto-desafiar e se auto-superar, nos remetendo ao comportamento agonístico que transborda do *campo* esportivo para outros setores de nossa sociedade. Ser skatista – e esportista – não é encarnar um personagem, entrar e sair de cena ao tempo da duração da performance no palco, mas sobretudo alguém que é constantemente atravessado pelos saberes que experimenta na amplitude e complexa relação social que vivemos.

Com as aulas a preocupação em investir na carreira de skatista profissional surge como projeto para Oliveira, nosso interlocutor mais novo. Apoiado pela mãe, com quem vive; contrariado pelo pai, à distância, que prezava para o filho a educação formal. Para Steamer, mãe e skatista, a oportunidade de acompanhar o filho no seu tempo livre, no lazer; assim também, ampliação da sua rede de sociabilidade.

Para Mountain, o skatista da velha escola, oportunidade de manter sua relação com o skate, se aperfeiçoando e aprendendo novidades, mas com a sensação de prazer, assim como mantém as relações sociais com os seus no tempo livre do trabalho, e no conforto e segurança da pista, com o amparo do tutor. É o que parece nos dizer também Slater, preocupado em se manter saudável, ativo, e – por que não? – jovem. Revisita em outros aspectos o tempo que viveu, ressignificado com o contato que estabeleceu com outro esporte de prancha: o surf.

As inspirações nos demonstram o conhecimento, ou não, de nossos interlocutores em relação ao *campo* do skate. Nomes relevantes e relações que não necessariamente pertencem ao *campo* skatista; nos mostram a abstração sobre a abrangência do mesmo em que falam os entrevistados. Campeões, figuras com respaldo da mídia especializada, ícones históricos. Além disso, a relação com o surf, historicamente

ligado ao skate; a música: o rock, o punk rock, o rap, e aqui não podemos não relacionar estes fatores à cultura juvenil, ou, à categoria social juventude. Há também o contexto mais íntimo, e não menos importante: o filho e os amigos são as influências, diz Steamer. O que nos revela isto, num momento onde temos representantes mulheres brasileiras aparecendo como referências mundiais no skate?<sup>53</sup> Poderíamos simplesmente apontar o pouco tempo de relação com a prática do skate, o que não seria inverídico, mas não podemos deixar de apontar a condição de mulher, mãe e trabalhadora, num ambiente ainda de domínio masculino.

Este campo demonstra, portanto, valores que se desenvolvem historicamente no *campo* skatista, fortemente interligado à cultura juvenil, também valorizando a sociabilidade entre jovens, enaltecendo valores de união, colaboração, lazer, celebração. Assim como traz fatores como a disciplina, o foco e a insistência. Além disto, a segurança do amparo de um profissional, a guia de quem está institucionalmente credenciado para ocupar esta posição. Não por acaso, corresponde a um viés de educar o corpo. Através do ponto de vista da esportivização, este projeto traz também uma visão do que se entende e do que se pretende com a educação dos corpos. Está colocada em vista, o desenvolvimento de um projeto de ser skatista, de ser esportista, portanto, de ser humano, dentro do ideal moderno de um corpo saudável, limpo e em progressão. Os resultados disto frente à cultura transgressora, comunitária e questionadora inscritas na história do skate, e do mundo juvenil, não estão dados a priori neste contexto. Podemos pensar sobre que tipo de contribuições estes aspectos, ainda que amplamente colocados aqui, podem contrabalançar o que está estabelecido nos *campos* esportivos e da educação de modo mais amplo.

### **Quadro atual do skate: *campo* skatista**

Como vimos até o momento, esta prática será tratada aqui também como um esporte, ou uma prática esportiva, mesmo que traga em sua configuração aspectos que tencionam esta relação no chamado processo de esportivização. Neste sentido, procuraremos entender o *campo* da prática do skate e a incorporação do *habitus* pelos skatistas.

---

<sup>53</sup> Para citar um exemplo, a brasileira que tem maior destaque atualmente no skate é Letícia Bufoni. Ela já conquistou três medalhas de ouro nos X-Games. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Let%C3%ADcia\\_Bufoni](https://pt.wikipedia.org/wiki/Let%C3%ADcia_Bufoni)>. Acesso em: 8 ago. 2016.

Para isto nos basearemos, a princípio, nas discussões desenvolvidas por Pierre Bourdieu (1983; 2004; 2009), principalmente no que se refere aos conceitos de *campo* e *habitus*, para pensarmos o quadro onde está inserido nosso objeto de pesquisa. A intenção aqui é trazer embasamento para o que será apresentado posteriormente, de maneira mais pontual, nas relações com o *saber skatista*. Ou seja, é preciso entender em que contexto está inserido a prática, para que então seja possível identificar de onde parte a produção dos discursos sobre a prática do skate.

Pierre Bourdieu em muitas das suas pesquisas se utilizou dos conceitos de *campo* e *habitus* para desconstruir noções comuns vistas como irrefutáveis em determinados âmbitos sociais. O autor, considerado uma das grandes figuras da Sociologia do século XX, transitou em suas pesquisas nas diferentes áreas das Ciências Sociais – Antropologia, Sociologia, Sociolinguística –, abordando os mais diferentes temas, como a religião, as artes, a escola, a linguagem, a mídia, a alta costura, o gosto, etc. (NOGUEIRA & NOGUEIRA, 2004). Segundo Bourdieu (1983), o *campo*, qualquer que seja, se configura através de regras e códigos próprios, onde os atores sociais estão dispostos, de maneira influente ou influenciados, nas disputas de poder deste *campo*, seja pelo aspecto material ou pelo simbólico. Conforme o autor, “para que um campo funcione, é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de *habitus* que impliquem no conhecimento e no reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputas, etc.” (BOURDIEU, 1983, p. 89). Assim, cada pessoa deve estar pronta a jogar o jogo, desde que apresente certas credenciais que demonstrem o conhecimento necessário para a inserção em tal *campo*, assim como neste mesmo *campo* poderá ser reconhecido. Estas credenciais seriam o *habitus*, como concebeu Bourdieu (1983): um conjunto de referências incorporadas – culturais, materiais, econômicas, simbólicas, sociais – que distinguem cada indivíduo no/entre os *campos*.

No caso do skatismo, assim como em outros esportes, com seus agentes e instituições, parece, neste caso, ainda ocupar espaço marginal no *campo* esportivo visto de modo mais genérico. Se agentes e instituições disputam pela legitimidade de certa prática, a partir das posições que ocupam neste *campo*, não podemos relacioná-las somente ao dado momento em que se encontram no período histórico da sociedade em geral.

Para Bourdieu (1983):

a história do esporte é uma história relativamente autônoma que, mesmo estando articulada com os grandes acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio tempo, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises, em suma, sua cronologia específica (BOURDIEU, 1983, p. 137).

Neste sentido, Bourdieu (1983) defende que as Ciências Sociais devem se preocupar em construir uma história social das práticas esportivas, buscando entender em nossa sociedade a partir de que condições se torna possível destacar o esporte, em seu sentido geral, da ideia de jogo simplesmente<sup>54</sup>. Como vimos anteriormente, o skate teve sua construção histórica rica em aspectos culturais. Passou de brincadeira, a estilo de vida juvenil, contestador, artístico; reconfigurou no concreto os movimentos feitos no mar pelos surfistas, desenvolvendo outra forma de se relacionar com o ambiente urbano e com o corpo; constituiu através dos anos seu nicho próprio na mídia com a veiculação de notícias, propagandas de materiais, marcas e lojas especializadas; e se fortalece também enquanto esporte, profissionalizando skatistas, tornando-os atletas – fato que não encontra unanimidade entre os praticantes. Desta forma, o skate tem se estabelecido no *campo* esportivo, já que se desenvolve através de uma cultura histórica própria. Podemos acrescentar também o desenvolvimento de um discurso de racionalização do mesmo, sendo este um aspecto importante na evolução do *campo* esportivo, onde notamos a busca por uma evolução do skate, no sentido de estabelecê-lo enquanto prática esportiva institucionalizada, ou reconhecida assim como os esportes tradicionalmente estabelecidos – futebol, atletismo, natação, por exemplo.

Não podemos esquecer aqui da importância dos grandes eventos em que o skate aparece como destaque, quando não, como

---

<sup>54</sup> Segundo Georges Magnane (1969), em discussão sobre esporte e jogo: “Trata-se, em suma, de nos perguntarmos se o jogo não é muito mais importante, e muito mais *profundo*, que o espírito de seriedade e que as distorções (ou ‘caretas’) que foram introduzidas no esporte pelos responsáveis por sua orientação atual. ‘A seriedade, escrevia Huizinga, é o não-jogo, e nada mais’. O que, para êle, implicava em que nada era mais incompatível com a cultura que o ‘sério’ determinista” [sic] (MAGNANE, 1969, p.141).

protagonista. Estamos nos referindo aos mega-eventos, elemento importante quando estamos interessados em entender o *campo* esportivo. Neste sentido, o skate aparece também como um espetáculo atingindo outros públicos que não só skatistas. A juventude como classe social passa a ser protagonista não somente desta prática esportiva em si, mas deste público consumidor antes majoritariamente adulto. Com sua popularização há a tensão entre setores do *campo*, para que o skate enquanto objeto de disputa, entre no mundo dos esportes espetacularizados proporcionando uma participação imaginária por parte daqueles que não podem por vias da experiência real.

O esporte espetáculo apareceria mais claramente como uma mercadoria de massa e a organização de espetáculos esportivos como um ramo entre outros do show business, se o valor coletivamente reconhecido à prática de esportes (principalmente depois que as competições esportivas se tornaram uma das medidas da força relativa das nações, ou seja, uma disputa política) não contribuísse para mascarar o divórcio entre a prática e o consumo e, ao mesmo tempo, as funções do simples consumo passivo (BOURDIEU, 1983, p. 144).

Parece-nos que o que está por trás do desejo de trazer o skate para os mega-eventos, fazendo dele um espetáculo, se baseia fortemente na ordem do discurso. Este desejo carrega em si a ideia de manter ou transformar os valores intrínsecos à prática de skate. No fundo, o discurso sobre o skate, sobre o que é ser skatista, sobre como deve ser a prática, é que está em disputa.

O skate atualmente encontra entre seus praticantes discursos que representam ideias diferentes sobre a prática, e que nos apontam aquilo que queremos entender inicialmente aqui: como se desenvolve o *campo* do skate, e como seus agentes atuam neste processo? Segundo Pierre Bourdieu (1983): “A autonomia relativa do campo das práticas esportivas se afirma mais claramente quando se reconhece aos grupos esportivos as faculdades de auto-administração e regulamentação, fundadas numa tradição histórica ou garantidas pelo Estado [...]” (BOURDIEU, 1983, p. 140). Neste sentido podemos citar o esforço de instituições específicas para tornar o skate uma prática relativamente autônoma.

Vimos que a onda skatista dos anos 1960-70 nos Estados Unidos, e posteriormente no Brasil, atingiu não somente a postura e a mentalidade dos jovens praticantes, bem como movimentou o mercado, a mídia e o Estado, este último tendo que se mobilizar para atender o número crescente de praticantes que ocupavam as ruas e praças das cidades, construindo espaços voltados para a prática do skate. Hoje na cidade de Florianópolis, por exemplo, existem quatro pistas públicas<sup>55</sup>.

Separamos adiante alguns dos aspectos citados acima, vistos como essenciais para entendermos o desenvolvimento do *campo* do skate. Deste modo não procuramos finalizar e delimitar precisamente a constituição deste *campo*, pois trataremos aqui de alguns pontos que se sobressaem e tem já certa visibilidade nas discussões sobre este esporte, além do que, não analisamos necessariamente a constituição deste *campo* por regiões (Brasil, EUA...). Estes pontos serão tratados a partir de uma visão geral do skate, mas que fazem parte da sua cultura e que julgamos tecer de certa maneira o que se desenvolve em Florianópolis.

\*

O mercado do skate deve ser considerado como fator importante para a construção do *campo* do skate, já que, com inúmeras marcas e lojas especializadas no estilo e material espalhadas pelo mundo, é responsável por um mercado que movimenta um bilhão de reais por ano em roupas e acessórios, somente no Brasil<sup>56</sup>. Além disso, as marcas são responsáveis pela divulgação do esporte, principalmente através de grandes eventos. Nos Estados Unidos, por exemplo, o campeonato *Street League*<sup>57</sup>, um dos maiores campeonatos da atualidade na modalidade *street skate*, tem como um dos maiores patrocinadores a empresa *Nike*, famosa no ramo dos esportes, que atualmente oferece também uma linha de produtos voltados para o skate. A grandiosidade do evento se confirma com a premiação distribuída aos vencedores desta competição: somente em 2014 o campeonato pagou mais de um milhão de dólares aos skatistas. Ademais, as etapas são transmitidas e amplamente divulgadas pelo canal de sinal fechado *FOX Sports 1*.

---

<sup>55</sup> Disponível em: <<http://www.asgf.com.br/p/guia-de-pistas.html>> Acesso em: 5 fev. 2015.

<sup>56</sup> “Skate movimenta R\$ 1 bilhão em vendas no País e há oportunidades para pequenos empresários”.

Disponível em: <<http://pme.estadao.com.br/noticias/noticias,skate-movimentar-1-bilhao-em-vendas-no-pais-e-ha-oportunidades-para-pequenos-empresarios,4291,0.htm>> Acesso em: 5 fev. 2015.

<sup>57</sup> Disponível em: <<http://streetleague.com/about/>> Acesso em: 5 fev. 2015.

Ainda em relação aos campeonatos e super-eventos de skate, não se pode deixar de ressaltar uma discussão que vem dividindo opiniões de skatistas e simpatizantes nos últimos anos, e que pode nos dar um exemplo de como os agentes se movimentam neste *campo* esportivo. Assunto no caso é sobre a possibilidade de o skate se tornar esporte olímpico. Desde os Jogos de Atlanta em 1996, o skate vem sendo cogitado a entrar para as Olimpíadas. Este fato se fortaleceu nos anos 2000, ainda mais quando o BMX – *bicicross* –, também considerado por muitos como um esporte radical, passou a integrar o evento em 2008, nos Jogos Olímpicos de Pequim. A possibilidade desta adesão tem por trás os esforços do Comitê Olímpico Internacional (COI) e da emissora de televisão NBC, segundo o skatista norte americano Neal Hendrix, em matéria publicada no site da revista 100% SKATE (VIEGAS, 2012). O skatista aponta que “ambos perceberam que precisam atrair o interesse da juventude para as Olimpíadas, porque todos os esportes olímpicos estão envelhecidos e ‘cansados’, não interessam a juventude de hoje” (VIEGAS, 2012).

A cada edição dos Jogos Olímpicos se reacende a discussão. Por um lado instituições flertam com a possibilidade, como é o caso da *International Skateboarding Federation* (ISF), criada para manter os interesses dos skatistas acima dos do COI. Na mesma via alguns skatistas são favoráveis a inserção, como, por exemplo Rony Gomes, skatista profissional brasileiro. Para ele: “seremos mais respeitados e teremos uma visibilidade muito maior, com isso mais pessoas irão andar de skate e conseqüentemente mais gente investindo no nosso mercado, mais patrocinadores, mais skateparks.” (VIEGAS, 2012). Por outro lado a maioria dos skatistas, segundo a mesma matéria, nega querer participar das Olimpíadas:

A comunidade do Skate, em geral, nunca demonstrou muito interesse nos Jogos Olímpicos, e os argumentos contrários são bastante conhecidos no meio: a obrigatoriedade de uniforme, a questão dos patrocínios pessoais, o medo de que pessoas de fora do Skate estejam diretamente envolvidas com a organização da competição, os critérios de julgamento, a dúvida sobre quais modalidades participariam, etc. Acima de todas essas questões, está sempre colocado o fato de que o Skate é muito mais que um esporte: é estilo de vida, com conexões as vezes muito mais próximas com algumas expressões artísticas

do que propriamente com uma atividade esportiva tradicional. (VIEGAS, 2012).

O skatista profissional brasileiro Adelmo Jr também critica a inclusão. Segundo ele, “o skate já passou por isso e evoluiu pra algo muito maior do que um esporte: um movimento que tem sua identidade própria e se recicla constantemente, livre de conceitos únicos e regras.” (VIEGAS, 2012). Vale ressaltar que os depoimentos destes dois brasileiros, são também pontos de vista de dois skatistas que atuam em modalidades diferentes no skate. Rony Gomes é praticante da modalidade *vertical*, enquanto Adelmo Jr pratica o *street skate*, modalidade que é o foco de nossa pesquisa. Neste sentido, podemos apontar interesses distintos na *olimpificação* do skate, onde, de um lado só se é possível a prática em lugares adequados – *half pipe* –, e de outro há a possibilidade de ir além das pistas de skate – o skate de rua. Poderíamos reforçar que, neste caso, há uma disputa pela legitimidade do discurso no *campo* skatista?

Retomando os Jogos Olímpicos, cabe ressaltar que o skate tem atualmente seu espaço em outro evento de grandes proporções, que são as olimpíadas dos esportes extremos, os X-Games; fato que corrobora para aquilo que Pierre Bourdieu chama atenção, como um dos fatores importantes para identificarmos as relações entre *campos*. Melhor dizendo, se trata do processo de autonomização do skate no *campo* esportivo. Assim o skate, e outros esportes considerados radicais<sup>58</sup>, participam desde meados dos anos 1990 da sua própria Olimpíada, onde a *essência* do skate, neste caso, não parece ser ameaçada. Para manter sua particularidade no caso das Olimpíadas, o skatista profissional Neal Hendrix acredita que

a única maneira disso acontecer é se o Skate for gerido por skatistas e contar com skatistas profissionais de primeira linha de todas as partes do mundo. Veja como são gigantescos eventos como os X Games, Dew Tour e Maloof Money Cup. O Skate já virou um grande show para a televisão. O problema com as Olimpíadas é que

---

<sup>58</sup> As modalidades se subdividem em várias entre skate, BMX, patins inline, motocicleta, rally automotivo, além das categorias de inverno, esqui, snowboard e snowmobile.

Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/X\\_Games](http://pt.wikipedia.org/wiki/X_Games)> Acesso em: 26 mar. 2015.

existe toda uma questão política e burocrática que torna ainda mais difícil. (VIEGAS, 2012).

Em conversa com os interlocutores desta pesquisa (PEREIRA, 2015), abordamos o assunto dos campeonatos, mais especificamente os que ocorrem nas proximidades, onde participam ou já participaram, para entendermos as relações e pontos de vista que estes constroem a partir de tais eventos. A intenção aqui é ilustrar como os mesmos podem colaborar em nossa discussão, no sentido de refletirmos sobre esta tão valiosa *essência* que defendem alguns skatistas. Segundo Koston, a prática do skate vai além da competição e do fato de o skatista ser tratado como um atleta. Para ele o skate é diferente dos outros esportes, pois não estimula rivalidades, assim como no futebol, aonde os torcedores chegam a se agredir pelas suas preferências de clubes:

[é] praticamente uma reunião de amigos, num campeonato né. Alguém ganha, óbvio que tem competição, se você tá disposto a competir você tem que... Se inscreveu você já tem uma competição né. Então você tem que no mínimo focar nisso. Mas o foco principal é andar de skate, ver os amigos, conversar, aprender coisa nova (PEREIRA, 2015).

As federações e associações, e lojas de skate que promovem campeonatos, além do poder público que deveria zelar pela manutenção da pista pública, também são lembradas quando o assunto é a organização de competições. Koston critica o fato destas organizações não oferecerem retorno para os skatistas locais, mais especificamente no skatepark da Trindade, de onde fala este interlocutor. Para ele: “não agrega nada pro local, eles não dão um suporte, não colocam uma pista boa pra se treinar manobras novas. Não ajudam quem anda de skate no local. Só fica em questão do campeonato e fim” (PEREIRA, 2015).

Trujillo, outro entrevistado, também tem uma visão crítica sobre competições. Comentou ter participado de algumas, mas que não gosta de campeonatos. Segundo ele, a competição não deve ser o foco da prática do skate: “eu já conheço bicho que já é assim: ‘se não ganhar campeonato tu é um merda’. Acho essa a coisa mais podre: ‘vou treinar’. Pô, se tu quer treinar vai, sei lá... Levantar peso, vai fazer abdominal. Se quer andar de skate vai se divertir” (PEREIRA, 2015). Ainda assim, Trujillo pensa em competir futuramente, já que, muito

recentemente, passou à categoria *amador*, competindo com skatistas mais experientes. Os outros interlocutores contaram ter participado, e ainda participar de campeonatos, mesmo que não seja seu foco principal, já que estão envolvidos em outras atividades, principalmente em seus respectivos trabalhos.

Aqui temos uma perspectiva interessante, que é a crítica do *campo* estando inserido no mesmo. Isto demonstra a complexidade e significância que certos detalhes implicam na nossa pesquisa. Por mais que se critique o fato de andar de skate para competir, nosso interlocutor considera participar de competições. Este relato problematiza nossa discussão ao indicar uma tensão, inscrita num sentido antropológico possivelmente, que se apresenta diante do ponto de vista pessoal do sujeito. Isto nos aponta a possibilidade de tensão entre o singular e o coletivo – desejo de participar de competições motivado pelos pares, por exemplo? Enfim, é possível pensar nas estratégias que possibilitem ao sujeito continuar tendo relação com *campo*, ao passo que aí também se possa configurar o desenvolvimento de um *habitus* intermediário entre as duas lógicas em questão.

No Projeto SKT, mesmo que se sobressaia às noções de lazer e confraternização, por exemplo, está subscrito o desenvolvimento do skate enquanto esporte. Não podemos afirmar que no programa das aulas está colocada necessariamente a preparação para competições, visto que somente um de nossos entrevistados citou a participação em campeonatos. Entretanto, nos seus objetivos o projeto demonstra a preocupação com o desenvolvimento do skatista enquanto atleta, o que denota a proximidade do skate a um projeto esportivo. Será então que a prática institucionalizada do skate tende a se aproximar do esporte aos moldes tradicionais?

O poder esportivo, como coloca Brandão (2014), se apresenta no skate através dos campeonatos, por exemplo, com o desenvolvimento de regras específicas para torná-lo uma atividade competitiva. O desenvolvimento das pistas de skate pelas cidades do país indica, por sua vez, a necessidade de se restringir, domesticar, esta prática corporal de modo seguro. No entanto, não devemos entender aqui que estas características do poder esportivo venham de cima para baixo como algo imposto aos skatistas, mas também como representação da vontade dos próprios praticantes do skate, que ansiavam – e ainda anseiam – por locais específicos para a prática, assim como propagandeavam as revistas dos anos 1970 e 1980 no Brasil. Desta maneira, não demorou, por exemplo, no início do desenvolvimento deste esporte, para que os skatistas, agrupados nas pistas, passassem a serem treinados e formados

em equipes para a participação em competições. Pistas desenhadas para a finalidade de tal prática evidenciam a existência do poder esportivo, visando legitimar o skate enquanto uma prática saudável, pois padronizada e submetida à certa lógica. Mesmo assim, podemos problematizar esta relação, quando skatistas tomam para si a responsabilidade de ocupar, construir e gerir, a sua maneira, outro espaço que não aquele definido para tal fim.

Além dos fatores colocados acima, duas outras perspectivas foram decisivas nas primeiras décadas de skate no Brasil e nos ajudam a compreender a configuração do que é ser skatista, ou se diz andar de skate, como conhecemos hoje. Estes fatores foram o desenvolvimento da contracultura juvenil, muito em função da popularidade do *punk rock*; e também o crescimento do skate nas ruas, o chamado *street skate*. Segundo Brandão (2014), estes aspectos são importantes “[...] por terem sido os dois principais fatores que contribuíram para que os skatistas não fossem *conduzidos*, somente, nos trilhos criados pelo *poder esportivo* durante a segunda metade da década de 1970” (BRANDÃO, 2014, p. 203).

Dito isto, podemos entender as vertentes que seguiram e possibilitaram assim construir os discursos sobre a prática do skate atualmente. A sua esportivação se desenvolveu através dos planejamentos e métodos que envolviam a institucionalização do skate com o desenvolvimento de associações, de regras que identificassem os campeonatos, e com a construção das pistas de skate nas cidades. Fazendo o contra balanço, o skate praticado nas ruas, com mais força, e trazendo outra dinâmica para com as cidades na metade dos anos 1980, tratou de fortalecer a ideia de atividade marginal frente ao processo de esportivização, já que se amparava em ações, práticas e valores que estimulavam outras atitudes e a formação de identidades que não a esportiva tradicional.

Estes dados podem ser problematizados quando lembramos as preferências musicais dos alunos-skatistas do Projeto SKT, por exemplo, e a importância que ela desempenha nos seus *rolês*. Por certo, não basta dizermos que quem escuta punk, rap, rock, irá necessariamente ter uma conduta marginal ou coisa assim. Mas que elementos trazem para nossa reflexão, defrontarmos estes dados considerando a relação alunos/escola, por exemplo. Isto já nos diz que a relação educativa que se desenvolve naquele contexto se defronta com a formal, com a escolar. Como já colocado, não é a preocupação do Projeto SKT se filiar a determinado perfil de skatista, a não ser a de

atleta. Esta posição está de acordo com o que o coordenador do projeto pretende transcender, ponto de vista sobre o skate, o qual chamou de *estilo de vida* ou *cultura*. Mas e o que se opera entre o que ele propõe e o que o aluno-skatista interpreta diante do *campo* skatista? Voltaremos a isto mais adiante.

\*

A mídia, como podemos perceber, também se desenvolveu com o passar dos anos até a atualidade. O skate atualmente é divulgado em revistas especializadas, e mais intensamente nos últimos anos, em sites, blogs e canais de vídeos na internet, que oferecem vasto material e são bastante compartilhados nas redes sociais. Estas ferramentas podem ser consideradas fortes colaboradoras no fortalecimento do skate no *campo* esportista. Um de seus aspectos mais importantes podemos dizer que seria a de reforçar o *habitus* do skatista, construindo uma ideia do que seria *andar de skate*; compartilhando códigos e símbolos necessários para que o skatista se identifique enquanto tal. Ou seja:

É óbvio que a cada momento, cada recém-chegado deve contar com um estado determinado das práticas e consumos esportivos e de sua distribuição entre as classes, estado que não lhe compete modificar e que é o resultado de toda a história anterior da concorrência entre os agentes e as instituições engajadas no ‘campo esportivo’. (BOURDIEU, 1983, p. 148).

Se concordarmos que estas mídias ocupam espaço central no *campo* skatista, podemos então questionar o interesse em estar no centro das discussões sobre o skate – posição dos dominantes – e consecutivamente, manter esta posição, já que isto acarreta no acúmulo de outros capitais necessários para se estabelecer enquanto discurso legítimo sobre tal prática. No entanto, podemos apontar no skate um discurso legítimo do que é ser ou não skatista? De alguma maneira, sim. Levantamos alguns discursos divulgados pela mídia skatista, onde podemos refletir sobre a construção do *habitus* skatista.

Anteriormente vimos que nem todos os skatistas concordam que o skate se torne um esporte olímpico, muito pelo temor de que o esporte perca sua *essência*. No entanto, o que poderíamos considerar como a *essência* do skate e do skatista? Como os skatistas se posicionam a respeito disso? Em entrevista publicada no site Black Media (SCHWINGHAMMER, 2014), o skatista profissional Jake Johnson

reflete sobre ter que trabalhar com skate. Para ele o skate não deveria ser encarado desta forma:

Skate nunca foi um trabalho. Nunca, nunca, nunca. Você não pode vê-lo dessa forma. Está se tornando um fenômeno cultural e trazendo dinheiro pra muita gente mas, quando você está andando, não é um trabalho. É um lugar sagrado na sua mente. É algo pessoal pra todo mundo. Pra mim, é uma coisa infantil. É como se eu não tivesse responsabilidades. E quando você começa a andar pra alguma marca, eles começam a dizer que você é responsável por algo a mais do que andar e manter a mente saudável. Aí se torna algo estúpido e muito estressante. [...]. Quando você vê o skate como seu ganha pão, você fica muito ansioso. O skate é mais puro quando você anda no tempo livre. (SCHWINGHAMMER, 2014).

Sobre o fato de o skate estar ganhando mais espaço, sendo mais exposto, Johnson complementa: “eu acho que o skate deveria ser antissocial. Deveria ser a contracultura. Deveria ser odiado, porque é algo muito diferente. Deveria ser extremo; não porque é assim que o vendem, mas porque ser masoquista e se machucar é algo extremo” (SCHWINGHAMMER, 2014).

Na revista 100% SKATE (2003), edição especial de entrevistas com skatistas profissionais brasileiros, encontramos mais alguns discursos interessantes, que ilustram bem o que pretendemos discutir aqui. É possível perceber nos discursos dos skatistas a relação com uma visão de mundo que está encadeado aos aspectos objetivos de nossa sociedade – trabalho, por exemplo –, mas também valoriza uma relação com sentidos mais abstratos: aquilo que as emoções podem oferecer a cada um de diversas formas. Alguns discursos midiáticos exemplificam bem isso. Como por exemplo: “skate para mim é uma filosofia de vida num contexto maior. É uma arte.” – Rogério Mancha (100% SKATE, 2003, p. 34). Sobre visão de mundo e a relação com o skate: “nossa vida é o que nossos pensamentos determinam. O que eu penso é em andar de skate até não aguentar mais. Andar do meu jeito [...], mas respeitando todo mundo.” – Alberto Xuxinha (100% SKATE, 2003, p. 47). Sobre dividir o tempo de skate com o trabalho formal: “é claro que conciliar os dois é difícil [...]. Eu já fiquei um tempo só andando de skate [...], sem trabalhar, o dia inteiro só skate, mas não era

tão bom, eu não ficava tão motivado.” – Paulinho Barata (100% SKATE, 2003, p. 55). Em relação aos campeonatos: “é bem melhor você estar com seus amigos, filmando e evoluindo, do que estar correndo campeonato, [...]. Na realidade, a gente não se preocupa com a colocação de campeonato, o que importa é estar em cima do skate e andando.” – Anderson Curumim (100% SKATE, 2003, p. 59). Sobre *ser* skatista: “sou skatista por prazer, por ser um esporte totalmente diferente dos outros. No skate você não tem limite.” – Gui Zolin (100% SKATE, 2003, p. 65). Sobre o mercado do skate: “o maior problema é a não valorização do atleta: na empresa ele é considerado mais um funcionário. É preciso ver o retorno que o atleta dá para as empresas. [...], nós, atletas, saímos para andar de skate aonde for e estamos carregando o nome da marca [...].” – Marcos Mamá (100% SKATE, 2003, p. 69).

Não podemos deixar de ressaltar que estes são alguns exemplos que recortamos para ilustrar pontos de vista que se constroem sobre a prática do skate a partir da mídia especializada. São pontos de vista que vão ao encontro também daquilo que nossos interlocutores pensam sobre o que seria andar de skate, ou *ser* skatista. Koston, por exemplo, natural de São Paulo, relatou o choque que sentiu quando passou a viver em Florianópolis e andar de skate na Trindade, com uma bagagem construída a partir da sua vivência em outra cidade: “Eu vejo aqui muita gente que gosta de skate, mas não tem o *feeling* do skate. Não entendem realmente o que é o skate. Porque o skate hoje em dia tá muito fácil. A gente veio de outra época. Não nascia obstáculo de um dia pro outro, a gente fazia” (PEREIRA, 2015). Para Trujillo, skate vai além do domínio da técnica e das execuções *mecânicas* das manobras, se comparado a outros esportes:

Eu acho que skate é... Não sei se pode se dizer um esporte, mas que tipo, abrange várias outras coisas. Skate não é só tipo: chutar a bola no gol e deu. Ou vai lá, manda um *flip* [imagem 18] e deu. Tem toda uma questão de estilo envolvido. Toda uma questão de arte, tá ligado. Não adianta tu mandar uma manobra impossível sendo feia. Não faz sentido tu mandar uma parada difícil sem ter estilo. Sei lá, é diferente das outras paradas, dos outros esportes (PEREIRA, 2015).

**Imagem 18:** manobra *flip*.



Fonte: <[https://c4.staticflickr.com/8/7086/7188376798\\_e4560943ec\\_b.jpg](https://c4.staticflickr.com/8/7086/7188376798_e4560943ec_b.jpg)>.  
Acesso em: 12 jul. 2015.

A visão do skate enquanto prática despreocupada não é exclusividade dos skatistas da *Trinda*, mas encontra ecos no skate praticado nas aulas do Projeto SKT. Os alunos-skatistas também compartilham desta visão essencialista do skate. Também estão de acordo com as críticas à competitividade entre seus pares, reforçando valores recreativos, do entretenimento, da distração. São valores que se apresentam nas duas conjunturas – *Trinda* e Projeto SKT –, o que nos leva a crer que há uma base fundamental para se entender o skatismo, ou melhor, para se entender o *street skate*. Não podemos nos esquecer que a fonte de informação dos alunos-skatistas do Projeto SKT é basicamente a que encontram em sites da internet. Ou seja, podemos supor que, neste sentido, existe uma grande possibilidade dos skatistas dos dois cenários em questão, beberem da mesma fonte, participando da mesma rede de referências – mesmo que se denote determinada margem de autonomia que cada indivíduo tem nessa busca.

É importante lembrar também que o skate de rua tem entrelaçado à sua história a cultura juvenil, e esta, por sua vez, a cultura punk, e posteriormente o rap. São *campos* que atravessam a formação do

universo skatista, com disposições que irão contribuir com a formação do *habitus* do skatista que se interesse pela categoria *street skate*. Numa experiência escolarizada, mesmo que não formal, outras disposições podem concorrer – e certamente concorrem –, como a esportiva, para citar um exemplo. No entanto, esta perspectiva não explica o desejo de ser skatista, tanto do skatista da *Trinda*, quanto do aluno-skatista do Projeto SKT. É preciso, como veremos, considerar o que mobiliza o sujeito na sua singularidade diante do mundo, não de modo isolado no *campo* do skate, mas em relação à outros em que se posiciona socialmente.

\*

Diante destes relatos que foram apresentados até agora, buscamos refletir primeiramente sobre a construção de um *campo* do skate inserido no contexto – ou num *campo* mais abrangente, por assim dizer – das práticas esportivas. Resumindo:

O campo das práticas esportivas é o lugar de lutas que, entre outras coisas, disputam o monopólio de imposição da definição legítima da prática esportiva e da função legítima da atividade esportiva, amadorismo contra profissionalismo, esporte-prática contra esporte-espetáculo, esporte distintivo – de elite – e esporte popular – de massa – etc.; e este campo está ele também inserido no campo das lutas pela definição do corpo legítimo e do uso legítimo do corpo, lutas que além de oporem entre si, treinadores, dirigentes, professores de ginástica e outros comerciantes de bens e serviços esportivos, opõem também os moralistas e particularmente o clero, os médicos e particularmente os higienistas, os educadores no sentido mais amplo – conselheiros conjugais, dietistas, etc. –, os árbitros da elegância e do gosto – costureiros, etc. (BOURDIEU, 1983, p. 142).

Com isto, as representações da realidade de cada skatista, através do que Pierre Bourdieu chamou de *habitus*, são incorporadas através dos discursos que disputam espaço de legitimidade neste *campo*. Ou seja: que interesse tem um skatista em participar de uma Olimpíada? Será o mesmo de grandes empresários de importantes marcas de skate? O que está por trás das entrevistas publicadas pelas revistas especializadas? Que ideal é transmitido? A saber:

O *habitus* é ao mesmo tempo um sistema de esquemas de produção de práticas e um sistema de esquemas de percepção e apreciação das práticas. E, nos dois casos, suas operações exprimem a posição social em que foi construído. Em consequência, o *habitus* produz práticas e representações que estão disponíveis para a classificação, que são objetivamente diferenciadas; mas elas só são imediatamente percebidas enquanto tal por agentes que possuam o código, os esquemas classificatórios necessários para compreender lhes o sentido social (BOURDIEU, 2004, p. 158).

Tendo em vista que o *habitus* é a incorporação de símbolos, códigos, valores, devemos ressaltar que estes aspectos não são fruto de uma via de mão única, ou, a partir de uma estrutura social rígida que dirige nossos costumes. Há outros *campos* da sociedade que implicam seus valores, aos quais todo indivíduo está exposto em dado contexto e de maneiras múltiplas. Aqui podemos relacionar ao *campo* skatista, por exemplo, os *campos* da arte, da política, do urbanismo, do trabalho, etc. Todos, com seus *habitus* próprios agindo em maior ou menor grau nos demais *campos*, são, portanto, pontos de vistas desenvolvidos a partir da prática subjetiva de cada um, que ao mesmo tempo recebem tentativas de objetivação por parte das representações situadas no *campo*.

Nesta busca por argumentar nosso objeto em relação aos estudos de *campo* e *habitus*, notamos a possibilidade de um aprofundamento destes conceitos a partir dos estudos realizados por Bernard Lahire (2005). Isto vai ao encontro do que será apresentado posteriormente, especificamente no que se refere às reflexões sociológicas na escala individual, visão que se aproxima do que fez Bernard Charlot (2000; 2001; 2005). Como o próprio Lahire (2005) colocou, estudar o social na sua forma individualizada esbarra em algumas dificuldades encontradas especialmente na área das Ciências Humanas. Segundo ele, há um problema quando se crê ser possível discutir novos temas reciclando antigos conceitos e métodos, bem como simplesmente forçando interdisciplinaridades e alcançando os mesmos fins. É necessário, no entanto, se considerar que para se estudar o social individualizado, precisamos tentar entender que este social está restrito num corpo. Ou seja: [...] num corpo individual que tem a particularidade de atravessar instituições, grupos, campos de forças e de lutas ou cenas

diferentes [...] (LAHIRE, 2005, p. 14). É preciso investigar de que disposições tratamos quando utilizamos a noção de *habitus* para entender a ação dos indivíduos no contexto social. Elencar as disposições inculcadas no indivíduo a partir de aspectos da família, da escola, do trabalho, do esporte, etc., dão conta de explicar a posição deste indivíduo no meio social, mas não mais do que isto. Ou seja, não se explica de que maneira ocorre tal inculcação, ou, como se incorporam tais disposições:

Não temos nenhuma indicação do modo como poderemos reconstruí-las, nem de que maneira elas agem (ou seja, de que maneira são activadas ou suspensas, segundo os domínios de práticas ou os contextos mais restritos da vida social). Elas são simplesmente deduzidas das práticas sociais (alimentares, desportivas, culturais...) mais frequentemente observadas — estatisticamente — nas pessoas objecto de investigação (LAHIRE, 2005, p. 15).

Desta forma, Lahire (2005) propõe que se apurem as formas, as condições de transmissão das disposições sociais que a noção de *habitus* indica. É preciso que se verifiquem os casos de socialização e os efeitos desta ação que são transmitidos de fato. Além do mais, a ideia de transferência das disposições sociais não deve ser encarada como algo solidificado, que agirá uniformemente em todos os indivíduos, mas visto a partir de determinado contexto e considerando as diferentes práticas de um indivíduo. Neste sentido, somos cautelosos também frente aos nossos limites, já que nossos interlocutores são estudos a partir de determinados cenários, no que diz respeito ao domínio de uma prática – o skate. Portanto, descrever os comportamentos e os discursos que nossos interlocutores expõem, não os resumem diante dos comportamentos e dos discursos que compartilham em outros *campos*, ou associam à diferentes cenários do seu mundo particular.

\*

Falando sobre sociologia do esporte, Bourdieu (2004) diz que não dá para analisar um esporte independente do conjunto das práticas esportivas, sendo preciso pensar o conjunto como um sistema onde cada uma das práticas tem um valor. O sociólogo, portanto deve atentar para um conjunto de indicadores dividido em dois lados. Num primeiro deve se considerar

[...] a distribuição dos praticantes segundo sua posição no espaço social, a distribuição das diferentes federações, segundo o número de adeptos, sua riqueza, as características sociais dos dirigentes, etc., ou, de outro lado, o tipo de relação com o corpo que ele favorece ou exige, conforme implique um contato direto, um corpo-a-corpo, como a luta ou o rúgbi, ou, ao contrário, exclua qualquer contato, como o golfe, ou só o autorize por bola interposta, como o tênis, ou por intermédio de instrumentos, como a esgrima (BOURDIEU, 2004, p. 208).

Posto isto, o autor reforça que é preciso também identificar determinado espaço social exteriorizado por determinada prática esportiva. Ou seja, é possível identificar as referências sociais de um agente, expostos a partir do que o esporte permite tornar objetivo.

Diante dos limites que nos propomos neste trabalho, não conseguiremos avançar no sentido de cercar o campo da prática do skate na cidade de Florianópolis, por trazermos aqui, de maneira mais abrangente, os dados considerados estruturantes para tal fim. Entretanto, encaramos como exercício, conjecturar sobre alguns pontos, para que se dê continuidade às pesquisas sobre o tema. Os pontos referidos são, por exemplo, onde se encaixa o skate no conjunto dos esportes; como se dá a distribuição dos praticantes segundo sua posição no espaço social; qual a força das associações ou federações que representam o skate; que tipo de relação com o corpo que se estabelece. Enfim, quais propriedades socialmente pertinentes que fazem com que o skate tenha afinidades com os interesses, gostos e preferências de uma determinada categoria social. Para isto, lembramos que nossa análise se baseia em duas situações de prática do skate, as quais compõem o *campo* do skate em Florianópolis.

A relação com o corpo no skate está associada à posição social de seus praticantes, e também à experiência do/no mundo social e físico dos praticantes (BOURDIEU, 2004). Vimos até aqui que a prática do skate está sempre vinculada à noção esportiva, sendo por vezes entendida neste sentido, por outras tentando ser afastada dela. Este é um dos objetos de disputa que conseguimos identificar neste campo: tratar ou não, o skate enquanto esporte. Não é nosso objetivo trazer uma resposta para esta questão, mas tentar identificar o que esta questão carrega nas entrelinhas.

Para andar de skate não basta somente portar o objeto skate e saber se equilibrar em cima dele, mas essencialmente o skatista há de se posicionar neste *campo* dotado de símbolos e regras específicas. O skatista encontra neste esporte uma cultura estruturada, onde ajuda a reproduzi-la, acrescentando seus aspectos individuais ao que já está desenvolvido. Notamos isto com o envolvimento do movimento punk, por exemplo, que trouxe para o skate o visual agressivo, a conduta contestadora, a música simples e veloz e a atitude *faça você mesmo*, para citar alguns aspectos, onde o skatista em contato com tal cultura acaba por relacioná-la à outros *campos*. Isto fez com que os skatistas influenciados por este movimento, se relacionassem de outra maneira com este esporte, bem como vissem seu próprio meio social com outro olhar.

Mas o skate também é esporte, como se esforçaram para tornar reconhecido as organizações e associações de skate nas últimas décadas. Podemos conjecturar num primeiro momento, que esta perspectiva encontra mais respaldo no skate praticado nas pistas. As *feras* do skate vertical dos anos 70 e 80, e a construção de pistas pelo país, tornaram a prática mais fácil de ser compreendida, por assim dizer, ao senso comum, já que delimitada em determinado espaço, acaba por delimitar também o olhar de quem está de fora; mostrando também a preocupação com a saúde do corpo, com o uso do devido equipamento; sua organização com o desenvolvimento de agremiações, com os campeonatos e suas regras.

Pierre Bourdieu (2004, p. 208) propõe uma tarefa ao sociólogo, o qual deve consistir em “[...] estabelecer as propriedades socialmente pertinentes que fazem com que um esporte tenha afinidades com os interesses, gostos e preferências de uma determinada categoria social”. Segundo o autor, a prática esportiva nos oferece pistas para identificarmos a posição social dos esportistas, ou seja, as características de determinado esporte pode estar relacionado à condição social do praticante. Por exemplo, o futebol, por ser um esporte que há necessariamente o contato físico, por vezes violento, entre os jogadores, estaria mais relacionado às classes populares do que às classes privilegiadas, que por sua vez, são relacionadas na maioria das vezes ao tênis, ao golfe, onde não há o contato direto e necessário com o adversário, priorizando as formas em vez da violência. “Em suma, o elemento determinante do sistema de preferências é aqui a relação com o corpo, com o envolvimento do corpo, que está associada a uma posição social e a uma experiência originária do mundo físico e social” (2004, p. 209). A correspondência, como alerta Bourdieu (2004), não

deve ser feita de modo simplista ao relacionar necessariamente classe operária ao futebol e às lutas, e o tênis e golfe às elites.

No skate algumas reflexões nos oferecem pistas para pensar a posição social do skatista – especialmente a categoria do *street skate*, seja de pista ou de rua. O skate é uma atividade individual, onde não há necessariamente a disputa corpo a corpo nesta prática. Mesmo que haja a importância com a forma, com certa estética corporal, não se procura suavizar a relação violenta com o corpo, a não ser com o uso de equipamentos feitos por poucos, como disseram nossos interlocutores. Desta forma, se estamos tentando identificar o tensionamento que existe entre a esportivização ou não do skate, é preciso que entendamos a correspondência entre o espaço das práticas esportivas, suas diferentes modalidades, e o espaço das posições sociais. Ou seja, é preciso analisar também as tentativas de manter ou suprimir o distanciamento entre estes dois aspectos. Aí se escondem os esforços para que ocorram mudanças em determinado esporte.

Abordamos o exemplo de o skate se tornar um esporte olímpico e o que isto implicaria, segundo skatistas de diferentes modalidades e representantes das federações. Ora, por que esta pauta, que a princípio parece trivial, causa tantas divergências? Porque, diante das informações que levantamos, uma possibilidade que se coloca é o skate enquanto objeto a ser dominado no *campo* esportivo por agentes que não estão diretamente envolvidos com este esporte, que possivelmente possam a vir ditar as regras do jogo até então construído pelos próprios skatistas. A posição das federações parece ter pouca força no *campo* esportivo na relação com outras esferas, para não dizer que esta força é nula, quando, por exemplo, não parece haver um diálogo entre órgãos públicos e estas organizações para que sejam construídos locais adequados para a prática do skate. No entanto, quando se apresenta o currículo de determinados agentes do *campo*, e se considera a visibilidade que o esporte pode oferecer para outros setores da sociedade, especialmente para o mercado, o diálogo ocorre<sup>59</sup>.

---

<sup>59</sup> Com o título ‘Campeão de skate vai com prefeito vistoriar obra’, a matéria traz informações sobre o início da ampliação e modernização de uma pista já existente no bairro da Costeira do Pirajubaé: “Acompanhados pelo skatista Pedro Barros – pentacampeão mundial de skate na categoria Bowl – o prefeito Cesar Souza Junior e o secretário de Obras, Rafael Hahne, vistoriaram na manhã desta terça-feira (3) as obras da primeira pista de skate pública de Florianópolis que terá capacidade e infraestrutura para abrigar competições internacionais”.

Por fim notamos que existe um ponto de confluência que faz do skate uma prática em transição, entre um esporte estabelecido no *campo* esportivo, e o skate marginalizado e crítico, defensor dos valores da amizade, da agregação, do divertimento e de outra forma de se relacionar com certos valores já estabelecidos por outros esportes. A isto poderíamos relacionar o desenvolvimento histórico do skate com o surf e o movimento punk, ou seja, às culturas juvenis, onde, como foi colocado, as juventudes são vistas como fase de transição ao mundo adulto, portanto, imaturos e incompletos enquanto sujeitos, tendo assim, pormenorizado suas práticas como atitudes a serem disciplinadas.

---

Disponível

em:

<<http://www.pmf.sc.gov.br/noticias/index.php?pagina=notpagina&noti=13406>>

Acesso em: 5 fev. 2015.

Atualização: nos dias 10 e 11 de junho de 2016, com as obras completas, a pista da Costeira recebeu uma etapa do campeonato mundial Vans Pro Skate Park Series, como já citamos anteriormente.

### CAPITULO 3: RELAÇÃO COM OS SABERES DO SKATISMO

Uma análise sociológica do skate, enquanto prática corporal e esportiva, identidade de uma dada cultura juvenil, nos permite situar um campo social, onde encontramos regras próprias e produção – através dos agentes – de sistemas simbólicos que visam reger os agentes nele situados. Através de nossos interlocutores – tanto na *Trinda* como no Projeto SKT –, notamos que alguns discursos se repetem, indicando o conhecimento e, de certo modo, a posição dos mesmos no *campo* skatista. Como já dito por Bourdieu (1983), é preciso que o agente disponha de *habitus*, necessário para reconhecer as leis e regras, e ser reconhecido em *campo*; para que possa participar das disputas pelos objetos que se encontram neste *campo*. Foi o que demonstramos nos capítulos anteriores, demarcando o *campo* e os contornos mais evidentes da formação do *habitus* do skatista em Florianópolis.

Entretanto, verificamos que este *habitus* não se desenvolve naturalmente no indivíduo a partir do momento em que se interessa em se tornar um skatista. Ele é formado a partir da prática e do convívio num meio, onde o sentido do skatismo nem sempre converge, indicando diferentes possibilidades a formação do *habitus*, desdobramento de relações com os saberes cada vez mais singulares e diversificadas. Assim como outras práticas, outros esportes, outras atividades, os agentes precisam se mobilizar para conseguir adentrar neste *campo* e para que a prática ganhe sentido. Esta mobilização, por sua vez, é um movimento “de dentro para fora” do agente, no sentido de realizar algo que tenha função ou tenha uma razão de ser na sua vida de relações. Vimos que para ser um skatista é preciso mais que simplesmente adquirir o objeto skate, se vestir como um e *dar rolê* nas pistas e ruas da cidade.

Desta forma, buscaremos adiante lançar mão de algumas reflexões acerca da noção “relação com o saber” (CHARLOT, 2000; 2001; 2005) numa tentativa de ampliar a reflexão sobre o objeto de estudo e formular questões que possam ser melhores investigadas em futuras pesquisas. Buscamos aprofundar, sobretudo, no que diz respeito ao desenvolvimento do *habitus* dos skatistas, neste caso, os que nos relataram suas experiências.

A noção de relação com o saber tem origem na psicanálise, mas são desenvolvidas no campo educacional a partir dos estudos das situações de fracasso e sucesso escolar. Uma crítica foi deflagrada inicialmente ao chamado viés reprodutivista da Sociologia, onde a

análise sociológica destes fenômenos se reduzia a posição social do pai e a herança cultural familiar, explicando assim o desempenho dos filhos na escola. Ao buscar ampliar esta visão, Charlot (2001) retomou conceitos desenvolvidos por Pierre Bourdieu, com o intuito de se aprofundar criticamente nesta relação que o sujeito elabora com o conhecimento escolar – e o extrapola. Vale dizer que não trataremos aqui das situações de fracasso escolar por parte dos alunos. O que nos interessa são estes aprofundamentos que Bernard Charlot fez, sobre o conceito de *habitus* especificamente, o que nos torna possível tensionar os limites da Sociologia enquanto disciplina fundamental no âmbito da pesquisa em Educação.

Para Charlot (2001), a noção de relação com o saber nos ajuda a melhor compreender o que faz com que o aluno entre em uma atividade e aprenda, quais os *móviles* ou o seu desejo de aprender. Aí podemos notar alguns aspectos que se sobressaem: motivação, preguiça, ambição, indiferença, medo, repulsa etc. Aspectos estes que já apresentam alguma relação entre o sujeito e aquilo que se pretende lhe ensinar, referindo-se, portanto, de uma relação entre o desejo e o saber. Desta forma, “[...] como o desejo, que visa o gozo, pode um dia tornar-se desejo de aprender este ou aquele saber, esta ou aquela disciplina, isto é, desejo de outra coisa que não o gozo?” (CHARLOT, 2001, p. 16), coloca Charlot, se referindo aos estudos psicanalíticos de Jacques Lacan (1901-1981).

Na Sociologia, em especial os estudos sobre a Educação desenvolvidos nos anos 1960 e 1970, apontaram que os alunos das camadas populares demonstravam maiores dificuldades na escola do que os de camadas mais favorecidas. De fato, as relações com o saber que encontram estes alunos não são as mesmas, assim como não são diante das diferenças sociais, como as questões de gênero e de origem cultural. Porém, como já dito, isto não é uma regra, e casos que subvertem os estudos sociológicos devem ser considerados. Assim, Charlot (2001) propõe que se investiguem as situações singulares de aprendizagens que são possíveis dentro de determinada classe, *campo* ou posição social buscando explicar as diferentes relações com os saberes e aprendizagens.

Para saber é preciso aprender. Mas aprender o que? “Aprender é fazer o que, é uma atividade de que natureza, é sempre o mesmo tipo de atividade?” (CHARLOT, 2001, p. 17). Neste sentido, Charlot (2001) indica que só é possível entender o que é saber e o que é aprender, se buscarmos entender também certa relação que há com o saber e com o aprender. Assim, “[...] não se pode ter acesso a um saber ou, mais genericamente, aprender, se, ao mesmo tempo, não entrar nas relações

que supõem (e desenvolvem) este saber, este aprender” (CHARLOT, 2001, p. 17). Ao falar em *aprender*, o autor está se referindo a qualquer atividade – expressa pelo corpo – que tenha no próprio aprendizado sua finalidade; enquanto que em relação ao *saber*, está se referindo aos resultados de certos tipos de aprender expressos na e através da linguagem – voltaremos a esta discussão mais adiante.

Podemos também adotar um ponto de vista da didática se queremos entender a relação com o saber, questionando as condições ou modos de transmissão de um saber, ou de uma ou outra prática social de referência, superando a visão da didática de somente se ater às transposições de conteúdo (CHARLOT, 2001). Nestas circunstâncias é preciso lembrar do sujeito do conhecimento racional – o *Eu epistêmico*, como coloca Charlot (2001) –, que supostamente está na posição de espera pelo conhecimento a ser transmitido em determinada condição didática. No entanto, a didática alcançou determinado ponto da reflexão sobre a relação com o saber, em que esta ficou limitada aos âmbitos institucionais. Assim, os objetos de saber existentes para os indivíduos seriam os mesmos dispostos na escola, na família, no trabalho, na igreja, etc., o que não invalida a discussão proposta, mas é preciso ter em vista que o saber não é um puro objeto institucional, mas sempre o resultado de uma certa atividade, que responde as normas específicas. “A questão da relação com o saber é também aquela das formas de existência do saber nas instituições e dos efeitos que essas formas implicam” (CHARLOT, 2001, p. 18). Isto nos indica que a escola não é somente um lugar onde verificamos diferentes relações com o saber, mas é, sobretudo, lugar onde se (des)motiva a relação com (os) saber(es).

É complexo o trabalho com a noção de relação com o saber, como podemos ver. Diferentes campos da ciência podem dar suas contribuições para o estudo, com os devidos debates, apontando limites e avanços. Segundo Charlot (2001), as questões e metodologias, na maioria das vezes se cruzam, mais do que entram em conflito. Assim, “[...] a noção de relação com o saber remete, antes de tudo, a um tipo de abordagem, a uma certa forma de colocar e de tratar as questões” (CHARLOT, 2001, p. 19). Diante disto, o sociólogo propõe alguns pontos que podem servir de base de apoio para a formulação de uma teoria da relação com o saber, os quais apontaremos brevemente a seguir.

O primeiro ponto trata da questão da mobilização do sujeito na relação com o saber, ou, da sua iniciação na atividade intelectual: o que o sujeito mobiliza para sustentar tal atividade? Segundo Charlot (2000),

mobilizar é colocar certos recursos em movimento; é movimentar a si próprio, para que venha a agir. O sujeito age em função dos seus desejos, aquilo que faz sentido para si, que tem um significado, ao que agrega valor. Isto, no entanto, não está alienado do mundo, mas ocorre num dado *campo* de possibilidades, com limites impostos pela realidade social. Assim, “Tem ‘significação’ o que tem sentido, que diz algo do mundo e se pode trocar com outros” (CHARLOT, 2000, p. 56). Um conhecimento para fazer sentido para o sujeito deve estar em relação com outros – conhecimentos e sujeitos –, diante de um sistema onde se pode ser comunicável, inteligível. Este sujeito não é um ser misterioso de impossível apreensão por se postar livremente diante da sociedade, nem o contrário, totalmente reservado em sua intimidade, assim como não é somente um receptor que interioriza simplesmente o que está dado. Ele é um sujeito possuidor de desejos, que ocupa uma posição no mundo social, agindo neste mundo: “Esse sujeito pode ser analisado de modo rigoroso: constitui-se através de processos psíquicos e sociais que podem ser analisados, define-se com um conjunto de relações (consigo, com os outros e com o mundo) que pode ser conceitualmente inventariado e articulado” (CHARLOT, 2000, p. 57).

Segundo Charlot (2001), devemos sempre ter em vista que o sujeito mobilizado é sempre portador de um desejo num mundo social, e este já é o segundo ponto da teoria da relação com o saber. Neste sentido, é preciso sempre considerar que o sujeito mobiliza aspectos psíquicos e sociais na relação com o saber. Estamos lidando, portanto, ao mesmo tempo, com a construção deste sujeito e com sua socialização – dois aspectos complementares. Isto já nos aponta para outro fator, que é o da dialética em que o sujeito está envolvido na relação com o saber, ou seja, dos aspectos do interior e do exterior, demonstrando a conexão existente entre sujeito e saber, e saber e sujeito. Este sujeito está em relação com o mundo, com os outros e consigo mesmo, e por isto mesmo, a apropriação de um saber não se dá de uma única forma: “Entrar em um saber é entrar em certas formas de relação com o saber, em certas formas de relação com o mundo, com os outros e consigo mesmo. Só existe saber em uma certa relação com o saber” (CHARLOT, 2001, p. 21). A educação então é esse triplo movimento de humanização, de subjetivação, singularização e de socialização. Tomar esta postura, é buscar entender as diferentes formas de se apropriar sobre tal saber, e as diferentes posturas que o sujeito assume diante de diferentes situações – na escola, em casa, na rua, etc.

Dito isto, Charlot (2001) indica o tratamento metodológico para que seja possível sustentar a teoria da relação com o saber. Para ele, a

pesquisa deve priorizar processos, para depois construir configurações, tipos ideais, sempre atento com o problema de se categorizar os indivíduos. O autor coloca que a importância em se pesquisar a relação com o saber está em problematizar a mobilização, o confronto com o saber, e não investigar características individuais ou particularidades, criando um catálogo disto. Resumindo: “Uma metodologia coerente com a problemática deve se centrar no problema da mobilização do sujeito no campo do saber (do aprender) ou no confronto com este ou com aquele saber – mais precisamente ainda, deve se centrar nas fontes dessa mobilização e nas formas que ela assume” (CHARLOT, 2001, p. 23).

Em todos os aspectos citados para que se desenvolva uma teoria da relação com o saber, se atravessa a noção de *habitus*, influência de Pierre Bourdieu que Bernard Charlot se preocupou em avaliar criticamente, ampliando os limites deste conceito. Será neste ponto que iremos nos aprofundar adiante, buscando problematizar a noção de relação com o saber neste estudo sobre o skatismo.

Para refletir relação do skatista com o saber precisamos retomar estes pontos indicados por Charlot (2001), formulando as questões: o que mobiliza um jovem a andar de skate? a ir para a pista treinar manobras? a procurar uma escola de skatismo? Qual o sentido ou o desejo que o mobiliza a entrar nas atividades e tornar-se um skatista? A fazer do skatismo uma das suas qualidades?

Segundo Bourdieu (2009), a Sociologia trata todos os indivíduos de modo idêntico, consequência das mesmas condições objetivas, ou, do mesmo *habitus*. Assim, tentando definir como opera o *habitus* no indivíduo, situado no interior de uma classe, ele explica: “[...] a classe social (em si) é inseparavelmente uma classe de indivíduos biológicos dotados do mesmo *habitus*, como sistema de disposições comum a todos os produtos dos mesmos condicionamentos” (BOURDIEU, 2009, p. 99). Ainda que considere impossível uma visão homogeneizante sobre as condutas dos sujeitos de uma mesma classe, para Bourdieu “[...] é certo que todo membro da mesma classe tem muito mais possibilidades de que qualquer outro membro de uma outra classe de se ter deparado com as situações mais frequentes para os membros dessa classe [...]” (BOURDIEU, 2009, p. 99). O *habitus* de classe, neste sentido, se sobreporia sobre o *habitus* individual, refletindo através de suas ações um sistema subjetivo pertencente a tal classe ou grupo:

Efetivamente, é uma relação de *homologia*, ou seja, de diversidade na homogeneidade que reflete a diversidade na homogeneidade característica de suas condições sociais de produção, que une os *habitus* singulares dos diferentes membros de uma classe: *cada sistema de disposições individual é uma variante estrutural dos outros*, no qual se exprime a singularidade da posição no interior da classe e da trajetória (BOURDIEU, 2009, p 99-100. Grifos do autor).

Com isto, a análise que propõe Bourdieu (2009) sobre o *habitus* individual, nos remete a pensar que há uma estrutura mais forte que o indivíduo, não deixando muito espaço para que ele aja de maneira diferente daquilo que deposita o *habitus* do grupo. Mesmo assim, Bourdieu (2009) não nega a existência de experiências e trajetórias sociais singulares, remetendo à relação entre diferentes *habitus*:

O *habitus* que, a todo momento, estrutura em função das estruturas produzidas pelas experiências anteriores as experiências novas que afetam essas estruturas nos limites definidos pelo seu poder de seleção, realiza uma integração única, dominada pelas primeiras experiências, das experiências estatisticamente comuns aos membros de uma mesma classe (BOURDIEU, 2009, p. 100).

O *habitus* individual, no sentido do que foi exposto, age sempre na contenção de certa essência, vinda de experiências primitivas, fazendo com que o indivíduo selecione e opere as novas experiências sempre de acordo, ou no enfrentamento, com aqueles sistemas de disposições já estruturados em si, o que, resumindo, é a relação de homologia, como já citado acima. É a partir deste ponto que Charlot (2000) tece suas críticas, as quais tentaremos acompanhar.

Segundo Charlot (2000), o sociólogo Pierre Bourdieu contribuiu em parte para o que se chama atualmente de *sociologia da reprodução*, onde os estudos preocupavam-se em explicar como e porque os alunos ocupam tais posições no espaço escolar. Isto era explicado a partir da posição social dos pais, ao passo que os filhos eram vistos como simples herdeiros desta posição. Charlot (2000) aponta que Bourdieu analisou esta relação como um sistema de diferenças, ou seja:

[...] às diferenças de posições sociais dos pais correspondem diferenças de posições escolares dos filhos e, mais tarde, diferenças de posições sociais entre esses filhos na idade adulta. Há a reprodução *das diferenças*. Como se opera essa reprodução? Novamente através de diferenças: às diferenças de posições dos pais correspondem nos filhos diferenças de "capital cultural" e de *habitus* (disposições psíquicas), de maneira que os filhos ocuparão eles próprios posições diferentes na escola (CHARLOT, 2000, p. 20).

Essa análise não é suficiente para Charlot (2000), que propõe outra leitura do problema – do fracasso escolar neste caso –, para que se supere a leitura baseada em homologias, correlações entre posições sociais e transposição de sistemas de diferenças. Para o devido aprofundamento neste problema, devemos nos questionar sobre o que consideramos ser uma *posição social*. A análise da sociologia da reprodução indicou a posição social das famílias sobretudo a partir das categorias condizentes às esferas da profissão. No entanto, as condições objetivas das famílias não se resumem a este fator. Num viés antropológico, é possível investigar, como fez Charlot (2000), que as famílias não são constituídas de forma homogênea. Obter a informação sobre o emprego e salário do pai de um sujeito, pode nos indicar mais ou menos a que classe pertence, qual o poder de consumo, por exemplo. Mas este pai é quem provém o sustento da família? Ele mesmo acompanha o desenvolvimento escolar dos seus filhos? A mãe é uma trabalhadora também? Trabalhadora do lar? Os irmãos ajudam nas tarefas? E em casos de pais homossexuais, tendo em vista uma sociedade conservadora como a nossa? Enfim, são alguns exemplos que os pesquisadores podem contemplar, assim como defende Charlot (2000), para que se possa problematizar a noção de relação com o saber. São questões que podem indicar as tensões que os sujeitos envolvidos encontram cotidianamente, e que refletem diretamente no desenvolvimento de sua visão de mundo. Esta conduta pode inclusive – e, se possível, necessariamente – contemplar as práticas educativas dos familiares, ou, aqueles fatores que eles mobilizam e que crêem educar. A complexidade de configurações e estratégias que se pode encontrar numa só família deve ser encarada como fator importante ao tentar entender os resultados apresentados por determinado sujeito na sua relação com o saber. Assim, por exemplo,

[...] uma criança não é apenas "filho de" (ou "filha de"). Ela mesma ocupa uma certa posição na sociedade. Essa posição tem a ver com a dos pais, mas não se reduz a ela e depende também do conjunto das relações que a criança mantém com adultos e outros jovens. A posição da própria criança se constrói ao longo de sua história e é singular (CHARLOT, 2000, p. 21).

O desafio proposto acima está justamente em saber como se dá a transmissão destes dispositivos subjetivos que a criança absorve na relação com os adultos e outros jovens, fazendo-a ocupar certa posição social. Charlot (2000) coloca que, existe uma movimentação, ou, atividades, práticas, para que haja a reprodução de um capital cultural dos pais para os filhos, sem que para isto se opere simplesmente através de herança: ela se produz a partir de um conjunto de práticas familiares – passeios em parques, museus; acesso a livros, discos, filmes; estímulo a práticas esportivas, etc. Neste sentido estas práticas-atividades-processos não são as mesmas para os mesmos fins. Ou seja, como exemplificou Charlot (2000), práticas escolares não são as mesmas das práticas matrimoniais, são operações em âmbitos diferentes.

Em outras palavras, uma atividade não depende apenas da posição social dos "agentes", ou de seus pais, mas também das regras que regem essa atividade; se essas regras não são respeitadas, a atividade não alcança sua meta, é ineficaz: o marido desejado não é seduzido, o aluno acaba em situação de fracasso escolar. Cada atividade comporta uma normatividade que lhe é própria (CHARLOT, 2000, p.23).

Ainda em relação à atividade, é preciso notar que isto é, sobretudo, a atividade de um sujeito: um sujeito em relação com o mundo; com outros sujeitos; munido de, e movido por desejos; que ocupa determinada posição na família – ou noutra instituição equivalente –, na escola, no trabalho; enfim, é, este sujeito, “[...] exemplar único da espécie humana, que tem uma história, interpreta o mundo, dá um sentido a esse mundo, à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história sua singularidade” (CHARLOT, 2000, p. 33). Este sujeito encontra em seu entorno a necessidade de aprender sobre coisas, objetos, pessoas, lugares,

produzindo e se produzindo educativamente. Por mais que identifiquemos as estruturas e as instituições encarregadas de defender determinado sistema simbólico, devemos buscar entender também como os sujeitos manejam valores e ações que estes sistemas induzem. Isto passa certamente por um suporte de representações ou psiquismo, como chamou Charlot (2000), e, necessariamente, este psiquismo é o de um sujeito.

Discutindo com Pierre Bourdieu, Bernard Charlot (2000) destaca que o agente social – nos termos de Bourdieu – não tem plena consciência de seus atos, e não é, portanto, um indivíduo autônomo. Mesmo assim, não são meros “marionetes” de um sistema estruturante, já que a ação ocorre, pois são dotados de um senso prático, que os guia frente às situações possíveis em determinado contexto. “Eles é que agem e não a estrutura através deles, porém eles agem em função de disposições psíquicas que foram socialmente estruturadas: seu *habitus*” (CHARLOT, 2000, p. 35). Na teoria de Bourdieu, o *habitus* é gerado através da posição social que o sujeito ocupa e reproduz, e, neste sentido, o que se sobressai é a posição social do sujeito, para que então se entenda as disposições psíquicas dele. Em relação a isto, Charlot (2000) se refere a este ponto de vista como *psiquismo de posição*. Ele critica que os aspectos sociais se tornam psíquicos, ou, são interiorizados, incorporados, na via de fora para dentro, do exterior para o interior, e assim, não se sabe que este interior, este psíquico subjetivo, opera por regras próprias, que não estão necessariamente submetidas ao espaço social vivido pelo sujeito. Estão postas aí, duas lógicas diferentes. Seria algo como receber as informações do social, passando por um filtro individual do sujeito. É, portanto, uma lógica de apropriação do mundo, e não de mera interiorização dele. Lógica que envolve pulsões, desejos, vontades, em relação aos objetos possíveis que se apresentam no social. Dito isto, Charlot (2000) aponta que a sociologia de Bourdieu, mais especificamente seus estudos sobre o conceito de *habitus*, não dão conta de explicar a relação com o saber e a experiência escolar dos sujeitos, já que se limita a explicar, a partir desta chave de leitura, as posições sociais dos agentes.

A ideia de *habitus* então, como vimos até aqui, é entendida como psiquismo de posição por se restringir a posição social do sujeito. Para Charlot (2000), o conceito atinge seu limite ao tentar a relação de certo grupo com o saber, mas não consegue avançar, nos termos de Bourdieu, na relação de um sujeito deste grupo com o saber.

Enquanto que o sujeito dá um sentido ao mundo, em Bourdieu o sentido não é senão a interiorização de relações entre posições, sob a forma de *habitus*. Enquanto que o sujeito age sobre e no mundo, em Bourdieu a atividade fica reduzida ao sentido prático, que permite atualizar relações de posição. Enquanto que o sujeito vê-se confrontado à questão do saber, em Bourdieu essa questão fica reduzida à do ‘arbitrário cultural’ e da ‘violência simbólica’, isto é, novamente, a relações entre posições sociais (CHARLOT, 2000, p. 38).

Quem é este sujeito que dá um sentido pro mundo? Como ele dá sentido para seu objeto de desejo? Uma perspectiva possível para problematizar estas questões seria a qual Charlot (2000; 2001; 2005) compartilha, que considera fundamentos antropológicos – ou da antropologia filosófica, como chamou ele – diante da noção de relação com o saber.

A partir disto, tomamos a reflexão feita pelo autor, acerca do que se entende por sujeito, bem como, que mobilizações faz este sujeito na relação com o saber.

Segundo Charlot (2001), o sujeito é um ser inacabado e sempre será, desejoso de si mesmo, de gozo. O deslocamento para construir-se a si mesmo e se apropriar do mundo ocorre no tempo, implicando a mediação de outros sujeitos. Este sujeito não se apropria do mundo ao seu bel prazer, mas compartilha seu mundo construído com outros sujeitos. Ao se desenvolver, desenvolvendo o mundo e o outro, desenvolve também uma relação com o que está pressuposto no espaço social: símbolos, as linguagens, as culturas, etc. O *habitus* como chave de explicação sobre processos de incorporação destes fatores, aos moldes do que pensou Pierre Bourdieu, não dá conta de avançarmos na discussão sobre a relação com o saber, porque não considera as movimentações e atividades feitas pelo sujeito. Movimento é mobilização; mobilizar-se; pôr-se em movimento, diferente do que seria motivar, por exemplo. A mobilização vem *de dentro*; a motivação, *de fora*. No entanto: “É verdade que, no fim da análise, esses conceitos convergem: poder-se-ia dizer que eu me mobilizo para alcançar um objetivo que me motiva e que sou motivado por algo que pode mobilizar-me. Mas o termo mobilização tem a vantagem de insistir sobre a dinâmica do movimento” (CHARLOT, 2000, p. 55). Mobilizar é movimentar recursos e desejos, para concretizar uma atividade que é

troca, que é relação com o mundo. Assim, podemos visualizar o triplo movimento – de um sujeito subjetivo, singular e social – para que apontemos para o desenvolvimento de uma análise sobre o sujeito.

O sentido da mobilização do nosso interlocutor-skatista aparece de forma diversificada. Valorizando aspectos da vida social para além da casa e da escola, é na rua ou no projeto que se evidencia: o desejo da parceria, da confraternização, aplaudindo os acertos e apoiando nos erros; alguns desejam a diversão, o gozo, desviando da disciplina esportivizada, outros tem o foco no treino como aperfeiçoamento e busca do movimento perfeito ou com estilo.

A mobilização é incompleta se não em relação ao exterior, à vontade em acertar a manobra, em alcançar certo nível técnico e em se sentirem satisfeitos com os acertos. Isto está em relação ao seu par, que o incentiva no erro e o aplaude no acerto, tornando a situação entusiasmante. Quando não é o sujeito que está em ação, o outro é que deve ser encorajado: o desejo de acertar a manobra do outro, de reconhecer as dificuldades técnicas nos movimentos, é seu desejo também. Estes desejos se entrelaçam à outros: de ser/estar com os amigos; de ser mãe – ou tentar *cumprir um papel de mãe*; vontade de alcançar o profissionalismo; esporte para relaxar, para ser saudável, etc.

Por estar diretamente relacionado à cultura juvenil, o skatista mobiliza também diversos aspectos deste *campo*. Nossos interlocutores oferecem diversas pistas para que pensemos a respeito do que a prática do skate traz de desconstrução para a cultura juvenil. Neste sentido, se sobressai o fato de a maioria dos entrevistados não serem necessariamente jovens – pelo menos não no sentido cronológico. Aqui então podemos refletir sobre aquilo que a prática do skate oferece aos adultos-jovens em questão de mobilização de recursos. Estariam preocupados em se manterem jovens? Outro ponto são aqueles aspectos comuns às juventudes, comum também aos interlocutores, que contribuem também na formação da identidade do sujeito, bem como no que os skatistas chamam de *estilo* de andar de skate. Aqui nos referimos à questão da preferência pelo gênero musical; preferência pelo visual; preferência pela modalidade do skate – *street* – se em pistas ou nas ruas; *bowl*, vertical, etc.; preferência por competições ou *por diversão*; desejo por experimentar sensações.

Tendo em vista toda esta discussão notamos o quão complexo é pensarmos sobre relações de aprendizado, de saberes, diante do que se tem produzido no campo científico, especificamente sobre o vínculo que cada sujeito desenvolve, de modo singular, mas num campo social. No

nosso caso de pesquisa, não daremos conta de oferecer resposta satisfatória sobre o sujeito-skatista e sua relação com o mundo e com a prática do skate<sup>60</sup>. No entanto, diante do que expomos nos capítulos anteriores, podemos apontar para algumas direções que nos parecem interessantes refletir, pensando em futuras pesquisas, sobretudo pensando os skatistas e suas relações, enquanto sujeitos envolvidos pela cultura juvenil – ou pelo menos com uma ideia dela – mas sendo protagonista das relações que estabelecem com a prática cultural que é o skate.

Entendendo que a prática do skate pressupõe a mobilização de determinados objetos sociais, podemos considerar que andar de skate, ou, ser skatista, é estar em uma relação com o saber, é estar em uma relação com o saber skatista, com o skatismo. Só há saber skatista porque há uma relação com este saber. Neste sentido é válido dizer que nossos interlocutores se instalam numa relação com o mundo, entendendo que andar de skate é uma parte disto. Estão em relação com uma prática corporal, que é esportiva, mas não só, e que implica em relação com os outros, em relações de sociabilidade – o que por si só já denota o contato com outros mundos –, em relação com produtos de outras práticas. Mesmo que consideremos que querer ser um skatista; querer andar de skate não significa uma atividade necessariamente autônoma quanto ao objeto, mesmo assim é uma forma específica. “O sujeito de saber desenvolve uma atividade que lhe é própria: argumentação, verificação, experimentação, vontade de demonstrar, provar, validar” (CHARLOT, 2000, p. 60). Estamos discutindo aqui singularidades, neste sentido não seria suficiente tratarmos das informações de um sujeito isoladamente. A experiência skatista só pode ser estudada enquanto processo, quando em relação com os outros, quando faz sentido não somente para um sujeito, mas é resultado de uma comunicação.

Ao entrevistarmos alguns skatistas notamos que o saber se encontra não apenas na prática, como na linguagem, naquilo que conseguem verbalizar sobre o que fazem. Em outras palavras: “O saber é construído em uma história coletiva que é a da mente humana e das atividades do homem e está submetido a processos coletivos de validação, capitalização e transmissão” (CHARLOT, 2000, p. 63). Aqui não conseguiremos abarcar todo o saber sobre o skate, ou, todas as

---

<sup>60</sup> Charlot também não dá conta: “Ora, essa noção [da relação com o saber] implica conceito de sujeito e, enquanto tal, ela interessa à Psicanálise” (CHARLOT, 2005, p. 45. Inserção nossa).

possibilidades de saber que o skatista tem disponível neste *campo*. Entretanto apontamos possíveis campos de saber dentro de um *campo* maior que seria o da prática do skate na cidade de Florianópolis, inserido por sua vez numa cultura skatista muito mais ampla.

Podemos conjecturar que diante das falas de nossos interlocutores é possível demarcar os *campos* que formam cada um uma ideia sobre o skate. Sendo na prática de rua/pista/autônoma que alegam os skatistas da *Trinda*; ou sendo na prática escolarizada do Projeto SKT, a preocupação em se divertir, em manter uma ideia “anti-competitiva”, e também a disciplina e valores esportivos, é perceptível. Ainda assim é possível notar os apontamentos que cada espaço desenvolve a sua maneira, determinadas disposições simbólicas que motivam determinadas ações, ou seja, o *habitus*.

Compartilhando do ponto de vista discutido até então (CHARLOT, 2000; 2001; 2005), podemos perceber o desenvolvimento do *habitus* de um grupo. Esta chave de leitura nos permite discutir a posição social destes sujeitos, especialmente enquanto jovens praticantes diante de um processo de socialização. Notamos que os skatistas entrevistados classificam, percebem e ordenam suas práticas, e aquilo que isto representa, frente a dado contexto. Nosso limite de interpretação para aprofundamentos na questão da relação do sujeito skatista, com o saber sobre o skate, se estabeleceu na falta de um empreendimento mais detalhado e mais rigoroso, para com os próprios interlocutores, mas também com o desenvolvimento do *campo* do skate em seu aspecto geral. Cabe colocar aqui que há um esforço em traduzir o que Charlot (2000; 2001; 2005) discutiu na esfera da Sociologia da Educação, a saber, a relação com o saber. No nosso caso pontuamos a relação com o saber, entendendo a cultura do skate, embasada historicamente, que encontra ecos em setores da sociedade, especialmente na juventude, portanto, comprometida com uma experiência educativa não formal. Resta-nos pensar como esta noção pensada por Charlot (2000; 2001; 2005) pode nos oferecer pistas para pensarmos as relações de saber não escolares – ou não formais –, por exemplo. O corpo não é e nem sempre foi um corpo escolarizado. Nem por isto deixamos de pensá-lo como um corpo educado, disciplinado, mediador de saberes. O corpo skatista pode ser visto neste parâmetro. Se o saber escolar é medido através da linguagem e objetivado através da escrita (CHARLOT, 2000), no skate podemos projetar que o saber está naquilo que o skatista encontra na cultura do skate, bem como, no que vai além disto: na relação com o mundo.

Podemos dizer que a relação com o mundo do skate é uma relação com o saber? Já que o skate está no mundo? Charlot (2000) diferencia, por exemplo, a relação com o saber da relação com o aprender. Para o autor a primeira se dá com o mundo num sentido geral, sendo que a segunda é mais específica:

Aprender, é exercer uma atividade *em situação*: em um local em um momento da sua história e em condições de tempo diversas, com a ajuda de pessoas que ajudam a aprender. A relação com o saber é relação com o mundo, em um sentido geral, mas é, também, relação com esses mundos particulares (meios, espaços ...) nos quais a criança vive e aprende (CHARLOT, 2000, p. 67).

Neste sentido, aprender seria a atividade necessária para o saber. Resumindo: “Aprender é uma atividade de apropriação de um saber que não possui, mas cuja existência é depositada em objetos, locais, pessoas. Essas, que já trilharam o caminho que eu devo seguir, podem ajudar-me a aprender, isto é, executar uma função de acompanhamento, de mediação” (CHARLOT, 2000, p. 68). Aprender a andar de skate, portanto, aprender a ser skatista qualquer indivíduo pode fazer. Saber andar de skate, saber(-se) ser skatista é que é a questão. Nesta pesquisa ficou evidente – visto nossos limites – a situação de aprendizado do skate: no Projeto SKT com a mediação de um professor, mas também dos pares; na *Trinda* mais fortemente a mediação dos pares. Podemos afirmar que todos os entrevistados se encontram numa situação de aprender o skate: querem aprender novas manobras, querem dominar a técnica, mas é preciso também conhecer outros skatistas, é preciso representar um estilo, conhecer as regras – em sua maioria não ditas –, saber se comportar como skatista, enfim, incorporar o *habitus* skatista. Neste sentido se inscreve nossa limitação para que pudéssemos dar resposta satisfatória sobre a relação de nossos interlocutores com o saber skatista. De modo muito geral, trouxemos informações sobre o desenvolvimento histórico do *campo* do skate, tentando identificar a formação do *habitus* skatista, e neste último momento um aprofundamento neste conceito através da noção da relação com o saber.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo abordamos a prática do skate, tocando em pontos que remetem à cultura skatista e que ajudam entender o *campo* do skate em seus aspectos mais restritos. No nosso caso, delimitamos dois casos – ou experiências – de prática do skate, que serviram para pôr em exame nosso aparato teórico e metodológico. Os dois campos, que não foram encarados de modo que um viesse a suprimir o outro, indicaram caminhos para seguir discutindo não somente aquilo que se restringe ao skatismo, ou outra prática esportiva, mas também outros aspectos que querem dizer sobre as nossas relações sociais mais genéricas. A noção da relação com o saber está inscrita neste sentido, já que traz a preocupação de testar os limites de teorias postas anteriormente, e que, até então, não encontravam sinais de superação. Assim, esta noção se apresenta como uma possibilidade de tensionarmos ideias já estabelecidas no campo científico, ainda mais nas áreas das Ciências Sociais e da Educação. Aqui está posto a problemática da relação entre sujeito e sociedade.

Como já dito, apresentamos nos capítulos anteriores dois campos que podem ser interpretados como distantes e próximos ao mesmo tempo. Tomamos o cuidado de não trazer estes campos com a finalidade de polarizar a discussão, fazendo uma leitura sobre duas formas de se praticar o skate. Vimos, no entanto, que os dois campos apresentam sim aspectos que os diferenciam, mas apresentam também aspectos convergentes entre os mesmos.

A pista da Trindade, num ponto de vista comum, é um espaço público situado numa região central da Ilha de Santa Catarina, onde os skatistas sobem e descem rampas, saltam sobre obstáculos e deslizam pelo solo com seus skates. Mas com a devida aproximação, vimos que neste ambiente se desenvolve muito mais que só a técnica do skate ou o lazer daqueles jovens. Na *Trinda* os skatistas organizados ocuparam e agregaram à área da pista uma quadra que originalmente serviria para a prática de outros esportes, como o futsal, o basquete, etc. Ali, além de construírem de maneira autônoma os próprios obstáculos, eles desenvolvem entre os pares relações de sociabilidade que nos ajudam a pensar a relação destes jovens na/com a cidade, e, por mais que este não fosse nosso enfoque, é uma relação de aprendizado sobre o ambiente urbano, sobre ser cidadão. Sobretudo, o que está colocado nas relações sociais da *Trinda* são as maneiras de ser skatista, e como os skatistas as explicam a partir de suas experiências no *campo*.

O Projeto SKT, por sua vez, funciona de modo privado oferecendo aulas de skate para quem se interessar. É gerido por skatistas profissionais; tem sede – pista – própria; e o que se diferencia da *Trinda* seria este aspecto institucionalizado, onde os sujeitos, a princípio, tem papéis bem definidos dentro da proposta educativa que é colocada pela escola. Ainda assim, nossos interlocutores indicam que por vezes estes papéis são relativizados, quando, por exemplo, a figura do professor é apresentada também como um colega skatista. Diferentemente do que se pode pensar comumente, diante das singularidades apresentadas por cada campo, no Projeto SKT também se desenvolve modos de apreciação que envolvem a prática do skate, que estão de acordo com o campo skatista, mas que também apresenta tensionamentos. Por sua característica escolarizada, o Projeto se baseia num viés mais esportivizado do skate, buscando trabalhar principalmente os aspectos do domínio da técnica por parte dos alunos-skatistas, contribuindo assim para também desenvolver um modo de avaliar determinada prática; refletir sobre o que é andar de skate, ou ser skatista.

Entre os skatistas que tivemos contato, tanto na *Trinda*, quanto no Projeto SKT, notou-se que os mesmos carregam disposições simbólicas, adquiridas de modo singular em relações que transpassam os limites do que nos tornam possível descrever. Estamos nos referindo às suas relações com aquilo que não tem necessariamente a ver com o mundo do skate, mas são comuns aos sujeitos que vivem numa sociedade complexa como a nossa. Podemos dizer que os skatistas também manifestam um sentido relacional para com os outros, mas tem no skate o objeto que centraliza este desejo. Os skatistas também manifestam um sentido prático, justamente por ter na prática do skate sua vontade de participação no grupo.

Tentamos assim, entender aquilo que sustenta a mobilização destes sujeitos para se posicionarem enquanto skatistas, e enquanto seres humanos portadores de vontades, situados em determinado tempo e espaço. É na relação com os saberes do skatismo que os sujeitos, ao se apropriarem deste saber, se apropriam do patrimônio cultural desenvolvido pela humanidade. Ou seja, ao assumirem fazer parte de uma cultura skatista, ou de um estilo de vida skatista, ou de buscarem determinada essência do skate, ou de serem esportistas, assumem também uma relação com o mundo. E este é um processo subjetivo, no qual cada indivíduo irá se relacionar singularmente, ou interiormente, mas sempre em relação ao/com o outro, com o exterior a si, com o social. A relação com o saber, portanto, e neste caso, com o saber do

skatismo, se constrói numa relação dialética e só é possível com a mediação do outro, para que seja possível produzir-se a si mesmo.

Os rituais que nos parecem cotidianos, podem tomar outros sentidos se contrastados, por exemplo, os dois campos que pesquisamos. Que significados carregam, que peso tem certos valores, como a confiança; a paciência; a contemplação; o treinamento... Que peso tem estes valores num projeto educativo? Melhor: que peso tem estes valores num projeto de educação do corpo? De um corpo acostumado com o risco? Como foi colocado, existe a preocupação com as drogas, onde podemos interpretar que existe a preocupação com um corpo limpo, são, resistente. É sobre a formação humana que estamos discutindo acima de tudo. É sobre um projeto de ser humano, de sujeito(s) que estamos tratando. Isto contradiz a própria característica *plural* do skate? É uma tentativa de uniformizar o que não pode ser uniforme?

A performance dos skatistas demonstra nas entrelinhas a diferença na igualdade. Cada estilo faz sentido pra determinado grupo de skatista, mesmo se reconhecendo todos enquanto skatistas. O sucesso individual vem de um esforço isolado, mas é também resultado de trabalho em grupo. Só tem reconhecimento no grupo. Só tem reconhecimento se faz *sentido* para o grupo. Dentre os sentidos circunscritos resgatamos aqueles que notamos relevantes dentre o que nos falaram os interlocutores. Seriam, portanto, os sentidos do prazer, do prazer de confraternizar entre amigos; sentido do lazer, de descontrair, de relaxar; sentido relacional, de estar entre amigos, entre os pares; sentido artístico, de livre criação; sentido da aprendizagem, de aprender outro comportamento, novas manobras; sentido da superação, de persistir, de ter atitude, de se superar. O único sentido que podemos dizer que divergem entre a skatepark da *Trinda* e do Projeto SKT, seria o da esportivização. E neste caso se insere quase que necessariamente o sentido da formação do atleta, tão criticado pelos skatistas mais essencialistas, por assim dizer.

Estes sentidos elencados acima não são algo cristalizado ou intocáveis. Estão em constante tensão e são objetos de disputa, mais ou menos questionáveis diante de determinado contexto. Vejamos a discussão que dá o tema da esportivização do skate, ou, a participação ou não do skate nas Olimpíadas. Como participam nossos interlocutores nesta disputa? No que contribuem? As questões colocadas devem ser refletidas no contexto das relações sociais dos skatistas, em relação ao que pensam entre pares, mas também diante do que pensam singularmente, frente ao seu projeto de mundo.

De todo modo, esta pesquisa mostra que entender o sujeito é também um esforço de compreensão, simultaneamente, de uma construção social, antropológica e psico-física, onde o estudo do *campo* e do *habitus* garantem certa perspectiva que pode ser ampliada a partir da noção de *relação com o saber*. O que foi dito por nossos interlocutores, o que foi observado em campo, são objetos que foram materializados pela ação dos sujeitos envolvidos no *campo*, que ocupam posições mais ou menos privilegiadas para isto, seja através da linguagem ou da prática em si. As características skatistas seguem tendências, de fato. Mas não explicam o sentido que cada skatista dá para esta prática corporal, para aquilo que faz em cima do skate, com seus colegas ou não, seja nas ruas, nas pistas públicas ou privadas. Nisto se encaixa também a proposta de ensino do Projeto SKT. Foge do alcance do programa escolar as previsões sobre os significados que o aluno-skatista irá associar ao skate na, ou após, essa experiência educativa. Foge justamente porque as práticas, e as maneiras de lidar com as informações são também pessoais, singulares.

Os conceitos que trouxemos para discutir o skatismo em Florianópolis dão conta de explicar como os agentes se movimentam no *campo*, e dão determinados sentidos para o skate. Entretanto, se quiséssemos testar os limites do conceito de *habitus* deveríamos nos aprofundar ainda mais na pesquisa de campo, e principalmente se aproximar com maior rigor dos interlocutores. Não basta, como disse Charlot (2000) identificarmos que as disposições psíquicas dos sujeitos são habitadas pelo social, que assim, dão seus sentidos à prática e as representações sociais. É preciso tensionar este limite tentando entender este psíquico que age no sujeito – ou, que o sujeito faz agir? Isto é uma tarefa que o próprio Bernard Charlot (2005) considera fugir do debate sociológico, mas sendo uma responsabilidade dos psicólogos. Sendo assim, não deveríamos, portanto, pensar em maneiras de trabalhar interdisciplinarmente? Ou seja, que a Psicologia tem a oferecer à Sociologia?

Esta tarefa por certo pode oferecer contribuições para os diversos planos de estudos que tocamos em parte aqui. Estamos falando dos estudos históricos, onde o estudo das biografias poderiam oferecer outras perspectivas para se entender o contexto em que certo sujeito desenvolveu determinadas relações. Podemos pensar na Sociologia da Juventude, tentando mapear os desejos e sentidos que os jovens dão para o mundo, ou, qual o mundo consideram possível? Como aquelas disposições sociais que atravessam os corpos juvenis, sendo resignificadas, podem contribuir na reflexão de outras visões de mundo?

E como o skate pode, neste mesmo sentido, oferecer outros significados, outras possibilidades para o *campo* esportivo?

Estes exemplos pensados aqui a esmo, vão ao encontro do projeto de propostas, escolar ou não, que constantemente nos defrontamos nos embates teóricos que se encontram sobre o guarda-chuva de possibilidades de se estudar a Educação. Sabemos que estamos longe de chegar a um consenso quanto a isto, pois assim como são variadas as perspectivas daquilo que achamos ser o melhor para nossas vidas, e para as vidas dos outros, são também variadas as perspectivas teóricas e metodológicas sobre o que é melhor para a Educação. Poderíamos nos aproveitar desta gama de possibilidades justamente para refletir sobre esta heterogeneidade, e assim, buscar se fortalecer nas diferenças, na pluralidade.



## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. **Condição juvenil no Brasil contemporâneo**. In: *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. Org. Helena Wendel Abramo, Pedro Paulo Martoni Branco. – São Paulo: editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Sobre alguns temas de Baudelaire**. In: *BENJAMIN, Walter. A modernidade e os modernos*. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro : Editora Marco Zero Limitada, 1983.

\_\_\_\_\_. **Coisas ditas**. São Paulo : Brasiliense, 2004.

\_\_\_\_\_. **O senso prático**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2009.

BRANDÃO, Leonardo. **Corpos deslizantes, corpos desviantes: a prática do skate e suas representações no espaço urbano (1972 – 1989)**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal da Grande Dourados / UFGD, 2006.

\_\_\_\_\_. **Esportes de ação: notas para uma pesquisa acadêmica**. In *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, v.32, n° 1, 2010a.

\_\_\_\_\_. **Publicidades da Rebelião: esporte e consumo no ritmo do Punk rock**. In: *Revista de artes e humanidades*, n. 5, 2010b.

\_\_\_\_\_. **“O surf de asfalto”**: a década de 1970 e os momentos iniciais da prática do skate no Brasil. In *Skate e skatistas: questões contemporâneas*. Londrina: UEL, 2012.

\_\_\_\_\_. **Para além do esporte: uma história do skate no Brasil**. Blumenau: Edifurb, 2014.

CARVALHO, Lara. **O espírito punk do movimento do it yourself**. S/D. Disponível em: <<http://pontoeletronico.me/2015/do-it-yourself/>>. Acesso em: 4 de jun 2016.

CASSAB, Clarice. **Contribuição à construção das categorias jovem e juventude: uma introdução**. In: *Locus: revista de história*. Juiz de Fora, v. 17, n. 02. 2011

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. – Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

\_\_\_\_\_. **A noção de relação com o saber:** bases de apoio teórico e fundamentos antropológicos. In: *Os jovens e o saber: perspectivas mundiais*. Org. Bernard Charlot. – Porto Alegre: Artmed Editora, 2001

\_\_\_\_\_. **O sociólogo, o psicanalista e o professor.** In: *O impacto da psicanálise na educação*. Org. Leny Magalhães Mrech. – São Paulo : Editora Avercamp, 2005.

Confederação Brasileira de Skate. **História do Skate no Brasil.** S/D. disponível em: <<http://www.cbsk.com.br/paginas/historia-do-skate-no-brasil>> Acesso em: 4 out.2014.

\_\_\_\_\_. **Modalidade street.** S/D. <<http://www.cbsk.com.br/modalidades/street>>. Acesso em 10 jun. 2016.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa Datafolha 2015.** S/D. Disponível em: <<http://www.cbsk.com.br/eventos/pesquisa-datafolha-2015>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

DOGTOWN and Z-Boys: onde tudo começou. Direção de Stacy Peralta. S.l.: Alliance Atlantis e Vans Off The Wall, 2001.

HONORATO, Tony. **Skatistas, escola e poder.** In: BRANDÃO, Leonardo; HONORATO, Tony (Org). *Skate & skatistas: questões contemporâneas*. Londrina: UEL, 2012.

KLEY, Edinara. **Mais que esporte, skate também é cultura em Florianópolis.** Abr. 2014. Disponível em: <<http://ndonline.com.br/florianopolis/plural/156780-sem-ideia-de-titulo.html>> Acesso em: 2 out. 2014.

LAHIRE, Bernard. **Patrimônios individuais de disposições:** para uma sociologia à escala individual. In: *Sociologia, problemas e práticas*, [S.L], n. 49, 2005.

LOPES, Marco Antônio. **Os reis do asfalto.** Nov. 2005. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/historia/os-reis-do-asfalto>> Acesso em: 9 jul. 2015.

MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. **“Todos juntos e misturados”:** sociabilidade no pedaço skatista. In: BRANDÃO, Leonardo; HONORATO, Tony (Org). *Skate & skatistas: questões contemporâneas*. Londrina: UEL, 2012, p. 63 – 86.

\_\_\_\_\_. **De carrinho pela cidade:** a prática do skate em São Paulo. São Paulo : Intermeios; Fapesp, 2014.

MAGNANE, Georges. **Sociologia do esporte**. São Paulo: Editôra Perspectiva, 1969.

MAGNANI, José Guilherme. **De perto e de dentro**: notas para uma etnografia urbana. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, 17 (49): 2002, p. 11-29.

\_\_\_\_\_. **O circuito dos jovens urbanos**. In: *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 17, n. 2: 2005, p. 173-205.

\_\_\_\_\_. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. 2ª ed. – São Paulo: Hucitec / UNESP, 1998.

MANCHA, Marcelo. Santa Catarina Skatepark. **Its**, Florianópolis, n. 98, p.16-17, jun. 2013.

NOGUEIRA, Maria Alice & NOGUEIRA, Cláudio M. Martins Nogueira. **Bourdieu & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

OLIVEIRA, Cauê. **Skatistas lembram de campeonato histórico realizado em Jurerê**. Abr. 2008. Disponível em: <[http://blogdozero.files.wordpress.com/2008/05/pg15\\_abril.pdf](http://blogdozero.files.wordpress.com/2008/05/pg15_abril.pdf)> Acesso em: 2 out. 2014.

OROZCO, Marcelo. **Três décadas de “faça você mesmo”**. 2010. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/tres-decadas-de-faca-voce-mesmo/>> Acesso em: 26 fev. 2015.

PEREIRA, Julio Gabriel de Sá. **Um olhar sócio-etnográfico sobre a prática dos skatistas na Trinda (Florianópolis – SC)**. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

REVISTA 100% SKATE. **Edição especial entrevistas**. São Paulo, nº 62, 2003.

SCHWINGHAMMER, Stefan (tradução Felipe Minozzi). **Jetlag**: Jake Johnson. Dez. 2014. Disponível em: <<http://www.blackmediaskate.com/site/?p=11074>> Acesso em: 6 fev. 2015.

SPOSITO, Marília Pontes. **A sociabilidade juvenil e a rua**: novos conflitos e ação coletiva na cidade. *Tempo Social*; Rev. Sociol. USP, São Paulo, 5(1-2), 1993.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

VIEGAS, Marcelo. **A questão olímpica**. Out. 2012. Disponível em: <<http://cemporcentoskate.uol.com.br/fiksperto/a-questo-olmpica>> Acesso em: 5 fev. 2015.

WIKIPEDIA. **Burnside Skatepark**. Mar. 2016. Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/Burnside\\_Skatepark](https://en.wikipedia.org/wiki/Burnside_Skatepark)>. Acesso em: 05 jun. 2016.

YNDYO, Eduardo. **Pista do Jurerê / 12 de agosto – Florianópolis**. Mar. 2010. Disponível em: <<http://www.skatecuriosidade.com/pistas-skt/pista-do-jurere>> Acesso em: 04 out. 2014.

\_\_\_\_\_. **Livro Onda Dura – 3 Décadas de Skate no Brasil – 2000**. Mar. 2009. Disponível em: <<http://www.skatecuriosidade.com/livros/livro-onda-dura-3-decadas-de-skate-no-brasil>>. Acesso em: 03 mai. 2016.

ANEXOS<sup>61</sup>

## Anexo 1

Dias	Turmas	Nível Básico I	Nível Básico II	Nível Intermediário I	Nível Intermediário II	Nível Avançado I	Nível Avançado II	TREINAMENTO
		<b>Público Alvo:</b> Iniciantes que nunca ouviram no teatro ou que sabem pouco sobre o teatro. Ainda não conhecem as manifestações teatrais.	<b>Público Alvo:</b> Iniciantes que já ouviram manifestações teatrais de solo, manual, canção, coreografia e transmissões em vídeo, áudio, etc...	<b>Público Alvo:</b> Iniciantes que já ouviram manifestações teatrais de solo, manual, canção, coreografia e transmissões em vídeo, áudio, etc...	<b>Público Alvo:</b> Iniciantes que já ouviram manifestações teatrais de solo, manual, canção, coreografia e transmissões em vídeo, áudio, etc...	<b>Público Alvo:</b> Iniciantes que já ouviram manifestações teatrais de solo, manual, canção, coreografia e transmissões em vídeo, áudio, etc...	<b>Público Alvo:</b> Iniciantes que já ouviram manifestações teatrais de solo, manual, canção, coreografia e transmissões em vídeo, áudio, etc...	<b>Público Alvo:</b> Iniciantes que já ouviram manifestações teatrais de solo, manual, canção, coreografia e transmissões em vídeo, áudio, etc...
Segunda	Manhã	10h às 11h	9h às 17h	9h às 17h	-	-	-	-
	Tarde	15h às 16h	16h às 17h	16h às 17h	17h às 18h	17h às 18h	17h às 18h	17h às 18h
	Noite	-	-	-	-	-	-	19h às 22h
Quarta	Manhã	10h às 11h	9h às 17h	9h às 17h	-	-	-	-
	Noite	19h às 20h	20h às 21h	20h às 21h	21h às 22h	21h às 22h	21h às 22h	21h às 22h
Quinta	Manhã	9h às 10h	9h às 17h	9h às 17h	-	-	-	-
	Tarde	15h às 16h	16h às 17h	16h às 17h	17h às 18h	17h às 18h	17h às 18h	17h às 18h
Sexta	Noite	-	-	-	-	-	-	19h às 22h
Sábado	Manhã	Familiar/Infantil 8h às 9h	Crianças e Adolescentes 9h às 11h	Crianças e Adolescentes 9h às 11h	-	-	-	-

<sup>61</sup> Os anexos que seguem foram encontrados no site do Projeto SKT.



Colégio Catarinense					
Dias	Turmas	Nível Básico 4	Nível Básico 2	Nível Intermediário 1	Nível Intermediário 2
	Turmas	Público Alvo: Iniciantes que nunca subiram no skate ou que ainda não executam manobras	Público Alvo: Iniciantes que já executam elementos básicos como: flip, shove, ollie, 180°, etc...	Público Alvo: Skatistas que já acirram manobras básicas de solo, manual, caronte, corrimão e transições como: flip, 50-50, rock slide, stall, rock wall, aereos, etc...	Público Alvo: Skatistas que já acirram as principais manobras de solo, manual, caronte, corrimão e transições incluindo manobras de bases mas outras 2 bases
Sexta-Feira	Tarde		14h às 15h		
	Noite		19h às 21h		



<b>SÓCIOCT SKT</b>	
<b>Plano Mensal</b> *Aula de Skate e Acesso livre mensal!	R\$150,00
<b>Plano Anual</b> *Aula de Skate e Acesso livre o ano todo!	<b>2 x R\$720,00</b> <b>(20% de desconto)</b>

<b>DIÁRIA (LIVRE)</b>	
Terça, Quinta e Sexta R\$ 15,00	Sab.Dom. Feriados R\$ 25,00
<b>PROMOÇÃO 3 AMIGOS</b>	
Ter. a Sex. R\$ 10,00	Sab. Dom. Feriados R\$15,00
<b>PROMOÇÃO Quarta de LEI</b>	
R\$10,00	

HORA	
Terça, Quinta e Sexta R\$ 10,00	Sab. Dom. Feriados R\$ 15,00
* A cada R\$ 5,00 consumidos na lanchonete ganha 1 hora gratis!	
<b>PROMOÇÃO 3 AMIGOS</b>	
Ter. a Sex. R\$ 5,00	Sab. Dom. Feriados R\$10,00
* A cada R\$ 5,00 consumidos na lanchonete ganha 1 hora gratis!	
<b>PROMOÇÃO Quarta de LEI</b>	
R\$ 5,00	
* A cada R\$ 5,00 consumidos na lanchonete ganha 1 hora gratis!	